



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Vítor Manuel Da Cruz Durães Vilas Boas

A Música Como Estratégia Didática Em Geografia Para As
Aprendizagens Dos Problemas Urbanos

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Secundário,
orientado pelo Professor Doutor João Luís Jesus Fernandes, apresentado ao Conselho de
Formação de Professores

FACULDADE DE LETRAS

A Música como Estratégia Didática em Geografia para Aprendizagens dos Problemas Urbanos

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A Música como Estratégia Didática em Geografia para Aprendizagens dos Problemas Urbanos
Subtítulo	
Autor/a	Vítor Manuel Da Cruz Durães Vilas Boas
Orientador/a(s)	João Luis de Jesus Fernandes
Júri	Presidente: Doutora Maria de Fátima Velez de Castro Vogais: 1. Doutor José Ramiro Marques de Queirós Gomes Pimenta 2. Doutor João Luis de Jesus Fernandes
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	Geografia
Especialidade/Ramo	
Data da defesa	16-11-20
Classificação do Relatório	17 valores
Classificação do Estágio e Relatório	16 valores

Dedicatória

Aos amigos
pela Amizade
À minha saudosa Mãe
Pela Humanidade

Agradecimentos

A realização deste relatório foi possível, pelo alento e apoio de modo incondicional, daqueles que se fizeram presentes e pacientes para comigo, neste momento tão delicado que é um fechar de mais um ciclo.

A minha primeira palavra de apreço é dirigida ao meu orientador, Professor João Luís Fernandes, pelo apoio e preocupação, pela paciência, pelas sugestões, disponibilidade, incentivo e pelo conhecimento transmitido.

O meu agradecimento á professora cooperante, Cristina Nolasco, pela dedicação com que orientou o estágio.

À coordenadora de curso Fátima Velez de Castro, a minha gratidão, pela constante presença, pela disponibilidade, pelo carinho e simpatia, pelas palavras motivadoras nos momentos certos, e sobretudo pela amizade.

Aos meus colegas de estágio Paulo Brandão e Afonso Costa pela presença e partilha o muito obrigado

Ao Robert Junqueira um saravá, pela disponibilidade, pela amizade e pela presença no momento crucial.

À Vera Silva, pela amizade e pela partilha das angústias e inquietações.

À Alma Rivera, pela motivação, carinho e pelo computador emprestado

Ao meu Colega de curso e amigo Francisco Magalhães, pelo apoio e sobretudo pela amizade.

À Clara, pelo afeto.

Ao Jorge, pela amizade em jeito irmandade.

E sobretudo, à Real República do Bota Abaixo que me acolheu estes anos, e que me permitiu que prosseguisse os meus estudos. A todos que durante estes anos lá viveram comigo um estrondoso Kà- Trá- Ká.

Resumo

O relatório aqui apresentado, foi elaborado pelo aluno Vítor Vilas Boas a pretexto da unidade curricular “Estágio Pedagógico e Relatório”. Ele descreve a experiências desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2019/20 na Escola Secundária Avelar Brotero, no âmbito do estágio Curricular na docência em Geografia, no qual se desenvolveu, uma aproximação prática à atividade docente, tanto ao nível das aprendizagens práticas, assim como do aperfeiçoamento científico e técnico. O estágio foi desenvolvido com a supervisão da orientadora cooperante, Cristina Nolasco, que realizou o acompanhamento pedagógico do mesmo.

Na vertente teórica e científica da unidade curricular, a orientação foi desenvolvida pelo professor João Luís Fernandes.

O relatório é assente em três eixos estruturais. O enquadramento teórico científico em volta do processo urbano e dos problemas resultantes desse tema. O enquadramento teórico, a implementação prática e a análise de resultados a respeito da utilização da música como estratégia de aplicação didática nas aulas de geografia. O último eixo tem como finalidade caracterizar a escola onde o estágio foi realizado e abordar as experiências proporcionadas pela realização do estágio, tanto na componente léctica como nos seus múltiplos aspetos.

Palavras Chave: Ensino em geografia; Problemas Urbanos; Cidades; Paisagens sonoras; Música

Abstract

This report was written by Vítor Vilas Boas on behalf of the "Internship and Report" program. He describes experiences acquired throughout the 2019/20 school year at Avelar Brotero Secondary School, as part of the Curricular Internship in the teaching of Geography, where he was engaged in a hands-on approach to the teaching activity, both in terms of experiential learning and scientific and technical refinement. This internship was supervised by Cristina Nolasco, a cooperative tutor, who monitored the teaching.

Regarding the academic side of the course, guidance was provided by professor João Luís Fernandes.

The research was based around three structural axes: the theoretical and scientific approach towards the urban process and the issues arising from it; theoretical framework, the practical execution, as well as an analysis of outcomes related to the usage of music as a teaching strategy in Geography classes; the final axis is intended to describe the school where the internship took place and address the experiences made by completing it, either in the teaching component as in its multiple aspects.

Keywords: Teaching in geography; Urban Problems; Cities; Soundscapes; Music;

Índice

<i>Agradecimentos</i>	2
<i>Resumo</i>	3
<i>Abstract</i>	4
<i>Índice de figuras</i>	7
1) <i>A Geografia e a Cidade</i>	9
2) <i>Polis, Civitas e Urbe: o conceito de cidade</i>	10
3) <i>O problema da urbanização</i>	21
4) <i>A segregação do espaço urbano</i>	22
5) <i>A pobreza urbana à escala global</i>	25
6) <i>Os problemas ambientais urbanos</i>	27
7) <i>A música e sons como elementos geográficos</i>	30
8) <i>Introdução pedagógica</i>	45
9) <i>A Música e os benefícios da musicalização</i>	47
10) <i>A Música em sala de aula</i>	49
10) <i>A Música no ensino da Geografia</i>	53
11) <i>Preparação da estratégia didática</i>	54
12) <i>A implementação em Sala de Aula</i>	62
13) <i>O meio envolvente da escola. o “Calhabé”</i>	77
14) <i>A envolvente escolar</i>	81
15) <i>Caracterização da escola</i>	82
16) <i>A comunidade escolar</i>	86
17) <i>A oferta formativa</i>	87

18)	<i>O grupo de estágio e a professora cooperante</i>	87
19)	<i>O estágio curricular</i>	90
20)	<i>Caracterização da turma Y</i>	95
21)	<i>Os conteúdos programáticos em Geografia A</i>	102
	<i>E a planificação</i>	102
22)	<i>Conclusão</i>	107
	<i>Bibliografia</i>	109
	<i>Anexos:</i>	115

Índice de figuras

Figura 1-Cedric Price "The city as an egg"	15
Figura 2- População urbana e rural no mundo	16
Figura 3- População urbana por regiões	19
Figura 4- esquema teórico do processo preceptivo	37
Figura 5- Número de respostas por grupo à pergunta 2	62
Figura 6- Problemas Urbanos identificados na canção (por Grupo)	63
Figura 7- Nº de Respostas por aluno à pergunta 2	64
Figura 8- Problemas urbanos identificados na canção, por aluno.	64
Figura 9- resultados da questão: Gostas de Música?	65
Figura 10- Resultados da questão: Nos anos anteriores, algum professor utilizou a música em sala de aula?	66
Figura 11- resultados á questão: Com que frequência ouves música?	66
Figura 12- Resultados da questão: Quando ouve música, você:	67
Figura 13- resultados da questão: A Música em sala de aula?	67
Figura 14-. Resultados da afirmação: Gostei de utilizar música em sala de aula.	68
Figura 15- Resultados da afirmação: Considero que utilização da música em do Gabriel o pensador foi adequado temática dos problemas urbanos.....	68
Figura 16- Resultados da afirmação: A estratégia com música contribuiu para o aumento do meu interesse sobre a matéria.	69
Figura 17- Resultados obtidos da afirmação: O tempo despendido com música foi suficiente para o meu processo de aprendizagem	69
Figura 18- Resultados da afirmação: Gostava de voltar a utilizar músicas em sala de aula.	70
Figura 19- Resultados da afirmação: Tenciono utilizar música fora do contexto de aula para relacionar com as matérias.	70
Figura 20- Resultado da afirmação: A música pode ser uma ferramenta positiva para as aprendizagens em geografia	71
Figura 21- Resultado da afirmação: O professor explica a meteria e responde ás questões de forma clara e compreensível.	71
Figura 22- Resultado da afirmação: Os conteúdos das aulas ministradas pelo professor foram de acordo com o programa r objetivos s proposto	72

Figura 23- Resultado da afirmação: A quantidade de informação apresentada nas aulas foi em geral adequada ao tempo disponível.	72
Figura 24- Resultados da afirmação: O professor fomentou o envolvimento ativo e crítico dos alunos.....	73
Figura 25- Resultado da afirmação: O professor fomentou, a autoaprendizagem dos estudantes fora da aula.....	73
Figura 26- Resultados da afirmação: O professor mostrou disponibilidade para esclarecer dúvidas fora das aulas.....	74
Figura 27- Resultados da afirmação: A minha apreciação global sobre a qualidade pedagógica do docente é positiva. :	74
Figura 28- Planta de urbanização do Calhabé (extensão sueste)	77
Figura 29- Planta do Calhabé na da década de 60.....	78
Figura 30- Planta atual do Calhabé.....	79
Figura 31- Vista aérea da zona escolar do calhabéE.....	81
Figura 32- Esquema de ocupação da Escola Industrial de Brotero em Coimbra	82
Figura 33- Espaços acupado pela Escola Industrial de Botero, planta 1874/75	83
Figura 34- Entrada principal até 2008.....	84
Figura 35-Entrada Principal atual da Avelar Brotero	85
Figura 36-Planta da requalificação da Avelar Brotero.....	86
Figura 37- Imagem 3D da Avelar Brotero.....	86
Figura 38- Caracterização da turma por gênero	95
Figura 39- Idades na turma.....	96
Figura 40- Escolas básicas de origem	96
Figura 41- Frequência de estudo.....	97
Figura 42- Equipamentos em casa	98
Figura 43- Livros em casa	98
Figura 44- Livros lidos por ano.....	99
Figura 45- Residências dos alunos.....	99
Figura 46- Encarregados de educação	100
Figura 47- Habilitações literárias do pai	101
Figura 48- Habilitações literárias da mãe.....	101
Figura 49- Enquadramento da subunidade didática Problemas urbanos	103
Figura 50- Temáticas abordadas na subunidade didática	104

1) A Geografia e a Cidade

“Face à grande questão que sempre se colocará aos humanos: «onde está a felicidade?»; se considerarmos o acesso às necessidades básicas – alimentação, habitação, saúde e educação, e a sua conjugação com o bem fundamental que é a liberdade, é sem dúvida na cidade que o acesso conjugado está mais garantido. Continua a ser válida a máxima medieval de que «o ar da cidade torna o homem livre».” (Gaspar, 2016, p. 23)

Até ao fim dos anos 60 do século XX, a ciência geográfica regia-se por um pensamento predominantemente ideográfico de cariz possibilista, que ficaria conhecido na História da Geografia como paradigma regional-vidaliano (em homenagem ao mestre francês Vidal de La Blache). Com esta abordagem teórico-epistemológica, o conceito de cidade era analisado à luz de uma perspetiva histórica e cultural (Capel, 2012; Claval, 2015). Há a destacar os contributos da chamada Escola de Chicago, com nomes como R. Park, E. Burgess e R. Mckenzie, que, no início do século XX, tentaram aplicar às ciências sociais, em concreto ao espaço urbano, os princípios da ecologia. A cidade era abordada principalmente como uma unidade espacial, com uma área e limite e centro bem delineada, com uma aglomeração populacional e pela organização funcional com uma localização concreta e bem delineada, que conferia a visão de cidade como uma totalidade, mas também marcada por fatores históricos, culturais e vivências comuns e, portanto, uma organização social (Marafon, 1996).

A partir da década de 1960, com a emergência de uma Geografia assente numa filosofia positivista, a cidade passou a estar no centro das preocupações dos geógrafos. Aí a ciência geográfica passou a ter uma abordagem maioritariamente nomotética, tendo por objetivo a eficaz formulação de leis, de modelos. Aqui o espaço urbano passou a

ser encarado com uma perspetiva relacional, onde havia uma forte importância da hierarquia dos lugares. Em Portugal, os primeiros trabalhos neste âmbito aparecem pela mão de Jorge Gaspar, sendo de destacar a sua tese de doutoramento “A área de influência de Évora: Sistema de funções e lugares centrais (1972).

Na década de 1970 surgem os primeiros trabalhos em Geografia radical-marxista, Geografia pós-estruturalista- *Cultural turn* e a crítica ao estruturalismo.

É tendo tudo isto presente que importa perceber que a relação da ciência geográfica com a cidade foi variando ao longo do tempo. Os olhares que os geógrafos lançam sobre a cidade e o urbano são múltiplos e regidos por diferentes bases teóricas e epistemológicas, que amiúde coexistem num mesmo tempo histórico. Atualmente assistimos, no seio da Geografia, a uma ciência onde visões quantitativistas (teoricamente ainda muito devedoras ao neopositivismo dos anos 1970), marxistas, pós-estruturalistas e qualitativas (muito ligadas aos novos paradigmas da Geografia Cultural – teorias não-representacionais/mais que representacionais), coexistem num mesmo tempo, complexificando a noção de cidade (Capel, 2012). Atualmente é de elevado grau de dificuldade definir de uma forma certa e inequívoca a noção de fenómeno urbano quer no âmbito morfológico, como na sua conceptualização (Beaujou-Garnier, 1983). Contudo, podemos afirmar que a(s) cidade(s) e a suas múltiplas complexidades são um dos objetos de estudo prediletos dos geógrafos desde os anos 1970 até à atualidade.

2) Polis, Civitas e Urbe: o conceito de cidade

Embora tanto a polis como a Civitas fossem lugares bem definidos e organizados, no caso da polis, ela era constituída pela acrópole, que se localizava no cimo da colina cercada e muralhada e onde se edificavam os templos. A cidade baixa onde a Agora se localizava era o espaço central livres de edificações. Tanto no caso como da polis como da Civitas os seus habitantes não a designavam pelo seu espaço geográfico, para eles, quando se referiam à polis ou à Civitas, referiam uma dimensão política. Para eles a cidadania não correspondia ao ser habitante, mas sim ao direito a participar nas questões políticas. Tanto a ágora, como a cidadela embora de maneiras distintas, são o centro do poder. No entanto, existem diferenças importantes a salientar, na polis só poderia ser cidadão quem fosse autóctone, assim a cidadania estava

infinamente ligada ao local, a fatores étnicos e religiosos. Assim a polis é o lugar unidade de indivíduos da mesma proveniência de lugar. Este fator faz com que polis seja um lugar fechado, onde cada cidade estado acabava por ser uma ilha fechada em si, estagnada na sua dimensão física.

Por outro modo, a Civitas não é um resultado de fatores ligados á questão religiosa ou étnica, mas sim à lei. Roma é desde a sua matriz fundadora, uma junção de habitantes de proveniências e religiões completamente distintas, onde a concordância regida pela lei regula a convivência. Estas diferenças, fazem com que a polis fique estática, onde o espaço urbano não tem necessidade de se expandir ou de criar confederações, as que existiram foram por motivos muito específicos e não perduraram. A Polis não se expande porque lhe é impossível incorporar membros exteriores, e por receio, que que o seu alargamento fosse razão da perda do seu Génos. Por sua vez a civitas, tem um propósito diferente devido à sua génese, que é constituída por multiculturalidades então a civitas, não justifica a sua existência nas suas origens, mas sim na finalidade, cujo objetivo é criar a concórdia por via da lei, esse objetivo permite à civitas estender-se, e alargar as suas fronteiras, uma cidade em movimento.. (Cacciari, 2010)

Para os gregos a expansão da polis, significaria o perder dos traços espacialmente distintivos e representativos da cidade. Por sua vez a Civitas tem como característica a sua expansão e multiplicação, por via da romanização e pela criação do império, que sempre que possível se vai estendendo e dilatando as sua fronteiras e colonizando os territórios e onde a Urbs é o centro do império e onde se instalam os grandes símbolos políticos como, o Senado, a República e o Imperador. (Cacciari, 2010) Deste modo, podemos definir a Polis como, cidade estanque na sua dimensão física, com formas bem delimitadas, com uma dimensão, Pública, estatal e Política e administrativa que a regia. Enquanto a Civitas, é definida por ter um caracter, expansivo e imperial, criadora de infraestruturas, com a dimensão privada muito assente assim como o simbolismo. E é a Civitas que dá origem à Urbs. A Polis incide sobre a política organizacional e administrativa da vida da polis e do território. Por sua vez, a Civitas, privilegiava as vivencias sociais dos habitantes na cidade. Assim, a Urbs está relacionada aos aspetos físicos e formais da cidade, do espaço construído e das suas características.

Com a queda do Imperio romano, e com surgimento do período da Idade média, a cidade medieval desenvolveu-se com base nas formas pré-existentes até então. A cidade medieval, tal como a Polis e Civitas, era espacialmente bem precisa e fácil de se assinalar num mapa, com uma área e limite e centro bem delineado normalmente dentro de muralha, marcada por uma

aglomeração populacional e pela organização funcional, com uma localização concreta e bem delimitada, que conferia a visão de cidade como uma totalidade bem definida onde os portões permitiam ou negavam o contacto com o exterior .

Os territórios exteriores da muralha eram, o espaço rural ou campo, com formas de povoamento disperso e com densidades polucionais mais baixas. Tais eram os territórios que tinham como função a produção de alimentos para a cidade. Povoado por classes mais humildes que se dedicavam às atividades agrícolas, e onde geralmente os terrenos estavam na posse de aristocratas que utilizavam o espaço rural para atividades lúdicas, como forma gerar rendimentos e títulos, a cidade, no seu percurso histórico, foi criando um conjunto de regras, que serviam para manter e desenvolver o modo de vida urbano. Este foi-se desenvolvendo através de atividades comerciais, do qual se beneficiava, pela localização, posição e sítio onde se fixavam, geralmente alto de colinas ou de escarpas que juntamente com a edificação de muralhas, garantiam condições de salvaguarda de invasões inimigas e de poder sobre o espaço rural envolvente e seus habitantes. Aqui, acontece uma relação de poder territorial e social entre a cidade e o campo, onde a cidade exerce uma relação de domínio sobre o campo, no qual o território dominante e a sua fronteira poderiam ser facilmente delineados através de uma geometria básica.

“... composta por um espaço circular centrado num lugar que representaria uma polaridade (ponto) e uma área de influência (superfície); um centro (poder) e uma periferia (dependência). (Domingues, 2015, p. 2)”

Os níveis de graus de especialização e das capacidades que uma cidade ia desenvolvendo, servia como afirmação da cidade em relação a outras e desse modo ampliar o seu grau de polarização ou para melhorar o seu nível hierárquico em relação com as de menores atributos. As cidades fomentaram a sua relevância através do poder proveniente do Estado, fruto do robustecer da realeza ao nível Político. A cidade para além de ser o espaço do comércio, começa a ter uma componente administrativa e de organização do território que se desenvolve de acordo com decisões políticas. “Tende então a acentuar-se a hierarquia urbana e o contraste cidade-campo (Lema, 1997).” Assim, desde a sua formação a cidade é alicerçada na organização do território e na relação política.

Com a revolução industrial, a cidade entra numa fase de mudanças acentuadas, e passa ser o lugar do trabalho, tal como a sofrer um conjunto de mudanças no que diz respeito a várias das suas dimensões, nomeadamente as suas formas urbanas, tecido urbano, e centralidades. A industrialização marca um processo que tem como especto fundamental, a preponderância da

atividade industrial em relação às outras existentes. Ao contrário das atividades do primeiro sector, como a agricultura e pecuária, que produziam de modo disperso nas áreas rurais, a função industrial, dada a sua forma de produção, encontra na cidade o local para se fixar a sua, pois é na cidade que as populações que proporcionam a força de trabalho necessária para o seu exercício se aglomeravam. A industrialização foi fulcral para o aumento da população nas cidades decorrentes de fluxos migratórios oriundos do espaço rural. A fixação populacional cada vez em maior número fez com que surgisse uma nova forma de aglomerado, onde a fábrica e os “Slums”, bairros pobres, se tornaram os principais elementos desta transformação.

A cidade tornou-se o palco onde surgiram novas formas de vida, decorrentes do triunfo do capitalismo. A incessante industrialização, absorveu a cidade e modificou as formas da urbanização existentes até então, transformando a própria cidade. Ao redor das cidades, o processo de urbanização ganhou novas e variadas formas. Até aqui a cidade era um lugar, mais ao menos canonizado na sua forma. Como já foi dito, “A urbanização é um processo que a todo o instante ganha forma nos lugares e em todo lugar (Domingues, A cidade ainda existe?, 2018)”. Este processo fez com que os núcleos da cidade desconfinassem, surgindo um novo organismo, até então inexistente. A cidade muralhada, pela sua forma, só consegue absorver até uma certa densidade, população e edificado. Este facto fez com que, nos espaços circundantes, a urbanização se desenvolvesse, originando a periferia, que surgiu em contraposição ao centro.

“É o grau de afastamento a um centro que clarifica a posição periférica (física, social, morfológica, etc.) e esta é-o tanto mais quanto maior é a visibilidade, o posicionamento, o poder e a clareza dos atributos da condição central (Domingues, 1994, p. 5).”

O crescimento da periferia decorreu por albergar bairros operários onde residiam as populações operárias, tal como bairros mais luxuosos; e, com isso, também um sem número de variadas infraestruturas. A revolução industrial, para além da força de trabalho, foi impulsionadora da criação de meios de transporte mais eficazes, pois esse suporte era necessário tanto para receção de matéria prima, como para a distribuição dos produtos produzidos, tal como para que os trabalhadores se deslocassem até aos centros de produção. Convém frisar, que nem toda a indústria se localizava na cidade, alguma indústria que se localizavam fora da cidade, para estarem adjacentes a fontes de energia, dos recursos materiais para a sua transformação, do qual o sector metalúrgico é exemplo. Em muitos casos este processo fez com que se originassem cidades. A produção em larga grande escala fez com que o mercado alargasse a sua atividade económica a escalas regionais, nacionais e internacionais. Deste alargamento das atividades

económicas derivou a fundação das redes urbanas, que resultaram numa relação de dependências e interdependências entre cidades, originado assim o conceito de hierarquias urbanas.

No pós-guerra, com a reorganização do trabalho entre as funções de decisão e a execução, a indústria tendeu a relocar a sua produção para os subúrbios. De entre os fatores que tornaram possível o fenómeno da relocação da produção industrial nas áreas suburbanas, constam o surgimento dos meios públicos de transporte, do fenómeno automóvel, das telecomunicações. Depois do pós-guerra, com a globalização, o processo de urbanização viu-se facilitado pelo surgimento de novos meios tecnológicos, tal como da sociedade de consumo. Tal surgimento intensificou o processo de urbanização à escala global.

“Da revolução industrial, passamos à globalização e à mundialização das relações económicas, políticas, culturais e sociais. Dando continuidade ao processo encetado pela máquina industrial, o global e o digital favorecem a homogeneização mundial... (Franca & Cravidão, 2008, p. 211).”

A urbanização tende a aumentar como uma mancha de óleo em alguns locais, com manchas que poderiam representar milhares de quilómetros de extensão, resultando na formação das megapólis. Noutros casos, a expansão urbana não atinge manchas tão extensivas, como no caso português, em cujas cidades de média e pequena dimensão a produção tende a deslocar-se (Lema, 1997). Deste modo, é perceptível que a cidade, por ser ao mesmo tempo, polis, urb, e civitas, porta uma definição imprecisa e portanto, quase sempre contestada. O espaço construído através de infraestruturas e edifícios de vários tipos, como habitações, hospitais, museus, entre tantos outros, remete a cidade para a urb. A cidade também é constituída por uma realidade social composta pelos que nela habitam, o que nos remete para civitas. No entanto ela também é, uma unidade política e administrativa, o que serviu de base para sustentar o início da sua formação. É a faceta da polis, que a cidade carrega. (Sáez, 2003)

A cidade nas suas origens, tal durante longos períodos da história, correspondia praticamente à totalidade do território urbanizado, com uma morfologia bem demarcada através das suas fronteiras com um centro, forma e limites bem delineados, que demarcavam, para lá desses limites, o espaço rural. Com a Revolução industrial o espaço urbanizado cresceu para além dos seus muros, dando continuidade à urbanização para além dos limites anteriores, criando uma área periférica que resultou num distanciamento físico e social, de onde surge o conceito de áreas metropolitanas.

No estágio seguinte, a urbanização é representada de forma fragmentada e dispersa ao longo de vastos territórios e com várias concentrações. Estas transformações, embora de uma forma vaga, podem ser perceptíveis na metáfora cidade, ovo cozido, ovo estrelado, e ovos mexidos, representada na figura abaixo.

Figura 1-Cedric Price "The city as an egg"

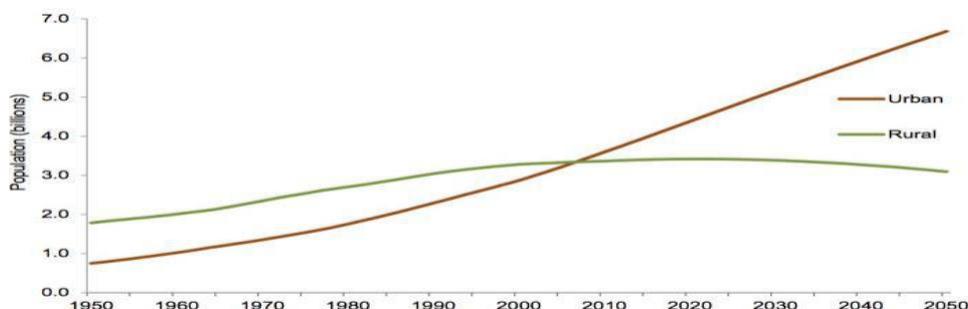


A metamorfose da urbanização atingiu tal dimensão que as três formas coexistem simultaneamente. E com isto abordado, esta passagem da cidade para o urbano fez com que a cidade, por conta de um sem número de fenómenos resultantes dessas mutações, se transformasse de modo complexo. Tal como a entendemos no mundo ocidental a cidade, na sua origem, era bem demarcada, aglutinada, continuada, nítida e estável no que diz respeito a estas características, pelo que saiu das suas fronteiras e alastrou-se, tornou-se difusa e fragmentada, criou novas formas e espacialidades, passou a ser policêntrica, e tudo derivado do aparecimento de veículos e infraestruturas que foram reduzindo o atrito e criando redes de onde surgiram outras formas de mobilidade. Assim fortaleceu-se no rural, antes oposto de cidade, para se mesclar. No rural, formou territórios e lugares transgênicos. (Domingues, 2010) Tonou-se permeável; recorrendo à analogia: de um ovo cozido passou a ser um ovo estrelado; do ovo estrelado, passou a ser mais parecida com uns ovos mexidos e, por fim, passou a ser uma "Frittata", espaço onde "a forma urbana remete a uma espécie de omelete composta por alguns nacos contínuos de solo urbanizado e um conjunto disperso de ruturas, fractais e vazios (Castelo, 2013, p. 28)."

Para a formação do espaço urbano ser entendida, devemos considerar que ele é produzido por uma dupla natureza, social e espacial (Gama, 1992). Assim o espaço urbano é concomitantemente sociedade e território. Em consonância, o espaço urbano deve ser entendido como um território que é consequência da relação entre os indivíduos que o compõem, nas suas ações individuais e coletivas, tal como do ambiente físico no qual os quotidianos se desenrolam. Por conseguinte, a primeira ideia, da complexidade dos relacionamentos entre os indivíduos que compõem o espaço urbano, deve ser entendida como comunidades, já a segunda, do ambiente físico, como habitat (Rossa, 2015). Para Lefèbvre, a urbanização é um conceito que ultrapassa o conceito de cidade, pois defende que a urbanização é o resultado da junção da produção social com a espacial (Lefèbvre, 1991). David Harvey no seu livro “Urbanismo e Desigualdade Social”, refere que “toda teoría general de la ciudad ha de relacionar, de algùn modo, los procesos sociales en la ciudad con la forma espacial que la ciudad asume” (Harvey, 1977, p.16).

Ao longo do tempo, o espaço urbanizado tem vindo a atingir uma maior relevância e predominância como espaço preferencial e habitado pela população. É um fenómeno que se foi produzindo de forma progressiva e que se pode considerar dominante em todo o globo. Pois se no início do século XIX a população urbana era de apenas 1,7%, em 1950 a percentagem já se situava nos 21%, na década seguinte a população sobe aos 25%, e os números sofrem novo aumento nos anos 70, com mais 5% de população urbana do que na década anterior. Em 1980, a população urbana mundial aumentou a percentagem para 41,5% (Santos, 1988), e em 2018 o número estimado é de 55,3%, sendo que as projeções para 2030 apontam para os 60% (United Nations, 2019). Se na mudança para o ano 2000 existiam 371 cidades com um milhão de habitantes ou mais, em 2018 o número de cidades com pelo menos 1 milhão de habitantes aumentou para 548 (United Nations, 2019), como atestado pelo gráfico infra:

Figura 2- População urbana e rural no mundo



Fonte: Nações Unidas (2014) 1 População Urbana e Rural no Mundo. 1950-2050

Embora o fenómeno urbano global seja hoje o território vivido para a maior parte da população mundial, devemos ter a consciência que esse foi um processo lento, pois só em 2008 é que mais 50% da população mundial passou a habitar a urbanização, pese embora quase 1/4 residisse em espaços de urbanização vulnerável, precária e espontânea. Este lento caminho trilhado pela humanidade em direção à construção do mundo urbano, foi feito sobretudo por fluxos migratórios populacionais do rural em direção ao urbano, marcado por motivos de refúgio, procura de melhores condições de sobrevivência, um percurso marcado por trajetos de dor e de esperança, sacrifícios e sofrimento, até que o urbano de fato estabelece, hoje, o seu predomínio na vivência da maior parte da humanidade, o que torna o “fenómeno da urbanização, hoje, avassalador” (Santos, 88, p. 16). Aliás, de acordo com Rossa (2015, p.478), o predomínio do fenómeno urbano não irá esmorecer, “o que constituirá o confirmar da *condenação* definitiva da humanidade à situação urbana”.

A intensificação deste processo que surge como resultado do processo de industrialização e serviços que contribuiu para a criação de postos de trabalho e para o crescimento de estruturas económicas, ficando assim ligado a fatores de aumento de produtividade e transformações culturais e sociais. Portanto, aderir ao urbano acarreta consigo a modificação da forma de vida, que acontece de uma forma profundamente complexa, onde se verifica a mudança de comportamentos no que diz respeito ao surgimento de novas formas de produção e de consumo, das quais resultarão a promoção e criação de diferentes formas de residir e viver que provocam alterações nos modelos do uso do tempo e do espaço (Gaspar, 2005).

Embora este aumento se verifique de uma forma globalizada, o processo de urbanização concretiza-se ao nível espacial em diferentes fases. Num primeiro momento, como acima referido, o processo de urbanização é impulsionado pela industrialização. Este processo levou a uma diminuição demográfica no espaço rural e a um aumento das cidades, tanto em número como em dimensão. A segunda fase decorre por conta do movimento populacional, dando-se uma extensão do espaço urbano para as áreas rurais. A terceira fase ocorre com o sofrimento, por parte dos centros urbanos, de uma maior intensificação urbana e com o emergir de novos centros. Este fenómeno populacional concretiza-se, de uma forma globalizada, mediante diferentes ritmos e com resultados diferentes em espaços distintos. Desta forma, dá-se uma produção espacial que resulta no surgimento de novas cidades com

as mais diferentes áreas, desde metrópoles a megacidades, do que resulta um aumento da taxa de urbanização à escala global.

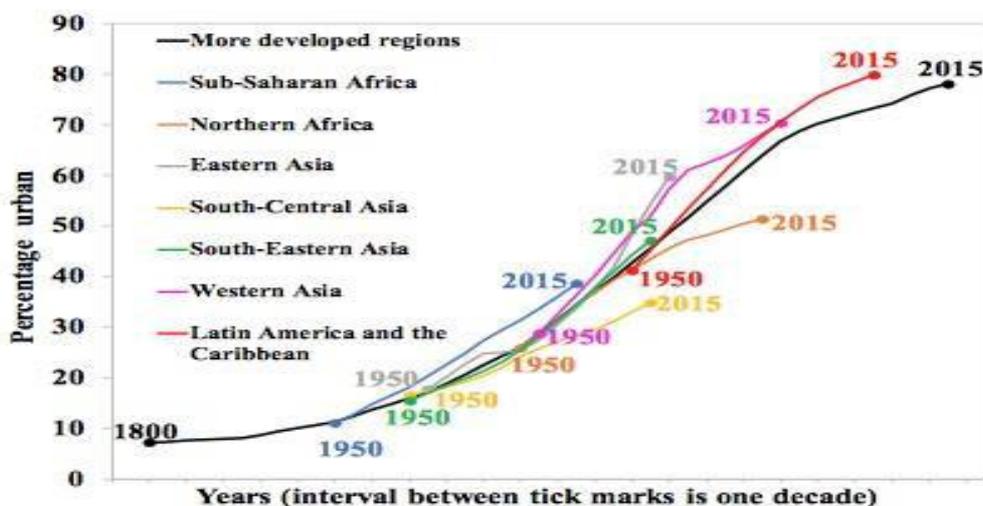
Embora ocorra de forma globalizada, o aumento da taxa de urbanização ocorre segundo formas e ritmos diversos, produzindo efeitos socio-espaciais desconformes. Nos países mais desenvolvidos ocorreu a uma velocidade mais moderada, motivo pelo qual as cidades se foram estendendo de forma mais ou menos coerente e otimizando as suas condições, de forma a receber os migrantes, criando infraestruturas urbanas e fomentando políticas que visavam o aumento dos postos de trabalho. Em contrapartida, no Sul Global, a urbanização cresceu a um ritmo bastante mais acelerado, e com infraestruturas e economias mais frágeis, do que resultou o aumento, em dimensão, dos problemas urbanos, tal como das dificuldades em resolver ou diminuir os seus impactos. Assim, no âmbito da intensificação do processo de urbanização, criou-se

“um desfasamento entre as exigências sociais e as condições criadas no ambiente urbano, em grande parte dos territórios a Sul esta disparidade terá atingido proporções especialmente gravosas, com velocidades de urbanização muito superiores, e uma maior fragilidade económica que se traduziu em constrangimentos acrescidos para as gerir” (Domingues & Fernandes, 2015, p.13).

Assim quando comparadas à escala regional, as regiões menos desenvolvidas têm apresentada uma taxa de urbanização mais acelerada nas últimas décadas, embora se encontrem exceções a este fenómeno, como o caso do Norte de África e Sul da Ásia central, o da África Subsaariana, Ásia Oriental e Ocidental, América Latina e o Caribe, onde este fenómeno evolui a uma velocidade relativamente intensa. Caso paradigmático é o do Leste da Ásia, que atinge um ritmo de aceleração da urbanização mais intenso e com maior incidência nas duas últimas décadas. No caso a Ásia Ocidental, viu a população urbana ser aumentada em três vezes em apenas seis décadas e meia, passando a percentagem de população a residir em áreas urbanas de 18% para 60%. Se comparado com regiões mais desenvolvidas, verifica-se que este processo de urbanização foi significativamente mais lento, com a população urbana a demorar cerca de oito décadas para atingir estes números.

“Eastern Asia is the region that had experienced the most rapid urbanization, especially over the last 20 years. The share of the urban population in Eastern Asia more than tripled in 65 years, rising from 18 to 60 per cent between 1950 and 2015, while a similar change in the more developed regions required about 80 years, between 1875 and 1955” (Nations, Population Facts, 2018, p. 1).

Figura 3- População urbana por regiões



Fonte: ONU 2018

°...

A escala regional é interessante de se observar, mas não é suficiente pois pode levar a percepções generalizadas e muitas vezes erradas sobre o fenômeno da urbanização, pois também à escala dos países o fenômeno ocorre sob diferentes ritmos. Se em 1950 apresentam níveis semelhantes de urbanização, o seu desenvolvimento urbano apresenta trajetórias bastante diferentes no que diz respeito ao ritmo das trajetórias. No Brasil e no Egito, na década de 50, verificava-se um nível de população urbana bastante semelhante, se bem que, com o decorrer das décadas, as trajetórias se tornaram cada vez mais distintas, com o Brasil a apresentar uma taxa de população urbana em rápido crescimento, e o Egito a apresentar, particularmente a partir dos anos 70, um afrouxamento da fixação de população nas áreas urbanas.

A maioria da população urbana está fixada em cidades com menos de um milhão de habitantes. Em 2018, 48% da população urbana à escala global estava estabelecida em cidades com menos de 500 mil habitantes, enquanto 400 milhões (ou seja, 10%) de habitantes residiam em cidades com populações numa ordem que varia entre os quinhentos mil e um milhão de habitantes. Assim, é discernível que as cidades de pequena dimensão compreendiam cerca de 58% da população urbana, e que essas são as cidades que absorvem a maior parte de população urbana à escala global. Com efeito, tal verifica-se em todas as regiões do mundo com exceção da Oceânia, onde a maioria dos habitantes urbanos reside

em cidades médias, que a nível global duplicaram a sua população entre 1990 e 2018. No caso das grandes cidades – que são os espaços urbanos onde residem entre 5 e 10 milhões de pessoas e nas quais, em 2018, residiam 8% da população urbana mundial –, a população que se concentram nas cidades médias difere bastante de região para região.

Sendo um facto que as grandes cidades não são as mais representativas ao nível do total da população urbana, o aumento em número destas cidades tem sido progressivo, pois, se em 1990 eram 21 existentes no globo, já em 2018 o número passou para 48, fixando cerca de 325 milhões de pessoas. A Cidade-região tem como grandes características as suas dimensões e o elevado número de habitantes, tal como de concentração económica. Embora residam nelas apenas 1 em cada 8 habitantes urbanos existentes no mundo, o facto é que a estas formas de cidade têm crescido em população e em número a um ritmo considerável, pois em 1990 existiam apenas 10, nas quais residiam 153 milhões de pessoas. As taxas populacionais das grandes cidades foram aumentando a um ritmo acelerado, triplicando até aos nossos dias não só o número de cidades, mas também o número de população, que passou aos 529 milhões de pessoas, representando um estrato de população urbana que, se em 1990 era já de cerca de 7%, em 2018 saltou para os 13%.

Ao nível da localização, as megacidades têm incidido com maior expressão, ao longo das últimas décadas, no Sul Global, como sejam os casos da Ásia, América Latina e África. À medida que se verifica um aumento da população urbana, as áreas urbanas também acabam por expandir-se, tanto horizontal quanto verticalmente, de forma a absorver a fixação da população. Se durante grande parte do processo histórico a taxa de expansão urbana era considerada diminuta – com os limites das cidades, mormente no continente europeu e na China bem delineados, com a construção de muralhas, que tinham como função a defesa, mas também para a separação das cidades dos arredores –, nas cidades contemporâneas é difícil delimitar as suas áreas físicas, pois existe uma tendência para que elas também se expandam.

“Hoje vivemos cada vez mais em cidades sem confins, palimpsestos complexos onde cascos históricos, subúrbios massificados ou de luxo, interstícios rurais, cidades de média dimensão ou parques naturais se articulam entre si no quadro de dinâmicas urbanas de extensão geográfica muito diversificada” (Ferrão, 2003, p. 2).

Existe uma tendência para a área urbana se estender de uma forma proporcional relativamente ao aumento da população que nela se fixa, muito embora a expansão da

na maioria das cidades galope a uma maior velocidade. A vida compacta das cidades tende a sofrer alterações, com as populações a fixarem-se para lá dos centros urbanos e os padrões do crescimento urbano a expandirem-se continuamente, o que implica não só um uso mais intenso dos solos e dos recursos naturais, mas também uma maior intervenção nos ecossistemas, estimulando um fenómeno de suburbanização que se vai instalando de forma generalizada em quase todos os países. A par deste fenómeno, outra característica que se vai verificando um pouco por todo o mundo é o fenómeno de periurbanização, que consiste no surgimento de áreas com características simultaneamente rurais e urbanas, ou seja áreas híbridas onde as atividades de um modo geral combinam características urbanas e rurais, e onde muitas vezes as suas populações habitam realidades dinâmicas e multiespaciais. De acordo com Seto e Fragkias, “The peri-urban interface refers to spatially and structurally dynamic transition zones where land use, populations, and activities are neither fully urban nor rural” (Seto & Fragkias 2010, p. 177).

3) O problema da urbanização

A progressão da urbanização, isto é, do modo de vida urbano à escala global coloca um conjunto de problemas urbanos diversificados e complexos. Contudo, as cidades sempre tiveram problemas, como incêndios, epidemias e violência perpetrada por ataques inimigos à cidade, desde os tempos que marcam as suas origens. No entanto, o processo mais recente de urbanização, que ocorre a um ritmo acelerado, coloca um novo conjunto de problemas sócio-espaciais e pluridimensionais, de acentuado carácter ambiental, urbanístico e económico, a serem somados aos velhos problemas a que acima aludimos. É um facto que grande parte da população urbana, que faz a migração rural-urbano, encara a cidade como um lugar de oportunidades, passível de proporcionar melhores condições de vida por conta da fabricação de um mito, o de uma imagem idílica da cidade como centro de poder, dinâmica económica e progresso científico.

Grande parte da população urbana considera que a cidade é o espaço de produção e de fácil acesso aos bens materiais correspondentes à satisfação daquelas que se consideram ser as necessidades básicas e secundárias. Para além de toda a prosperidade e das oportunidades relacionadas com o espaço urbano, existe um sem número de riscos e perigos, os mais recentes dos quais resultaram de um crescimento urbano a um ritmo 21

acelerado, sem planeamento estruturado de forma conveniente, ou então por falta de investimento público e privado, mas também por inúmeros outros fatores, como sejam a má governança, o declínio económico, as ações antrópicas e exógenas, os sismos, terremotos, e inundações. O risco tem tendência para ser maior em amplitude e em diversidade, conforme a densidade da população, que através das suas atividades produz, com maior intensidade, infraestruturas passíveis de servir as necessidades dos habitantes.

É evidente que grande parte da população está fixada no espaço urbano, o que só por si acarreta um aumento dos riscos. Contudo, porque a maioria das grandes cidades se localiza em áreas costeiras ou em zonas ribeiras, estas estão mais expostas, por conta dessa mesma localização, aos riscos de desastre natural (Pedrosa & Pereira 2013, p. 604). A partir de outra perspetiva, observa-se que as cidades, por serem grandes consumidoras de recursos energéticos, sejam hídricos ou fósseis, assim como grandes produtoras de todos os tipos de poluição, constituem territórios de risco. As megacidades, devido às suas características de elevada densidade polucional, extensa área urbana e número de infraestruturas, tal como pelos acelerados ritmos de mudança e transformação, levantam grandes dificuldades no que diz respeito à sua gestão. É por esta ordem de razões que nos é permitido afirmar que as cidades, nas suas diferentes dimensões, são geradoras de riscos resultantes da sua relação com o ambiente, e que o espaço urbano é um território de riscos específicos tanto antrópicos como naturais.

4) A segregação do espaço urbano

O espaço urbano é rico em contradições, ele demonstra e traduz os contrastes, os paradoxos e as incoerências sociais, sendo nele que se efetiva a formação e a replicação dos contrastes sociais através do procedimento de exclusão e segregação. Devido a uma constante necessidade de reprodução do capital e da vivência humana, a reorganização espacial tende a ser incessante, o que resulta do alargamento e abandono do espaço urbano,

de sucessivas renovações e degradações urbanísticas. A sua organização espacial é composta pelo total dos fragmentos que compõe a sua totalidade, fragmentos esses que resultam das diversas utilizações. Habitualmente, o centro da cidade é a área que tem como funcionalidade o comércio e serviços. Nas áreas periféricas, é onde são instaladas zonas industriais e habitacionais, tal como de lazer e demais áreas passíveis de serem utilizadas no âmbito do alargamento do espaço urbano. Devido a estas ações, o espaço urbano tende a transformar-se em mercadoria de procura e oferta, sujeita à especulação, propiciando assim a segregação sócio-espacial e a exclusão social.

“Um dos fenômenos mais importantes a ser considerado na relação entre as funções e as formas urbanas é a tendência à segregação espacial, tanto de funções quanto de classes sociais” (Ribeiro & Chaves, 2011, p. 6).

A segregação espacial funcional é consequência de uma especialização dos lugares, que têm uma competência específica para uma ou mais funções determinadas, tais como comércio, indústria ou habitação. Nestes locais especializados vão ocorrendo, ao longo do tempo, contínuas especializações, como áreas de restauração, áreas de comércio de roupa, entre outros. Pela mesma lógica, ao nível social também o espaço urbano é fragmentado por áreas compostas por prevalências de classe sociais, sendo fragmentado tanto funcionalmente quanto socialmente. No caso da habitação, que é a infraestrutura que compõe a maior parte das áreas urbanas, os fatores locativos e o espaço envolvente tornam-se decisivos no que diz respeito ao valor do solo.

Assim, as classes sociais mais abastadas conseguem adquirir habitações que oferecem boa qualidade de vida em localizações onde o valor dos solos é mais elevado. Por outro lado, as classes sociais mais desfavorecidas têm tendência para se estabelecer em áreas de valor mais baixo, tal como em habitações que apresentam piores condições no que diz respeito à qualidade de vida. As classes sociais mais altas têm tendência a instalar-se em áreas onde o valor dos solos é elevado, muito frequentemente em condomínios fechados, protegidos com segurança privada, sistemas de vigilância e muros, para além de que os edifícios muitas vezes têm espaços de desporto, recreio e lazer. As classes sociais mais pobres, em conformidade com o seu nível de pobreza, vão se estabelecendo em habitações em áreas mais periféricas, com habitações menos dotadas ao nível das instalações e qualidade de construção, muitas delas sem preencher os requisitos mínimos para conferir uma vida digna aos residentes. Deste modo, a segregação social fomenta a tendência para uma ocupação do centro maioritariamente pelas classes mais altas, enquanto

a periferia é habitualmente ocupada pelas classes mais baixas. Nunca é demais frisar que, apesar da tendência fomentada, existem tendências divergentes, como é no caso das periferias douradas. O fenómeno da segregação urbana é complexo, e podem distinguir-se 3 tipos:

“É possível, então, distinguir 3 tipos de segregação urbana: 1) uma segregação entre o centro, onde o preço do solo é mais alto, e a periferia; 2) uma segregação entre zonas de moradia destinadas às camadas sociais privilegiadas, onde o preço do solo também é mais alto, e as zonas de moradia popular; 3) e a segregação funcional” (Ribeiro & Chaves, 2011, p. 7).

Em 1950, no caso português, 64,5% (Silva, 2018) da população portuguesa vivia em áreas rurais, pois governava uma mentalidade que evitava a todo o custo a industrialização por motivos políticos. Contudo, na década de 60, em conjunto com outros países, Portugal funda a European Free Trade Association (EFTA). Como efeito dessa iniciativa, a produção industrial sofre um grande impacto, tendo logo em 1963 ultrapassado a produção agrícola. Agregado a este *boom* económico, é criada uma dinâmica de fluxos populacionais provenientes das áreas rurais no sentido de se estabelecerem nos distritos de Lisboa e do Porto. O caso de Lisboa é paradigmático, pois existe um crescimento significativo, de 2% por ano; algo, aliás, pouco usual nas áreas metropolitanas europeias. Nessa altura, a área metropolitana de Lisboa começou a padecer de um deficit habitacional, e o modelo de gestão habitacional, aplicado até então, começa a sofrer por ineficácia na sua capacidade de resposta ao deficit. De modo a superar esta ineficácia, foram criados bairros para albergar vários estratos da população, obedecendo a uma política de mistura social, constituídos por moradias, para as classes mais abastadas, e apartamentos de dimensão reduzida para as classes mais baixas e com menos recursos.

Contudo, estas habitações não supriam, nem mesmo em número, a necessidade das populações mais pobres. Esta incapacidade para o suprimento das necessidades efetivas da população resultou numa dinâmica de procura, por parte das classes mais baixas, por soluções alternativas para os seus problemas, pelo que começaram a construir barracas e habitações clandestinas. Por clandestino, entende-se a edificação ilegal de um terreno não urbanizado, terreno esse que era vendido a um preço mais elevado, entre 2 e 4 vezes superior ao valor agrícola, embora entre 10 e 20 vezes inferior ao valor urbano daquela área. Esta dinâmica de expansão acabou por absorver 25% do fluxo migratório durante as décadas de 1960/1980 na margem sul do Tejo; e, já com a Ponte Salazar/25 de Abril

inaugurada, esta dinâmica começa a expandir-se para o sul do Tejo, onde se fixaram grande parte dos “retornados”, que tinham abandonado as ex-colónias. (Silva, 2018)

5) A pobreza urbana à escala global

A definição de pobreza não é fácil, alguns autores tentam definir a pobreza através da perspectiva material, embora este plano possa ajudar a discernir a diferença entre pobreza e miséria. Deste modo, seriam pobres aqueles que têm um fraco poder aquisitivo, enquanto os miseráveis poderiam ser definidos como aqueles que não têm poder aquisitivo nem mesmo para satisfazer as necessidades mais básicas, de tal forma que essa condição poderia constituir um risco para a saúde ou para a própria vida. (Santos, 1978) Outros tentam, por via da estatística, definir uma linha para a demarcação da condição ou estado de pobreza, como foi o caso quando se definiu que ter o poder aquisitivo de um dólar diário seria o suficiente para não ser estatisticamente contabilizado como “pobre”. Certamente que esta medição tem mais interesse ao servir algumas instituições mundiais do que, no nosso ponto de vista, para conferir uma perspectiva correta e exata para definir se este ou aquele indivíduo, num ou noutro ponto do globo, está ou não, efetivamente, em situação de pobreza; como disse Santos (1978, p. 19), "o termo 'pobreza' não só implica um estado de privação material como também um modo de vida”.

No século XIX começa a surgir, no meio científico, o interesse pela problemática da pobreza, com o surgimento de estudos de análise da classe proletária inglesa, com Engels a considerar que a pobreza é consequência do capitalismo, onde a principal causa estava sobretudo ligada à questão do desemprego e à exploração do proletariado. No percurso desta abordagem, os estudos sobre a pobreza começam a ter um foco sobre as condições de sobrevivência. No decorrer destes estudos, alguns autores tentaram, através do quantitativo, balizar uma linha para a definição de pobreza, mas este método não era satisfatório, pois, a questão dos requisitos mínimos de sobrevivência era tida como suficiente para considerar que um indivíduo não se encontrava em situação de pobreza. Nos anos 70, a questão da pobreza começa a incorporar a questão do acesso às necessidades básicas, método que foi utilizado por diversos órgãos à escala internacional. Nos anos 80, o conceito de pobreza

surge aliado à perspectiva de privação relativa, que dava relevância ao aspeto social, tendo em conta o acesso a uma nutrição apropriada, e outros aspetos ligados ao conforto, assim como uma maior participação social.

Assim, este conceito não se resume em considerar a pobreza apenas como um estado a partir de uma perspectiva material, mas tendo também em consideração as condições sociais e políticas (Crespo, 2002). De acordo com Sen, a pobreza passou a ser “conceituada como uma privação de capacidades básicas e não apenas como a expressão de baixa renda” (Sen, 2000, p. 10). Deste modo, a pobreza passou a ser encarada como um conceito multidimensional, onde fica assente que definir uma linha de pobreza e aplicá-la a uma escala universal, sem considerar fatores, características, assim como circunstâncias de cada indivíduo não é a melhor forma. Este conceito de pobreza multidimensional acaba por ser relevante, pois tende a dar uma dimensão mais precisa de quantos seres humanos estão em situação de pobreza, considerando os seus rendimentos, mas tendo também em conta fatores de saúde e educação. Com este conceito mais abrangente de pobreza, os resultados diferem significativamente dos anteriores, isto é, dos que se obtiveram de estudos que consideram como único fator o rendimento.

O índice Multidimensional de pobreza utilizado pelas Nações Unidas em 2019 para a elaboração do relatório do desenvolvimento Humano, revela que de mais 500 milhões de pessoas vivem em situação de pobreza relativamente aos resultados obtidos pelo indicador de pobreza pelo rendimento. Atualmente os resultados revelam que apenas 2 países obtêm um alto rendimento, 69 apresentam um rendimento médio e 31 têm baixo rendimento, sendo que dos 101 países estudados, 1,3 mil milhões, dos quais metade são crianças, estão em situação multidimensional. Os resultados demonstram que a África Subsaariana, assim como o sul da Ásia, apresentam os resultados mais negativos, com de população a viver grave situação de pobreza (United Nations 2019).

Como podemos discernir, a pobreza, assim como o processo de urbanização, é um fenómeno que ocorre em todos os países do globo, sem exceção. Com o processo de urbanização, contrariamente ao que acontece com a pobreza, é frequente ocorrer a produção do território em dispersão. No caso da pobreza, a produção do território ocorre em compressão. Não raramente, os locais de aglomeração de pobreza, com fracas condições de habitabilidade, são desprovidos de saneamento, e o acesso à água potável é difícil, tal como se dá com os acessos a infraestruturas, e muitas vezes as taxas de criminalidade são

significativamente altas. Estes problemas assumem maior proporção nos países em desenvolvimento devido ao grande ritmo de aceleração urbana e ao fraco índice económico. A pobreza urbana está muitas vezes associada a grupos considerados de risco, como sejam os desempregados de longa duração, as pessoas idosas, indivíduos com parca escolarização, trabalhadores informais, minorias étnicas – que muitas vezes sofrem de preconceito, o que dificulta a sua integração no mercado de trabalho, famílias monoparentais de classe baixa, assim como toxicódependes. Os problemas urbanos não se limitam ao flagelo da pobreza, posto que outros tipos de problemas se levantam, e não menos prementes.

6) Os problemas ambientais urbanos

Os problemas ambientais são um desafio com o qual a humanidade se depara na atualidade. Os processos de assentamentos urbanos acarretam um conjunto de consequências e impactos ambientais, problemas como a questão dos resíduos urbanos, a impermeabilização dos solos, que muitas vezes origina as inundações urbanas, a formação de Ilhas de Calor, tal como de índices elevados de ruído e a falta de espaços verdes. Os resíduos urbanos tornaram-se nas últimas décadas, um dos principais agentes de pressão ambiental. Até ao princípio do século XX, os resíduos eram predominantemente biodegradáveis e recicláveis, e o nível de produção de resíduos era bastante mais baixa, sendo comum os resíduos alimentares serem utilizados para alimentação de animais ou para a combustão, para a fertilização dos solos agrícolas, e outros resíduos como madeiras serem reaproveitados para os fogões ou fornos a lenha ou para o aquecimento das habitações.

O aumento dos resíduos urbanos é consequência do crescimento demográfico, da urbanização do espaço, do aumento do consumo. Resultante das atividades humanas, assim, nas últimas décadas, o resíduo urbano tem aumentado em produção e em novas composições, muitas não degradáveis, ou que levam muito tempo até atingirem o estado de decomposição, como as borrachas, os plásticos e metais, que tem impactos nefastos nos ecossistemas e na saúde das populações. Em alguns assentamentos urbanos, muitos destes resíduos são abandonados em baldios ou arremessados para cursos de água, mas também

em aterros a céu aberto sem infraestruturas adequadas, de onde decorre um impacto ambiental negativo ao nível dos solos, podendo danificar os lençóis freáticos e os cursos de água, ser causa de assoreamentos, enchentes e danos na atmosfera, agredindo o meio ambiente. Para além do já mencionado, os resíduos urbanos, quando não recebem o devido tratamento, podem representar um perigo para a saúde pública e ser um vetor transmissor de doenças, por exemplo através de animais (Lucia & Travassos 2008; Foladori 2001; Antonio & Gomes 2008; Mucelin & Bellini 2008; Viera & Berrios 2003).

As inundações urbanas constituem um fenómeno que resulta do aumento do espaço urbano. Devido à insuficiente permeabilização dos solos dos tecidos urbanos, estes casos ocorrem quando se verificam precipitações impetuosas num período reduzido de tempo. A ineficaz permeabilização dos solos faz que com não tenham uma capacidade de absorção de grande volume de águas num tempo reduzido, o que resulta num escoamento superficial, em fatores como a litologia, áreas verdes, modificações antrópicas. Enquanto que os materiais construídos são elementos que podem diminuir ao agravar o fenómeno, os fatores que promovem o fenómeno são a produção, o tempo, e a impetuosidade das chuvas. A ocorrência destes fenómenos, para além do problema urbano em si, pode acarretar um conjunto de impactos negativos, seja nas habitações, nas atividades económicas, na interrupção no trânsito, na danificação de infraestruturas, ou ao resultar noutros prejuízos materiais e económicos, assim como na satisfação das necessidades básicas da população urbana (Leal, 2019; Pedrosa, Abreu, & Danelon 2016; Lima 2012).

A ilha de calor urbano é um fenómeno que ocorre devido ao alargamento do espaço urbano, que faz que com os fluxos e movimentos sejam cada vez mais intensos, criando assim maior poluição atmosférica, e provocando alterações nos solos, resultado do processo de urbanização, ou até mesmo na composição da atmosfera, consequência das atividades produzidas pelos humanos. As modificações na paisagem, resultado do processo de urbanização, faz que ocorram alterações no balanço energético e hídrico. Os motivos dessas alterações são a diminuição da vegetação dos solos, os materiais utilizados para a cobertura dos solos, que muitas vezes são impermeáveis, a intensificação do uso de transportes motorizados individuais e coletivos, e as alterações no relevo, resultado de construções de infraestruturas e edificados. As ilhas de calor urbano apresentam, relativamente às áreas envolventes não urbanizadas, valores mais altos ao nível da temperatura. Num aglomerado com 1 milhão de habitantes, os valores médios de temperatura anuais podem ser de 1°C a 3°C mais altos que no espaço envolvente. No entanto, durante a tarde, estas diferenças

podem atingir valores superiores a 10°C. Estas alterações levantam problemas de vária ordem, que passam pelo desconforto térmico, degradação da qualidade do ar, maiores gastos energéticos com aparelhos para tornar a temperatura mais agradável para as populações, uma maior intensidade de gases poluentes, sendo que também à problemas de saúde e de moralidade relacionados com este fenómeno (Amorim 2011; Werneck 2018; Elis 2010). Deste modo, conseguimos compreender que a cidade, bastante complexa e fragmentada, onde nela coexistem diferentes atores, e um conjunto infinito de problemáticas que podem ser representados por via da estatística, da cartografia, mas também através da fotografia do cinema e da música como esta última irá se abordada no capítulo seguinte.

7) A música e sons como elementos geográficos.

As ciências humanas, ao longo do tempo, têm vindo a abordar a música como interesse de estudo. Áreas como a história, sociologia, etnologia e antropologia, entre outras, focam-se já há algum tempo de forma profunda sobre esse objeto de estudo. Embora a geografia da música tenha tido o seu início há cerca de um século, um olhar sobre o seu estudo reflete um pobre enfoque, no que diz respeito ao estudo de relações entre a dimensão espacial e a música. Esta evidencia acaba por ser um pouco surpreendente, porque o interesse pelo estudo das relações entre o espaço e a música acontece antes da década de 80, momento em que as ciências sociais sofrem reorientações devido ao aparecimento de novas teorias. (Azevedo, Furtanetto, & Duarte, 2018) (Gonçalves, 2013) (Panitz, 2012)

De acordo com a bibliografia consultada, a grande parte dos autores como, (Panitz, 2012) apontam Friedrich Ratzel como sendo o pioneiro no estudo da relação entre a música e a geografia. O seu discípulo Leo Frobenius, largamente influenciado pelo seu mestre, tornou-se num profundo investigador e promotor das bases teóricas criadas por Ratzel. Enquanto o seu mestre estudou as semelhanças da morfologia entre arcos da África ocidental e da Melanésia, o seu discípulo, adotando a mesma forma de estudo, isto é, criando relações entre as morfologias de instrumentos musicais, deu origem à noção de Círculos Culturais “Kulturkreis”. O estudo destes Círculos tinha a finalidade de, através das semelhanças entre os instrumentos musicais, definir regionalizações no continente africano, as quais remetem para períodos de difusão étnica que poderiam ser identificados ao longo do globo.

No princípio do século XX, em França, é lançada, por obra do geógrafo Georges de Girocourt – que realçava que os sons e as combinações musicais tinham sido descurados pela comunidade geográfica –, a discussão sobre a Geografia Musical enquanto disciplina. Segundo Girocourt, a Geografia Musical deveria ter como objeto de estudo as formas musicais através do tempo e do espaço, e através desse método analisar aspetos como a fixação e a mobilidade de sociedades e civilizações. Girocourt utilizava um modelo diferente daquele privilegiado pela escola germânica de musicologia comparada. Para Girocourt, a utilização de um certo tipo de instrumento por parte de uma banda nos Estados

Unidos da América poderia constituir uma evidência da proveniência étnica e geográfica dos indivíduos, assim como dos instrumentos e dos conteúdos musicais que, através do tempo e do espaço, foram sofrendo alterações à medida que se foram inserindo nas diferentes comunidades.

Deste modo, Girocourt defendia que, através da música e dos instrumentos musicais, era plausível identificar a mobilidade, assim como a naturalidade das gentes. Assim, é possível perceber que a escola germânica se debruçava sobre a remontagem de períodos pré-históricos, dando primazia as formas materiais, enquanto o método utilizado por Girocourt privilegiava as formas não materializáveis, como as formas musicais, as danças e as formas do canto. Se outras artes foram utilizadas pela geografia para o seu objeto de estudo, o mesmo não se passou com a música, aparecendo apenas de forma acessória nas caracterizações geográficas. Talvez os geógrafos estivessem mais imersos no estudo das diferentes formas e usos dos territórios, tal como em explicar estes e aqueles fatores físicos e morfológicos, pois a caracterização do espaço, com o apoio da cartografia, era considerada suficiente para o entendimento das paisagens e dos territórios às várias escalas de análise, onde o entendimento da morfologia era considerado a grande finalidade.

Em 1968, com a publicação do *Music Regions and Regional Music*, da autoria de Peter Hugh Nash, a Geografia da música é consolidada, e são assinaladas as matérias sobre as quais deveriam incidir os estudos. Com o aprofundamento das pesquisas foram adicionados novos assuntos para o desenvolvimento; eram eles: i) Origens, método de investigação adotado por etnomusicólogos que tinham como objeto de estudo a disseminação dos instrumentos e das regiões musicais; ii) Tipos e distribuições territoriais, sendo Nash indicado como tendo sido o primeiro a utilizar este método de investigação, pois em 1968 já apresenta mapas e análises referentes à geografia da música; iii) Análises Locacionais, método de investigação que tem como objetivo indicar as localizações e práticas musicais, entre as quais as obras e as viagens dos músicos numa escala mais reduzida, de forma contrária à proposta anterior, que se fundava em escalas globais; iv) Zonas de origem das atividades musicais, método que fazia incidir o seu foco sobre a génese de estilos e movimentos musicais, procurando, por exemplo, perceber o papel da música de estilo nacionalista e a sua influência na criação de identidades nacionais; v) Tendências baseadas na eletrificação, método de estudo dos estilos musicais populares que utilizavam a eletrificação de instrumentos e que se difundiram por todo planeta devido às

radiodifusoras, que tiveram o papel de difundir as sonoridades pelos diferentes territórios; vi) Impacto nas paisagens, escola metodológica que apresenta a proposta de estudar a relação entre a música e a paisagem, assim como de perceber os seus impactos no espaço, através de fatores culturais, económicos, políticos, sociológicos, fatores de mobilidade e de transporte; vii) Música Global e evolução tecnológica, método de estudo que incide sobre as músicas do mundo e a chamada música erudita. (Panitz, 2012)

Em 1993, com a conferência “The Place of Music”, iniciativa do Instituto de Geógrafos Britânicos, tal como com as sessões especiais da geografia da música na associação de Geógrafos Americanos, é dada uma nova projeção à área da geografia cultural, com um conjunto de reorientações na área. A obra “The place of Music” reclama das teorias, métodos e abordagens utilizados pela “Music Geography”, argumentando que as abordagens anteriores realçavam em demasia os fatores locativos e a descrição dos lugares, tendo uma perceção limitada das possibilidades de abordagem que a ciência geográfica pode proporcionar (Panitz, 2012). (Lily Kong, 1997) a corrente desta perspetiva, sustenta que a investigação sobre a relação entre a música e a geografia foi, de certa forma, abordada de forma insuficiente, e de modo um tanto ou quanto apartado das novas reorientações metodológicas criadas por Cosgrove, Jackson, Anderson, Gale, Bames e Ducan, estes que deram um novo impulso à geografia cultural.

Por uma tal reorientação metodológica, Kong apresenta novas direções para o estudo da música na geografia. Um primeiro tema é a análise dos valores simbólicos. Se até então a geografia cultural orientava mais as suas análises sobre aspetos materiais, a nova proposta passa por dar um maior pendor de importância aos significados e valores simbólicos. No contexto da análise de música, essa ênfase pode ser traduzida numa preocupação tanto com o lugar simbólico da música na vida social quanto com os simbolismos que se empregam na música. Tendo em conta que a música serve, também, como meio cultural de comunicação, a autora defende que os textos musicais devem ser também abordados como diálogos musicais, onde devem ser considerados os aspetos sociais e históricos que refletem as localizações por eles produzidos. De entre esses aspetos, a dimensão política foi abordada. O tema da política cultural da música não pode ser ignorado, tendo em conta que os criadores de música realizam o seu trabalho em realidades existentes, realidades essas que reúnem fatores políticos, sociais e económicos. Estes contextos próprios podem levar a que as suas composições, muitas vezes de uma forma

intencional, sirvam propósitos políticos, seja na defesa de uma ideologia ou forma de poder hegemónica, ou na forma de protesto e expressão de resistência contra formas de poder estabelecidos, ou até com um intuito totalmente capitalista, onde a sua realização procura unicamente a criação de lucros assim como a expressão de um conjunto de vivências e experiências mais ou menos superficiais.

O que se torna discernível é que em todos os casos será fértil investigar a área da música sob uma perspetiva geográfica, de forma a contribuir para o conhecimento de uma temática que exige um esforço interdisciplinar, como fica patente quando nos debruçamos sobre o tema da economia da música. A indústria musical tem em muitos locais uma força económica relevante que leva a uma significativa criação de empregos de forma direta e indireta, para além de poder gerar ganhos ao nível das exportações para mercados mais longínquos, fomentar a criação de *spin-offs* entre diferentes empresas, impactar positivamente a renovação urbana e a paisagem de localidades ou regiões inteiras, e até produzir melhorias nas condições de vida das populações, podendo ser um fator significativo para cativar aplicações de capital.

Para além da relevância na construção e desenvolvimento da realidade económica, a música desempenha também um papel na construção social de identidades. Enquanto meio de comunicação preñado de potencialidades, a música pode servir para mediar conflitos no decurso dos processos de produção de identidades, tal como nos processos de resistência e negociação, os quais resultam por vezes na (des)construção, tanto de forma interna quanto externa, das identidades de diferentes grupos sociais. A música pode ser encarada como uma forma, onde essas identidades podem ser construídas e des(cons)truídas. Também temáticas como “comunidades imaginárias”, género, etnia, e religião devem ser trabalhadas sobre a perspetiva geográfica. A música, o som e os instrumentos musicais são muitas vezes um geoindicador dos lugares, seja através dos géneros e subgéneros musicais, dos instrumentos, ou através dos próprios conteúdos, que podem refletir elementos paisagísticos de um determinado local. (Kong, 1995)

Kingston na Jamaica, com o género *Reggae*, Viena, na Áustria, com a música erudita, Detroit nos Estados Unidos da América, com o *Soul*, Salvador da Bahia, capital do Axé, Buenos Aires, com o Tango, ou a Lisboa do Fado, entre outros locais que poderiam ser referidos, são exemplos de como a música confere identidades territoriais, estando relacionada com os territórios, onde por vezes nem sequer é considerada a hipótese de os

habitantes, ou pelo menos grande parte deles, não serem apreciadores de outros estilos musicais, ou não se identifiquem com esses estilos. A construção dessas identidades serve, em muitos casos, ideologias e marketing territoriais.

“Despite the sound, artistic expressions resulting from complex population mobility, musical instruments and sound styles, which create phenomena of sharing, hybridism and diversification, many musical genres, especially the ones marked as traditional music are associated to specific places” (Fernandes, 2013, p. 34).

A relação destes e outros locais com estilos e experiências musicais próprias, revelam um potencial cultural, potencial esse que é muitas vezes aproveitado como estratégia de marketing territorial para fins de atração turística cultural, onde se pretende atrair e aumentar os fluxos turísticos nos locais e estabelecer novos residentes. Estas estratégias são concretizadas através da promoção dos territórios, com campanhas de promoção dos locais onde a música característica (muitas vezes encenada) do local se torna muitas vezes central, através das indústrias musicais e cinematográficas, de *merchandising*, e da realização de eventos musicais, não escassas vezes apoiados por organizações governamentais locais, nacionais e internacionais.

A música também é muitas vezes explorada com finalidades políticas e nacionalistas, como a afirmação do território nação. É comum em cerimónias desportivas e políticas ocorrerem solenidades patrióticas, onde os hinos – que, para além das bandeiras, são um símbolo importante para a afirmação dos estados-nação – são executados por músicos ou difundidos através de aparelhagens sonoras. A World Music pode ser também um exemplo de como a música é utilizada com essa finalidade. O Fado constitui um exemplo desse facto. O catálogo da World Music é consequência de um interesse cada vez maior pelo consumo do simbólico e da ação das indústrias musicais, que criam uma multiterritorialidade das categorias musicais, fomentada por exemplo pela criação de redes de festivais e concertos que visam a procura dos consumidores. Não são raras as vezes que esses locais e eventos musicais são aproveitados, por parte dos músicos, para a autoafirmação de territórios, por vezes apresentando reivindicações políticas, difundindo-as a uma escala de dimensão internacional. Aqui, podemos mencionar o nome da já falecida Marien Assan, apelidada como “diva do deserto”, que habitualmente, antes dos seus concertos, veiculava informação sobre a situação do Sahara Ocidental, ocupado por Marrocos desde 1975. As suas músicas eram produzidas através de instrumentos e ritmos

sarauis, e as suas letras insidiam sobre a temática da história do Saara Ocidental, tal como sobre a questão dos desterritorializados sarauis cuja maioria, por questões políticas, se territorializaram em campos de refugiados.

“The contemporary geographic space remains scarred by the Euclidian metric, of continuous territories and movable but well defined borders, in a geographic logic associated, for example, to nation states” (Fernandes, 2013, p. 36).

Durante décadas, a paisagem foi abordada de uma forma ocularcêntrica pelos estudos geográficos, que foram desprezando a música talvez por questões elitistas. A música em si está ligada ao visual, às paisagens, capas de álbuns, e espetáculos musicais, sendo raras as situações em que ambas não estejam associadas. Fazer uma análise desassociada da relação entre o visual e a música pode ser o caminho para um desenquadramento sobre o contexto da música que lhe dá significado. No caso da dança, o visual dá um carácter distinto daquele dado pelos géneros musical ou cinematográfico. Por exemplo, um filme que retrate a idade média, onde uma dança não relacionada a uma certa paisagem ou época pode traduzir-se numa perda dos significados que se pretende representar. Deste modo, a música aliada ao visual pode ajudar a conferir uma noção relativa a alguns dos sistemas sócio-espaciais das regiões.

A ligação ao visual é característica na música, pois é através dela que se estabelece um vínculo com o social, uma vez que a maioria dos indivíduos que a consomem têm como finalidade a produção de identidades, pois a música ajuda a criar vínculos identitários, em regra espacializados, já que não são frequentes os produtos musicais desvinculados de espaços demarcados de forma precisa. Como afirma Crozat (2016), “Os caracteres visuais e o discurso popular identitário permitem renunciar à música de verdade, contentando-se em fazer-lhe referência”. O cabelo moicano de um Punk e as barbas e cabelos compridos de um Hippie remetem-nos para discursos e cenários paisagísticos contrastantes. No caso do Punk, género musical que teve a sua origem em Londres nos anos 70 – e que nas décadas seguintes se espalhou um pouco por todo mundo, com a formação de bandas a tocar o mesmo género musical, que na sua génese sugere discursos contestatários – a produção musical é levada a cabo em diferentes paisagens o que resulta em discursos diferentes. O mesmo acontece com outros estilos musicais, como o Rap ou o Hip Hop: consoante os diferentes locais e paisagens onde são produzidos, os resultados finais dos seus discursos acabam por sugerir reivindicações diferentes, devido às especificidades sociais e geográficas de cada território. O género Reggae, neste contexto, é um exemplo muito

pertinente: os cabelos de estilo *dreadlocks* de Bob Marley ou de Peter Tosh narram ambientes paisagísticos diferentes dos xailes utilizados por Amália Rodrigues ou do corte de cabelo topete utilizado por Elvis Presley ou Jonhy Cash.

“Sabemos a importância da localização das manifestações (sub)culturais num território, num contexto, seguindo um intento de contextualizar este fenómeno global a uma escala nacional, onde os protagonismos, as trajetórias e as configurações são necessariamente específicos e muito diferentes dos ingleses ou americanos” (Guerra, 2014, p. 5).

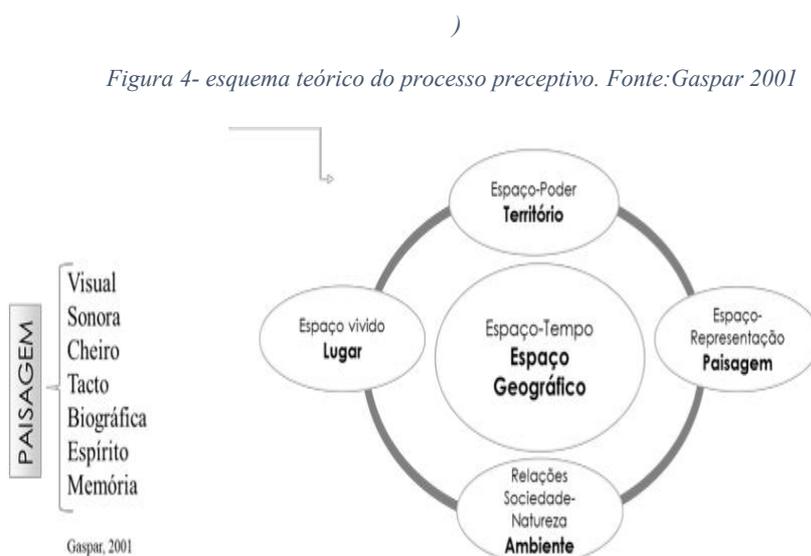
O impacto que o Reggae teve à escala mundial nos anos 70 talvez se possa justificar pelo facto de abordar 3 territórios distintos: é em Londres que se dá relevo a esse género musical, tocado por imigrantes oriundos do território jamaicano do qual a música chegou, carregada de protesto como consequência de vidas marcadas pela imigração, pelas dificuldades impostas, tal como pela penúria e a segregação social, e é a partir de Londres que ganha uma relevância mundial através da sua difusão. O estilo musical oriundo das favelas de Kingston fez com que, após o seu sucesso a nível global, fosse absorvido pelas favelas do mundo inteiro, estabelecendo-se como um género de música contestaria. A Etiópia, apesar de se situar a uma distância de quase 13 mil km de Kingston, tinha uma grande importância para os jamaicanos pobres, que acreditavam que o imperador da Etiópia era o seu redentor e que os iria libertar e levá-los para Africa. Talvez por esta ligação multiterritorial, o estilo musical Reggae acaba por ser adotado por músicos em quase todos os países, mas que devido à especificidade local se torna diferente nas suas reivindicações. Esta fixação do Reggae e de outros estilos musicais à escala global/local confere-lhes uma dimensão multiterritorial, por consequência de se tratar de uma cultura de dimensão global, mas de identidades e especificidades locais.

Embora só recentemente os estudos de relações entre a música e o espaço geográfico tenham ganho alguma relevância por consequência de novos enfoques da geografia cultural, onde a música de alguns autores é considerada ela própria como sendo uma espacialidade gerada por outras espacialidades e territorialidades. A sua produção é feita no espaço, e é através do espaço, como em estúdios de gravação, salas de espetáculos, lojas comerciais, espaço público, entre outros, no qual são criados imaginários geográficos, que ela se transmite e se liga aos objetos geográficos. A música, em regra, mas principalmente a canção, por conta do seu carácter específico de agregar consigo letras e música, acarreta

a potencialidade de fazer representações do mundo, elaborar discursos através das suas composições e produzir análises e interpretações sobre o mundo.

A música aborda um conjunto variado de temas que são congregados nos discursos do dia a dia, conferindo-lhes uma representação social que se traduz num meio de entendimento da realidade, sobre a perspectiva de um sujeito ou de um coletivo, perspectiva essa que é sempre partilhada com outros sujeitos ou coletivos. Ao ser uma forma da linguagem, ela é resultado de uma habilidade humana, com o propósito de satisfazer um complexo de primordialidades culturais. E como é a produção artística mais comum no dia a dia, tem o potencial de meter em circulação abundantes quantidades de informação e representações sociogeográficas dos espaços e paisagens.

Com a *cultural turn*, a geografia voltou a dedicar esforços ao conceito de paisagem. Embora a geografia humanista fosse dedicando esforços ao estudo das paisagens ao longo de toda a segunda metade do século XX, esse esforço foi sendo secundarizado pela emergência da Geografia Neopositivista, que ambicionava corresponder às necessidades de uma sociedade europeia saída de duas Guerras Mundiais. É, portanto, com a emergência de uma nova geografia cultural que a paisagem é trazida de novo para o centro dos debates em geografia. Contudo aqui a paisagem já não era mais entendida como Vidal de La Blache a propôs estudar. A observação visual passou a ser apenas um dos aspetos da análise da paisagem. A paisagem passou a ser entendida nas suas múltiplas dimensões, como a paisagem visual, olfativa, sonora, tátil, de memória (Gaspar, 2002).



A capacidade auditiva foi fundamental para a continuidade e preservação da espécie humana no planeta, sendo talvez mais relevante que os outros sentidos, pois se a visão só permite ao ser humano observar o que está em frente dos seus olhos, a audição proporciona uma centralidade aos indivíduos, por conseguirem captar sons oriundos de todas as direções, conseguindo prever a aproximação dos seus predadores antes da sua visualização. A impossibilidade de reter o som, durante a maior parte da história, resultou numa perda considerável de informação, tal como na desconsideração da análise sonora em relação a outros meios de ordem visual, tais como a pintura, o desenho, as letras e os números. A humanidade sempre teve a preocupação de representar-se. Como exemplo, temos as gravuras da Chauvet e a estatueta de Vénus de Willendorf. Mas no que diz respeito ao som, essas representações não poderiam perdurar no tempo devido a não existir meios de os captarem e os perpetuarem no tempo. O surgimento da tipografia fez com que a literacia se tornasse a forma mais relevante para a passagem de conhecimento, onde a oralidade e a audição foram sendo cada vez menos utilizadas (Castro, 2016, p. 17).

A utilização do som como campo de análise das ciências geográficas também foi secundarizado até aos anos 90, com o surgimento do conceito paisagens sonoras ou *soundscaapes*. O conceito de paisagem é utilizado pela geografia, como forma de representar uma unidade no espaço. Vulgarmente são muitos os que abordam a paisagem como sendo um lugar sossegado e calmo, e quase sempre sem indivíduos, abordagem que se dá sobretudo por influência da pintura, que era um método muito usado para representar o campo de forma pitoresca. No que diz respeito à geografia, o conceito de paisagem foi tema desde dos primórdios da disciplina até aos anos 70, através do desenvolvimento de vocabulário científico e de abordagens que visavam sobretudo a descrição da paisagem, através dos elementos físicos, biológicos, tal como a componente social. Nos anos 70 dá-se uma mudança na abordagem da paisagem onde outros aspetos devem ser considerados, tais como, os aspetos culturais e a compreensão e dos significados dos símbolos por eles produzidos, isto é, outras dimensões que não apenas as visuais, consequentes da ligação entre o homem e o meio.

A visão continua a ser um sentido importante para a compressão da paisagem, mas outros sentidos também se tornam relevantes para uma compressão mais profunda, como a audição, o olfato e o tato. Desta nova de forma de abordar as paisagens, numa perspetiva

mais sensorial, surgiram novas formas de abordar as paisagens, sobretudo alicerçadas no conceito de paisagem sonora, que é

“qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como Paisagens sonoras. Podemos isolar um ambiente acústico como um campo de estudo, do mesmo modo que podemos estudar características de uma determinada paisagem” (Schafer, 1997, p. 23).

A paisagem sonora não raras vezes tem o poder de se apresentar como o mais significativo elemento de uma paisagem, pois muitas vezes são os sons que ficam guardados mais tempo como memória das paisagens, pois se o olhar tem a qualidade de ter uma percepção mais célere sobre a paisagem, já a audição, por sua vez, reage de forma mais vagarosa, e provavelmente devido a esse ritmo mais pausado, absorve a paisagem de forma mais profunda e duradoura na memória (Stanley, 2006, p. 1). Assim, a paisagem sonora é composta pelos sons, pelo espaço e pelo tempo que nela vai inserindo, retirando e modificando os sons, por (des)intervenção humana ou material e fatores ambientais.

No livro *Afinação do Mundo*, Schafer tenta fazer uma abordagem Histórica sobre a paisagem sonora e as suas mudanças ao longo do tempo. Na primeira parte, ele faz uma abordagem sobre as primeiras paisagens sonoras, onde através de textos clássicos descreve as paisagens compostas pelos elementos naturais, como as águas e as suas transformações sonoras consoante os lugares e os seus estados físicos, os ventos, sons de vulcões, entre outros. De seguida, ele aborda as paisagens sonoras e sons compostos pelos animais, os insetos, as aves, e os que vivem em ambientes aquáticos, até chegar aos seres humanos e aos primeiros sons e falas reproduzidas, tal como a forma pela qual a onomatopeia das paisagens sonoras pode ter importância na formação das línguas e influencia na produção de novas paisagens sonoras. O espaço rural, resultado da mudança do nómada pelo agrícola, é produtor de sons e ruídos característicos que muito facilmente associamos às suas paisagens. Os sons que resultam da atividade pastoril, os sons da caça, os sons dos animais das quintas, da atividade agrícola, entre outros. A mudança da transição da vida rural para a vida urbana, tanto pré-industrial, como pós-industrial, acarretaram consigo mudanças nas paisagens sonoras, como ilustrado na letra de “Ali está a Cidade”, da autoria de Fausto Bordalo Dias, que identifica a própria cidade como “um som”. Leia-se:

“Mas sobretudo a cidade
É um som
Toca uma música boa
Pra que eu me esqueça da alma ausente
Que se perdeu pelas ruas
Que eu não me perca também”
(Dias, 1987)

A Revolução industrial provocou um grande número de modificações espaciais, consequência do alargamento e do espaço urbano, de uma maior densidade populacional e dos modos de vida urbano que por consequência se intensificaram. Com o surgimento de energias fósseis e da eletricidade, os modos de vida e as paisagens sofreram mudanças e alterações consideráveis. No que diz respeito às paisagens sonoras, a introdução de um grande número de sons alterou totalmente a constituição da paisagem sonora fruto do acumular de sons produzidos, relacionados com os sons das máquinas e dos veículos, das fábricas, televisões e rádios, telefones e novas tecnologias que vão sendo introduzidas, apresentando novos sons criando na paisagem uma esquizofonia. As invenções elétricas, como rádio e telefone, fizeram com que os sons deixassem unicamente de pertencer a um espaço e foram conferindo outras territorialidades ao som, que até então pertenciam a outros lugares. O telefone proporcionou que a fala, que até então só podia ser projetada a uma determinada distância, pudesse agora ser ouvida em locais distantes daqueles de onde é projetada.

Depois desta abordagem torna-se pertinente identificar e agrupar os diferentes tipos de fontes sonora de forma sistematizada. Consideremos as geofonias, as biofonias, e as antropofonias. Como refere Fernandes (2015, p.438),

“As geofonias (os sons da natureza, do vento e do mar, por exemplo); as biofonias (produzidas pelos seres vivos, pelos animais e plantas) e as antropofonias (os sons produzidos pelo Homem, pelos meios de transporte, pelas maquinarias da industrialização, pelos novos dispositivos eletrônicos)”.

Convém frisar que, não somente a paisagem sonora urbana sofreu estas alterações, mas também a paisagem rural, em conformidade com a sua localização. As atividades dos seus habitantes, tal como as introduções de novos dispositivos eletrônicos, também é visada nas alterações das paisagens sonoras ao longo do tempo. Muitos sinos das igrejas

tinham uma sonoridade de bronze, e que muitas vezes eram tocados de forma manual, tinham como função a anunciação de cerimónias religiosas. Para os que eram desprovidos de relógio, serviam para terem uma noção das horas, e anunciavam os perigos que podiam ocorrer em determinadas ocasiões, ou épocas festivas, nascimentos e mortes, consoante a intensidade, o tempo e o ritmo a que eram entoados.

O alcance territorial dos sons emitidos funcionava como uma forma de demarcar os territórios e de marcar uma ordem, referências, ritmos e códigos sociais e espaciais. O som dos sinos era geralmente o som com maior volume, demonstrando uma forma de poder e influência sobre os territórios, e eram um modo de afirmação da presença religiosa para além do seu espaço físico, circunscrito normalmente a paróquias ou igrejas. O som afirmava a existência dos locais de culto, para que mesmo que as pessoas não os pudessem ver, tivessem perceção da sua existência. Os sinos utilizados pelos missionários nas suas expedições também tinham a função de demarcar as próprias sociedades, distinguindo a civilização de fé cristã das civilizações que não comungavam da mesma fé e que se afastavam para locais onde os sons não tivessem alcance (Fernandes 2015). De acordo com Shafer (1997, p. 87), “Os motivos da utilização dos sinos e não outro objeto era, porque talvez nenhum outro som produzido até então, fosse tão beneficiado pela distância e pela atmosfera”.

Com o surgimento tecnologias elétricas, em muitos locais religiosos os sinos foram substituídos por sons elétricos, alterando a paisagem sonora rural, alterações essas que não se ficam apenas pelas mudanças dos sinos. Outras sonoridades se foram estabelecendo nas áreas rurais: o “ronco do trator” foi surgindo nos campos de trabalho, substituindo o som das carroças de bois e de burros, estes últimos em extinção em território português; as televisões e os rádios invadiram esses espaços também, assim como o frigorífico, que fez com que a salgadeira se tornasse uma um objeto de museu; nos dias festivos das aldeias e vilas, nas ruas instalam-se microfones que emitem um ruído estridente; com os camiões-palco, espetáculos musicais difundidos por aparelhagem sonora de qualidade muitas vezes duvidosa, ficando apenas na memória os espetáculos musicais que eram constituídos de instrumentos não eletrificados, e onde os coretos dominavam o centro da paisagem musical e sonora; e os sinos, até então, símbolo de um maior poder sobre a paisagem, vão tendo concorrentes nessa luta pelo domínio da paisagem sonora. Até então, “vivamos na época do ruído sagrado, que se foi transformando por consequência da revolução industrial, para o mundo do ruído profano” (Schafer, 1997, p. 113). Os sons, são uma forma de poder, e a

revolução industrial introduziu uma mudança nesse sentido. O ruído produzido pelas maquinarias nas fábricas, onde ocorreram casos de surdez, e a produção de barulho durante as 24 horas do dia, assim como o aumento da potência dos barulhos produzidos, na ausência de qualquer tipo de lei reguladora, permitiu que os empresários tivessem uma liberdade total relativamente à produção de sons, sem qualquer tipo de controlo, algo até então apenas era permitido aos sinos da igreja.

Num espetáculo musical repleto de espectadores, um cantor ou um músico, tem um poder que o espectador não tem, pois é o som que ele emite que domina a paisagem sonora. Tanto nas batalhas dos índios nos Estados Unidos da América, como nas das tropas cristãs da reconquista da Península Ibérica, até então sobre domínio do império árabe, como em tantas outras batalhas e guerras, antes do confronto físico acontecia um confronto sonoro, com os denominados gritos de armas ou de guerra. Esses gritos ou frases, para além de constituírem uma forma de união grupal, ou de encorajar os soldados para o confronto, também consistiam em dominar a paisagem sonora, o que podia ser sinónimo de um primeiro domínio sobre o território em disputa.

O som das armas sempre foi uma forma de poder. Através dos sons das armas usadas, podemos imaginar paisagens sonoras. Desde as guerras mais remotas até às mais recentes, o barulho de um disparo de uma arma apenas com pólvora seca é muitas vezes o suficiente para ter o domínio sobre um local. Nos conflitos militares, os sons produzidos pelas armas demonstram uma supremacia bélica sobre os oponentes, espalhando o pânico nos populares, que muitas vezes abandonavam os seus lugares ao perceberem que os sons da guerra já estavam próximos. No caso do trânsito, as sirenes dos bombeiros, das ambulâncias ou da polícia sinalizam prioridade sobre os outros veículos, isto é, esses sons produzem relações hierárquicas nas vias rodoviárias. Numa viagem de comboio, é assinalada por apitos sonoros tanto a partida de como a chegada a um certo destino.

De facto, os sons das paisagens podem ficar guardados nas memórias para sempre. Pode ser assim por motivos positivos, como no caso das paisagens sonoras de locais mais sossegados, onde se pode disfrutar de uma paisagem marcada pela geofonia e pela biofonia. Ou então, pode trata-se de memórias negativas, que muitas vezes provocam transtornos irreparáveis, como o stresse pós-traumático, do qual sofrem muitos veteranos da guerra colonial, cujos testemunhos revelam que muitas vezes os transtornos se revelam por via dos sons daquelas paisagens sonoras, e que nunca mais os conseguiram esquecer.

Deste modo, os sons apresentam-se como um elemento importante das paisagens e dos lugares, revelando características específicas dos lugares e das suas memórias. As 42

paisagens sonoras podem contribuir para a formação de territórios saudáveis quando a sua acústica sonora é planeada de forma a harmonizar os sons, ou então pode ser fator de perda de qualidade de vida para os habitantes, e até mesmo de conflitos sonoros provocados sobretudo pelos ruídos. O ruído é, desde tempos mais remotos, considerado algo prejudicial para as populações. Já na Roma Antiga, quando o imperador Júlio César tinha o poder, foram feitas leis com o intuito de regular o ruído noturno, ao proibir a locomoção das carruagens durante o período noturno. No mundo contemporâneo, os problemas relacionados com a produção de ruído são mais agudizados, pois cada vez são eles que mais dominam o espaço, criando desigualdades entre quem os pode produzir e quem não pode, entre quem dispõe e quem não dispõe de capital de mobilidade para se instalar para além da fronteira sonora, ou entre quem consegue e quem não consegue criar barreiras que impeçam a perturbação ruidosa (Fernandes 2015; Castro 2016; Schafer 1997; Augusto, 2014).

O ruído proveniente do tráfego rodoviário, ferroviário, aéreo e das indústrias afeta 22 milhões de pessoas na União Europeia, causando consequências assinaláveis ao nível da saúde pública. As previsões indicam que o ruído sonoro ambiental foi o fator determinante para 12000 óbitos prematuros em 2019, tal como que se tratou de um dos fatores determinantes de 48000 casos de doenças cardiovasculares no mesmo ano. Os números apontam para um número de 22 milhões de pessoas a sofrerem de incômodo crônico, tal como de 6,5 Milhões de pessoas a sofrerem de alto distúrbio crônico. Em Portugal, a percentagem de pessoas que, sendo residentes nos dois maiores aglomerados urbanos do país, são afetadas por valores acima de 50db, apenas associados ao ruído proveniente do tráfego aéreo, é de 7%. A capital é apontada como a segunda pior a este nível à escala da União Europeia, com 7500 crianças a sofrerem sequelas que dificultam as aprendizagens académicas (European Environment Agency, 2020).

A questão da paisagem sonora é um tema importante para a qualidade do espaço público, mas também dos edifícios habitacionais e de atividades profissionais. Para que os alunos consigam ter sucesso nas aprendizagens, torna-se necessária a capacidade de concentração, e sobretudo a capacidade de se concentrarem nos sons emitidos pelo professor por via da comunicação oral. A paisagem sonora é, então, um fator central para que os alunos consigam receber e compreender as informações veiculadas pelos professores e colegas. Num ambiente ruidoso, as mensagens são muitas vezes ouvidas, mas não inteligíveis, o que pode fazer com que os alunos consigam ouvir as palavras, mas não

consigam perceber de forma inequívoca o que foi verbalizado. Em ambientes assim, os estudantes não podem senão perceber que nada compreenderam. Deste modo, é imperativo criar ambientes sonoros apropriados para as relações educativas e formativas, que devem decorrer em salas de aulas pensadas também enquanto espaço sonoro, com acústica apropriada, considerando os ruídos de fundo, a reverberação e a distância entre emissores e recetores. Em muitos casos, o uso de meios tecnológicos que amplifiquem a voz do emissor deve ser um aspeto a considerar, especialmente em salas mais amplas, de forma a que as atividades educativas possam decorrer, também, em tom de conversação, e os recetores não precisem de fazer esforços em demasia para compreenderem a exposição e o raciocínio dos emissores (Rubin & Aquino Russell, 2011).

Em Portugal, as acústicas das escolas obedecem a três diferentes tipologias: as escolas históricas, as do Estado Novo, e as Pavilhonar. Apresentavam, as três, condições pouco satisfatórias a nível acústico (Alarcão, Fafaiol, & Coelho, 2008). Com o investimento realizado nos últimos anos no Parque Escolar, com fundos provenientes do “Programa de modernização das Escolas”, começou a existir preocupação com a acústica dos edifícios escolares, com a finalidade de cumprir com a legislação referente ao “Regulamento dos Requisitos Acústicos dos Edifícios”, do decreto de lei 96/2008. Só a partir desse momento é que os critérios relativos à acústica começaram a ser levados em conta, tal como estudos a serem aplicados e, conseqüentemente, deu-se a reabilitação de edifícios que visassem um melhor conforto acústico.

Em conclusão, os ruídos os sons, os silêncios e as músicas que compõe as paisagens sonoras definem lugares, demarcam territórios, assinalam momentos, simbolizam culturas e lugares, fragmentam espaços, revelam disputas pelos territórios e refletem relações de poder, modificam as paisagens, refletem valores sociais e dinâmicas económicas, podem ser fatores determinantes na qualidade de vida dos lugares ou de casos nefastos para a saúde de uma população, assim como podem ser decisivas para a produtividade das atividades, e podem servir políticas territoriais, assim como ideologias. que promovem sons e censuram outros.

8) Introdução pedagógica

Atualmente, o ensino apresenta um infindável número de desafios no que diz respeito aos métodos pedagógicos a serem implementados. A inovação tecnológica constante e o acesso cada vez mais massificado que se tem vindo a verificar, faz com que, cada vez mais, a população em geral e a população estudantil, em particular, tenham um acesso facilitado a uma quantidade praticamente inesgotável de conteúdos musicais, através das várias plataformas existentes, tais como as mais tradicionais rádio, televisão e o CD, mas também as mais modernas. Na sociedade contemporânea é assim por conta da possibilidade de recorrer facilmente a inúmeras plataformas dedicadas somente à difusão desses conteúdos. Na contemporaneidade, é fácil observar a dificuldade cada vez mais crescente dos professores em conseguir captar a atenção dos alunos durante o período de uma aula completa, utilizando apenas os métodos expositivos tradicionais. Deste modo, é necessário procurar respostas de forma a diminuir ou mesmo banir este problema, pois é por demais agudo, e alavancar o ensino para uma maior atratividade e riqueza de estímulos, não só para os alunos, mas para todas as pessoas envolvidas nas atividades educativas. Esta é uma necessidade que representa um desafio que ensino e os professores devem superar em sala de aula. Portanto há que tentar encontrar respostas válidas e exequíveis para estas questões e compreender que tanto a globalização como as novas tecnologias são uma realidade à qual não podemos fugir, e que obriga a que sejam encontradas e aplicadas novas metodologias, ou mesmo reinventadas as velhas metodologias, no processo de ensino/aprendizagem. (Ferreira 2012).

O ensino, nos dias de hoje, nas suas mais variadas áreas, como no caso particular da disciplina de Geografia, atravessa um momento de crise. Esta crise da Geografia deve-se aos conteúdos programáticos, cada vez mais curtos, e à não obrigatoriedade da disciplina em alguns anos escolares. A geografia é uma área do conhecimento com múltiplas ramificações, que abrangem um número quase infinito de temáticas que reportam ao espaço geográfico. Esta multiplicidade origina a dificuldade acrescida de os alunos não associarem facilmente uma dimensão prática à disciplina; se bem que a Geografia trabalha, segundo Cavalcanti (2005, p.33), “com conceitos que fazem parte da vida quotidiana das pessoas”, estas que, acrescenta o autor, possuem “representações sobre tais conceitos”. No entanto,

os alunos apresentam de uma forma recorrente uma atitude de apatia nas aulas de Geografia, muitas vezes por fatores exógenos à geografia, por não ser uma área de acesso aos cursos mais ambicionados pelos os alunos, como o de medicina, o que faz com que a disciplina não consiga concretizar os principais objetivos a que se propõe: a transmissão do conhecimento sobre as dimensões sociais, naturais e históricas do espaço, tal como dar o seu contributo fundamental para a construção e desenvolvimento de cidadãos, através do entendimento dos fenómenos geográficos (Mendes & Scabello, 2015).

Mendes e Scabello (ibid.) defendem que esta apatia quase generalizada por parte dos estudantes de Geografia deve-se ao foco da disciplina num modelo demasiado conservador. Este modelo tradicional e as derivadas metodologias aplicadas pelas escolas públicas não se centram na evolução do aluno, que acaba por ser desprezada, e apenas são valorizados conhecimentos associados à memorização de conteúdos pré-estabelecidos, onde um poço é cavado entre a teoria e a *praxis*. No entanto, não se defende que a classificação e a memorização sejam eliminadas, mas que se possam utilizar outras formas onde os resultados obtidos possam ser mais animadores. De acordo com a literatura científica mais atual, a maioria dos alunos afirma categoricamente não gostar e não querer estudar Geografia; pois, embora a considerem importante, pensam que a Geografia é apenas algo que pertence à escola e aos professores, não mantendo qualquer outro tipo de relação com a realidade (Correia, 2012). É importante que os alunos não entendam a Geografia como uma área do conhecimento pouco relevante na sua formação, pois é uma área que tem como fator primordial a formação de cidadãos munidos com as ferramentas teóricas e conceptuais passíveis de muni-los de um espírito crítico e capaz de compreender o meio envolvente, o que é central para que seja possível atuar na sociedade dando um contributo positivo.

Para que este rumo indesejável, no que diz respeito, ao ensino da Geografia, seja evitado e melhorado é necessário que se tomem medidas que tenham como objetivo mudar o atual percurso no qual a disciplina se encontra, através da incessante procura de novas ferramentas e recursos pedagógicos que possam auxiliar na transformação do ensino da geografia e torná-lo mais sugestivo, dinâmico, atraente e inovador nas escolas. Deste modo, torna-se necessário conseguir implantar nas aulas de geografia novas linguagens, símbolos e métodos atuais para que os alunos se consigam identificar com as abordagens teóricas e práticas da geografia. A escola, nesse contexto, deve apropriar-se das várias linguagens e meios de comunicação para ensinar a descodificação, a análise, a interpretação

e o uso de dados e informações e desenvolver no aluno a capacidade de assimilar e conviver com outros e novas tecnologias, que provocam também novas formas de aprender, com poder de reflexão e visão crítica. (Pontuschka, Paganelli, & Cacete 2007; Santos, Costa, & Kinn, 2010).

Neste sentido a música poderá ser um elemento pedagógico que pode auxiliar os professores e alunos no conhecimento e entendimento de várias matérias que dizem respeito à geografia, pois, sendo um elemento presente em toda a história da humanidade, pode proporcionar a possibilidade do estudo e do saber geográfico. A utilização de novos meios, métodos e recursos, pode proporcionar vantagens para o ensino. Um dos recursos que pode ser utilizado e que pode contribuir para o maior sucesso no processo de aprendizagem é a música, que com o surgimento e massificação das novas tecnologias tornou o acesso mais facilitado e abrangente.

9) A Música e os benefícios da musicalização

A música é um elemento que está presente na humanidade desde do seus primórdios e para além de ser considerada uma arte, é também uma forma de expressão, de interação, comunicação entre seres humanos utilizada para exprimir sentimentos, emoções, descrever pontos de vista e relatar realidades. Exatamente por estes (Leyshon, Matless, & Revill, 1998) fatores, é facilmente entendida a ideia, de que não existe uma cultura viva ou extinta, em que a música não fizesse parte dos elementos culturais vivenciados.

“A música está presente em quase todas as manifestações sociais e pessoais do indivíduo desde os tempos mais antigos. Antes mesmo do descobrimento do fogo, o ser humano já se comunicava por meio de sinais e sons rítmicos.”
(Brescia, Educação Musical. Bases Psicológicas e Ação Preventiva, 2011)

Na atualidade é improvável conhecer alguém que não tenha relação com a música seja qual for motivo ou a experiência. Tal como defende Brito (2002,p31) “é difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de um modo ou de outro.” De facto, na atualidade, a música é um lugar comum em praticamente todos nós e ela está presente no nosso quotidiano, seja nos supermercados, nas ruas, nos cafés, na televisão, na rádio, nos

elevadores. Nas avenidas muitos são os músicos que tocam de forma a animarem por quem lá passa com o objetivo de receber um contributo monetário. Nos locais e transportes públicos se observamos com atenção é, cada vez mais, frequente ver um bom número de indivíduos maioritariamente jovens com os seus auscultadores nos ouvidos, muitas vezes, a fazerem movimentos rítmicos com o corpo, que nos dá a certeza de que estão a ouvir música. De facto, o contacto com a música está presente na maioria dos indivíduos. A partir da mais tenra idade a maioria de nós enquanto crianças adormeceu com os pais a cantarem músicas de embalar e no jardim escola a música em forma de canções é ensinada às crianças.

Os cultos religiosos são fortemente marcados pela música e, ao longo da nossa vida, existem músicas que nos acompanham sejam em momentos felizes ou de tristeza, de viagens, momentos vividos em grupo ou em solidão. Deste modo, podemos entender a música como uma linguagem que abrange todos os indivíduos e todas as sociedades e culturas.

São inúmeras as formas nas quais a musicalização pode contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, ela pode beneficiar e estimular o desenvolvimento cognitivo/ linguístico promovendo um maior discernimento auditivo, como é natural, ouvir música proporciona e estimula a dança ou o movimento corporal, através dos ritmos e das melodias, o que se revela benéfico para a melhoria da coordenação motora e da atenção e, também cantar ou reproduzir sons estimula a capacidade de criar afinidade com o meio circundante.

No que diz respeito ao desenvolvimento psicomotor, a música permite o aperfeiçoamento da perícia motora e ajuda a manter um bom equilíbrio do sistema nervoso, ao estimular o cérebro proporciona a descarga emocional evidenciando benefícios positivos, no que diz respeito, à leitura e à escrita. Assim a musicalização trata-se de um processo de construção do saber que tem como objetivo estimular e incrementar o gosto pela música, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, do senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, da memória, da concentração, da atenção, da autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e da afetividade, e ainda, contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação. (Brescia 2011; Chiarelli & Barreto 2005; Barros, 2013). Estas são áreas do desenvolvimento que em

qualquer adulto ou jovem, estudante ou não, são úteis, em quase todos os momentos da vida a serem percorridos, desta forma não fará sentido que a sala de aula seja exceção.

10) A Música em sala de aula

A música enquanto um elemento presente tanto no quotidiano como nas diversas atividades humanas pode ser contributiva para a educação e para o ensino, e tornar-se assim, uma ferramenta pedagógica em sala de aula. O potencial que acarreta consigo poderá ajudar o aluno a melhorar os seus conhecimentos ao nível do vocabulário, na sua socialização e interação com os outros atores e na promoção do bem-estar. A música contribui também para o desenvolvimento emocional, moral e social e estimula o processo da aprendizagem tornando os conteúdos mais prazerosos. Pode ainda ajudar na concentração e na perceção, assim como também no desenvolvimento psicomotor, motor, cognitivo e na motricidade (Souza & Santos 2018) (Galdino 2015). Desta forma, “a música como instrumento didático é fonte rica de informações e aproxima a linguagens de jovens inserindo-o numa realidade dentro de um mundo globalizado” (Godoy 2009) também em (Marinheiro & Pereira 2019).

De facto, os benefícios da utilização da música como estratégica didática em sala de aula são muitos e podem trazer contributos bastante úteis e apreciáveis, tais como, proporcionar um ambiente na sala de aula mais agradável e tornar-se num simplificador, no que diz respeito, à compreensão e à aprendizagem (Ramin, Cesariano, Bernardi, & Ribeiro 2019). Para além dos motivos já mencionados “os estímulos sonoros aumentam as conexões entre os neurónios e, de acordo com os cientistas do mundo todo, quanto maior a conexão entre os neurónios, mais brilhante será o ser humano” (Brito 2003). A música também tem o poder de possibilitar uma vinculação emocional do aluno e assim ser um valioso auxiliar na estruturação de conceitos científicos, para além de dar a possibilidade de lecionar uma aula sem fugir do seu contexto e do principal objetivo. (Barros, Marques, & Tavares 2018). Assim concordando com (Carvalho 2017, p.237):

“Por meio dessa musicalidade, o homem é capaz de se expressar através da música agindo de forma interligada nas dimensões ética, estética, cognitiva e social da vida. (...) a música é uma linguagem, e pode ser utilizada como um instrumento de diálogo e aprendizado, ou seja, através dela podemos aprender sobre nós mesmos e sobre o mundo. Conhecer a música ajuda a

compreender o mundo de forma mais sensível, sobretudo se é utilizada como recurso para isso, além de completar, assim, o arco de conhecimento humano”.

O uso da música ouvida ou tocada em sala de aula remete o aluno para aprender a ouvir e a escutar de uma forma ativa e refletida dando capacidade ao aluno de se abstrair ouvindo as letras e, desta forma, transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos (Moreira, Santos, & S.Coelho 2014). De certa forma a música pode ser utilizada em quase todas as áreas do ensino desde que a estratégia assim como a aula sejam bem preparadas. Segundo, Ponso (2008 p. 14) “a música é um saber específico, não com caráter fechado em si, mas que auxilia, interage, enriquece e é aprendida em conjunto com as demais áreas do conhecimento, seja matemática, literatura, ou a história”. Não se defende aqui que o uso da música como estratégia didática deva ser aplicada em todas as aulas, pois correr-se-ia o risco destas se tornarem previsíveis, monótonas e até enfadonhas para os alunos. Por isto as aulas devem tentar trazer um certo tipo de “novidade” para os alunos de forma a que eles se motivem e se prendam pelos conteúdos lecionados e a música pode ser um poderoso instrumento de transformações e potenciador no que diz respeito à prática do ensino. De facto, ao longo da história, a música e a ciência do qual se insere a geografia sempre andaram juntos, aliás a música é também considerada uma ciência, que pode ser útil no desenvolvimento doutras ciências e também na transferência dos seus conhecimentos.

No caso da matemática sabemos que “A música é um exercício de aritmética secreta e aquele que a ela se consagra ignora que manipula números.” (Leibniz) em (Tressino & Malaquias, 2014, p.2). De facto, é interessante perceber que a música, o ritmo e o som foram decisivos em determinados momentos para o avanço do conhecimento da matemática, portanto e já que não é este o tema central deste texto penso apenas ser relevante citar um momento que ajuda a defender estas minhas palavras “da ligação entre matemática e música é evidenciado por Pitágoras que descobriu razões matemáticas numa das suas viagens quando, por acaso, passava numa oficina onde se batia numa bigorna com cinco martelos” (Rodrigues 1999), também disponível em (Tressino & Malaquias 2014). Sobre este tema são inúmeras as referências que podem ser pesquisadas para um maior aprofundamento sobre a relação entre estas duas áreas, mas é de salientar que “Matemáticos e físicos como Pitágoras, Euclides, V. Galilei, G. Galilei, L. Euler e J. Kepler, entre outros, sentiram as analogias entre a matemática e a música. Por outro lado, os músicos recorreram

à matemática para descrever a sua arte, tais como J.P. Rameau, J. S. Bach, F. Chopin, A. Schönberg, J. Cage e I. Xenakis, entre outros” (Rothstein 2006) (Santos-Luizi, Mónico, Campelos, & Silva 2015).

No caso da disciplina da História são vários os momentos do currículo em que a música pode ser utilizada como estratégia didática de forma proveitosa para os alunos e professores, pois, é uma fonte que se pode obter facilmente e que se expande de forma mais ao menos democrática pela população, através da sua difusão pelos diversos meios disponíveis. Através dos sons, ritmos e letras, a música possibilita variadas interpretações do tempo e do espaço em diferentes contextos contribuindo para o conhecimento histórico de uma forma válida. Na sala de aula, pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica, tal como defende (Xavier 2010, p 1107):

“a música é de fácil acessibilidade a todas as camadas da sociedade, possibilitando que possamos ter diferentes visões de diversas interpretações de mundo através dos canções. Ela se faz potencialmente eficaz na tarefa de mediação cultural entre professor, aluno e sociedade, podendo ser usada como um documento histórico e como uma ferramenta pedagógica, pois ela é produção cultural, carregada de significados em seus versos, tanto implícita como explicitamente.”

Assim, podemos afirmar que a música utilizada em contexto de aula pode se tornar num bom aliado do professor com finalidade de obter resultados positivos. No entanto, cabe ao professor não utilizar a música como um mero divertimento ou de forma inadequada sobre o assunto a tratar, mas saber fazer uma seleção coerente e enquadrada de forma a que o recurso utilizado se torne eficaz para a compreensão dos conteúdos abordados. Cabe ao professor que queira usar a música como ferramenta didática ter a consciência que esta não deve ser utilizada apenas para passar a aula de forma mais agradável, o seu uso deve ter um propósito didático que suporta os conteúdos a abordar em sala de aula. Para tal, a seleção da música deve ser planeada e os conteúdos que ela transmite devem ser enquadrados com a matéria, este é um trabalho que cabe ao professor elaborar no seu planeamento de aula, para obter sucesso no seu objetivo ele deve pré analisar e escolher a música com sentido estratégico e com comentários relacionados de forma a que os alunos tenham perceção do que se pretende ensinar .

“A música não pode ser utilizada, dentro da sala de aula, apenas para dinamizar as aulas, como já foi falado anteriormente. Nesta ótica, é incoerente o professor usar uma música sem fazer nenhum comentário sobre a mesma, apenas como uma forma de preencher o tempo nas suas aulas, já que o mesmo não planejou nada para aula” (Azevedo 2013, p30).

Se assim for feito a música não fará qualquer sentido e o seu propósito de a colocar ao serviço do ensino não terá sucesso. Como refere: (Farias, Canêjo, & Santos, 2017, p1)

“Abordar as diferentes linguagens não é apenas inseri-las no plano de aula, mas deixar claro qual seriam suas finalidades e objetivos que se pretende alcançar. Isso possibilita aos educandos uma aprendizagem significativa dos conteúdos curriculares, recriação, produção e construção de pensamento sobre o espaço”

Portanto, a música não deve ser apresentada como um mero passatempo, mas sim ao serviço da disciplina e dos conteúdos a que o professor se compromete lecionar. Concordando com Ramos (2010.): em (Silva, 2015, p. 29)

“a música não está na escola apenas como uma atividade recreativa, mas sim, na construção de conhecimento do espaço geográfico, como também, na revitalização ética e cultural da sociedade.”

Assim, ao recorrer a conteúdos musicais, o professor deve ter consciência que a música pode proporcionar e potenciar efeitos ao nível cognitivo constituindo um universo que pode levar para a sala de aula vários temas que possam contribuir positivamente para a passagem de conhecimento. No entanto, requer que o professor tenha preocupações, que seja cuidadoso e que seja sensível a um conjunto de fatores que podem contribuir para o sucesso da pedagogia implantada. A idade dos alunos, as turmas, o contexto social e a ecologia da escola são fatores que requerem do professor uma sensibilidade na sua ação pedagógica. Quando bem utilizada a linguagem musical deverá contribuir para facilitar a compreensão das matérias e para a discussão e reflexão individual e coletiva sobre os conceitos e matérias. As letras podem desencadear ao aluno o interesse pelo novo e proporcionar ao professor novas ferramentas para que possa intervir na forma de passagem de conhecimentos munindo-o de novas formas de problematizar e reconstruir as matérias a desenvolver.

Para que a metodologia tenha sucesso o professor deve estudar a música e entender quais as informações que ela carrega consigo para depois introduzir e explicar aos alunos qual o motivo da aplicação da música na aula. Assim o professor para elaborar o plano da aula deve dominar cientificamente o tema a apresentar, posteriormente chega o momento da escolha das músicas e de seguida a sua análise onde deve destacar e submeter os conceitos e as temáticas. Esta prática poderá desencadear nos alunos e na sala de aula um meio de comunicação que pode facilitar a suprimir algumas dificuldades na compreensão dos conteúdos a reter provocando no público uma atração acrescida pelos conteúdos a 52

serem abordados. E ainda, poderá considerar a vivência dos alunos como meio de auxílio para a compreensão dos conteúdos ou matérias e realizar relações entre a ciência e o mundo onde vivem. Outro fator relevante e benéfico é o potencial que tem para promover a interação e cooperação entre os alunos e professor, na medida, em que a música pode apresentar conceitos e análise de dados que podem ser decodificadas e analisadas criticamente. (Fuini, Santos, Damião, Oliveira, & Rios 2012).

10) A Música no ensino da Geografia

“A música é um produto cultural e histórico-geográfico” (Nunes, & Castro 2019, P.78).

A música possibilita identificar conceitos, factos, comportamentos, referencias geográficas a várias escalas em diferentes tempos, a percepção da paisagem física e humana, as questões sociais, as políticas ambientais, a questão do lugar, fenómenos urbanos e climáticos. Enfim, podemos afirmar que existem músicas que poderiam ser utilizadas para quase todas as metas curriculares. No caso da geografia, a música pode ser inserida em contexto de aula por ser um útil elemento para a difusão e conceção do conhecimento pois a sua linguagem própria acarreta consigo um conjunto de elementos que podem ser úteis para a compreensão de conteúdos geográficos. De acordo com Muniz (2002 p.81), “Ao utilizar letras de músicas a prática pedagógica possibilita a análise e a reflexão dos conteúdos vistos em sala de aula por meio da dinâmica da nossa sociedade”. A linguagem musical veicula um vasto número de elementos geográficos o do território vivido, as suas relações munidas de símbolos e elementos sócio-espaciais. Através do conteúdo a ser lecionado o professor pode encontrar músicas que se relacionem com esses elementos geográficos. A utilização da música para a problematização, identificação, relacionamento, análise e reflexão sobre aspetos geográficos a serem lecionados, pode ter resultados muito positivos, corroborando Pinheiro & Mença (2004 p. 104)

“Uma das vantagens de se utilizar a música na geografia se afirma na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violência, guerras, conflitos raciais, fome, falta de infraestrutura nas cidades, belezas naturais,

como também degradação ao meio ambiente, fazem parte dos temas abordados por muitos compositores [...]”.

Posto isto, é entendível que a geografia trabalha com variadas formas de linguagem e recursos, com o objetivo de transmitir e explicar fenómenos geográficos. A utilização de conteúdos musicais podem e devem fazer parte desses recursos utilizados já que através das suas letras não raras as vezes são abordadas temáticas de interesse geográfico que podem ser fonte de leitura e interpretação do espaço, da paisagem e da sociedade e por consequência revelar-se um contributo importante para o sucesso escolar dos alunos.

Deste modo é possível perceber que a aplicação de músicas em contexto de sala de aula na área de geografia, pode ser benéfica nos seguintes pontos: a música com letra pode ser um instrumento favorável à discussão e reflexão coletiva em sala de aula sobre conceitos da Geografia; estimula o aluno na aprendizagem dos conteúdos geográficos; possibilita diversas interpretações, correlações e exemplificação do conteúdo trabalhado; proporciona o contacto com diversos mundos e realidades através das mais variadas melodias que podem caracterizar regiões e situações específicas da geografia e possibilita um trabalho interdisciplinar.

11) Preparação da estratégia didática

Num primeiro passo, procedeu-se à revisão da literatura científica mais adequada ao tema, de forma a que os conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula pudessem ser absorvidos da melhor forma possível. Tema escolhido: problemas urbanos. O segundo passo desenvolveu-se em torno de uma revisão da literatura que pudesse guiar o trabalho do ponto de vista metodológico, de modo a verificar se a estratégia a seguir é passível de causar o impacto pretendido. O terceiro passo foi dado à volta da pesquisa e interpretação de músicas que se relacionassem com o tema. O quarto passo teve como objetivo a seleção das músicas. O quinto consistiu na interpretação, análise e reflexão aprofundada sobre as músicas selecionadas, através das suas letras e sons, em busca de relacionar e decodificar os problemas urbanos que nelas sejam de um ou de outro modo sinalizados. As seguintes atividades foram propostas:

Para a primeira das músicas (ver infra)

- 1- Audição e leitura/interpretação da música.
- 2- Organizar os alunos em grupos de trabalho.
- 3- Questionar os diferentes grupos sobre quais os espaços que podem ser identificados na letra.
- 4- Requerer a cada grupo que em conjunto identifique na letra da canção momentos em que podem ser identificados problemas urbanos.
- 5- Requerer a cada grupo que justifique as suas opções.

Para a segunda música:

- 1- Audição e leitura/interpretação da música.
- 2- Dar uma ficha a cada aluno com as seguintes tarefas:
 - 2.1 Identificação qual a paisagem/tipo de espaço abordado na canção.
 - 2.2 Identifica na letra da canção momentos que possa ser relacionado como um exemplo de saturação de infraestruturas e de pressão ambiental.
 - 2.3 Identifica na letra da canção outros momentos que se relacionem com a temática com os problemas urbanos, justificando cada opção.

As duas músicas e letras selecionadas foram as seguintes:

1º música:

Autor e Intérprete: Caetano Veloso

Título: Fora da Ordem

Álbum: Circuladô

Ano: 1991

Editora: Phonogram/Philips

Letra e comentários :

Vapor barato

Um mero serviçal

Do narcotráfico (Crime, problemas sociais)

Foi encontrado na ruína

De uma escola em construção... (Degradação de edifícios)

Aqui tudo parece

Que era ainda construção

(Degradação de edifícios) E já é ruína é menino, menina

No olho da rua (exclusão social)

O asfalto, a ponte, o viaduto (Infraestruturas urbanas)

Ganindo prá lua (Sem abrigo)

Nada continua...

E o cano da pistola (violência, Problemas sociais)

Que as crianças mordem

Reflete todas as cores

Da paisagem da cidade (Paisagem urbana)

Que é muito mais bonita

E muito mais intensa (Produção urbana)

Do que no cartão postal... (Paisagem urbana)

Alguma coisa

Está fora da ordem Fora da nova ordem Mundial...

Escuras coxas duras
Tuas duas de acrobata mulata
Tua batata da perna moderna
A trupe intrépida em que fluis...
Te encontro em Sampa
De onde mal se vê
Quem sobe ou desce a rampa (saturação das infraestruturas)
Alguma coisa em nossa transa
É quase luz forte demais
Parece pôr tudo à prova
Parece fogo, parece
Parece paz, parece paz...

Alguma coisa
Está fora da ordem
Fora da nova ordem
Mundial... Meu canto esconde-se
Como um bando de Ianomâmis
Na floresta
Na minha testa caem
Vem colocar-se plumas
De um velho cocar... (falta de zonas verdes)
Estou de pé em cima
Do monte de imundo
Lixo baiano (Pressão Ambiental)
CUSPO chicletes do ódio
No esgoto exposto do Leblon (problemas ambientais)
Mas retribuo a piscadela
Do garoto de frete
Do Trianon Eu sei o que é bom..

2º música selecionada:

Autor e Intérprete: Gabriel o Pensador

Música: Rap do 175

Álbum: Gabriel o Pensador

Ano: 1993

Editora: Sony Música

Letra e comentários:

Mais um dia mais um ônibus que eu peguei no Rio

(o espaço urbano; movimento pendular)

Um ônibus tranquilo

Estava vazio

A cidade engarrafada como não podia deixar de ser Viagem demorada (sobrelotação das
infraestruturas)

O que fazer?

Sem nenhuma mulher por perto pra bater um papo esperto

Resolvi escrever um rap a mais

Mas não estou bem certo sobre o quê vou rimar

- Diz aí torcador

(Ah sei lá)

Então eu vou no instinto pego um papel e vâmo vê o quê que dá

Foi nesse instante em que eu olhei pra janela

E que susto eu levei

Era ela

A inflação estampada na vitrine

Atingiu meu coração

E deu vontade de partir pro crime

Porque o que eu quero comprar já não dá mais (Problemas económicos)

A não ser que eu faça como fez o Ferrabrás (Quem?)

Então eu tento esquecer

Continuar a rimar

Mas o que eu vejo do outro lado é duro de acreditar

Mas é real

E a realidade dói demais

São dois mendigos se matando pelos restos mortais (exclusão social)

De um cachorro qualquer que foi atropelado

E vai virar rango e se der

Talvez seja assado (Hmm esses nojentos gostam disso?!)

- Não arrombado

Aquilo é um ser humano que chamaram de descamisado

Um desesperado

Um brasileiro como eu

Que deve sempre perguntar

(Será que existe mesmo Deus?)

Não é o Pensador que vai tentar responder

Eu continuo rimando tentando esquecer

Porque... Esse rap não é sobre nada especial

É o rap do 175 que eu peguei na central

E de repente o ônibus começou a encher (saturação das infraestruturas)

Entrou mais gente

Houve um tumulto

Alguém gritou e eu olhei pra ver

(Quê que é isso? Quê que tá pegando? Quê que tá havendo?)

(É um assalto malandro! Será que você ainda não tá percebendo?)

(Insegurança e Criminalidade)

O desespero do trabalhador começou E eu também tentava esconder

meu dinheiro quando alguém falou (Libera esse aí que é o Pensador

mané!) Mas eles eram meus fãs

Então levaram meu boné

(Autografado né Pensador se liga!)

Alguns acharam que eu era cúmplice

Quase deu briga (violência insegurança)

Mas a viagem prosseguiu

E os ladrões desceram

E aí a raiva é que subiu na cabeça dos passageiros

E o mais injuriado era um bigodudo

Que tinha ganhado o salário e (Eles levaram tudo) (Problemas económicos, risco de exclusão social)

Entraram dois PMs pela porta da frente estufando o peito e olhando pra gente

Impondo respeito

Mas os ladrões já tavam longe

Num tinha mais jeito

Pra priorar levaram o bigodudo como suspeito - Ele era preto (exclusão racial)

Coisas desse tipo é difícil esquecer

Mas eu vou continuar porque eu já disse a você que...

E eu percebi que o trocador ficou fazendo careta

Para rum coroa que passou por debaixo da roleta Era um senhor de óculos, barba branca...

Ei Peraí! (Ei professor

O quê que o senhor tá fazendo aqui?!

Quê que houve? Foi assaltado? Perdeu o dinheiro?)

- (Não... É... sabequêqueé... Eu já gastei o salário inteiro!) (sobrevivência totalmente dependente do trabalho) HmHm Mudei de assunto

Ele já tava encabulado

No meio do mês o salário dele já tinha acabado

Era o meu ex-professor da escola (Coitado)

Tá f... e mal pago

Daqui a pouco tá pedindo esmola

Ele é um mestre

Um baú de sabedoria

E num é o valor que um professor merecia

Profissional de primeira importância pro nosso futuro

Ninguém mais quer ser professor pra num viver duro

E ele desceu em outra escola pra dar mais aula

(É que eu trabalho nos três turnos

Chego em casa e ainda corrijo prova) (stress) Tchau professor - (Tchau

Pensador) Desceu mais um trabalhador que tá numa de horror mas..

E nós agora estamos passando pelo bairro de São Conrado (periferia)

E como o tempo tá fechando eu tô ficando preocupado

Ih! Choveu! Pronto tudo alagado (Impermeabilização dos solos,presão ambiental) Uns vão nadando

Outros morrendo afogados

E enquanto na favela tem barraco caindo (habitação clandestina, edifício degradado)

Não é que passa o Prefeito num iate sorrindo

E se o nosso ex-presidente estivesse aqui

Ele estaria certamente num belíssimo jet-ski (desigualdade social)

Mas como nós não temos embarcação pra todo mundo

Essa triste situação tá parecendo o fim do mundo (conjunto de problemas urbanos)

Pra quem tá de carro

Pra quem tá de ônibus

Nessa Rio-Babilônia (espaço urbano)

No Brasil do abandono

E enquanto os governantes vão boiando sorridentes

Vâmo remando

Bola pra frente porque...

E o pior de tudo é que nessa grande viagem

Nada disso do que aconteceu foi novidade (persistência dos problemas urbanos)

E as autoridades estão defecando

Pro que acontece ao cidadão brasileiro no seu cotidiano

Porque pra eles isso não é nada especial

No dos outros é refresco

Num faz mal

E fecham os olhos pro que até cego já viu: (inação/indiferença política/social)

O revoltante retrato da vida urbana no Brasil

E eu não me refiro ao 175 ou qualquer linha da central

Eu tô falando do dia a dia a qualquer hora em qualquer local (problemas urbanos cotidianos/ persistentes)

Porque esse rap não é sobre nada especial...

12) A implementação em Sala de Aula

A implementação da estratégia em sala de aula sofreu algumas alterações devido a vários fatores, relacionados com o tempo para lecionar os conteúdos propostos, uma vez que apenas dispus de 20 minutos. Preciosas, foram sempre as sugestões da professora cooperante, Cristina Nolasco, que visavam a alteração das perguntas elaboradas. Assim, a primeira canção não foi aplicada na estratégia, ficando assim a mesma reservada para uma futura sessão a conduzir na minha carreira de professor. Deste modo, apenas a segunda canção foi, do seguinte modo, de facto implementada nas duas turmas:

- 1- Na turma X: As questões foram respondidas por seis grupos de quatro alunos e um grupo de três, formando um total de sete grupos.
- 2- Na turma Y: As questões foram respondidas individualmente por cada aluno.

As questões colocadas aos alunos de ambas as turmas para responderem de forma escrita foram as seguintes:

- 1- Oiça e leia a letra da canção.
- 2- Identifique e registe, com base na letra da canção, problemas urbanos.
- 3- Justifique dois problemas identificados.

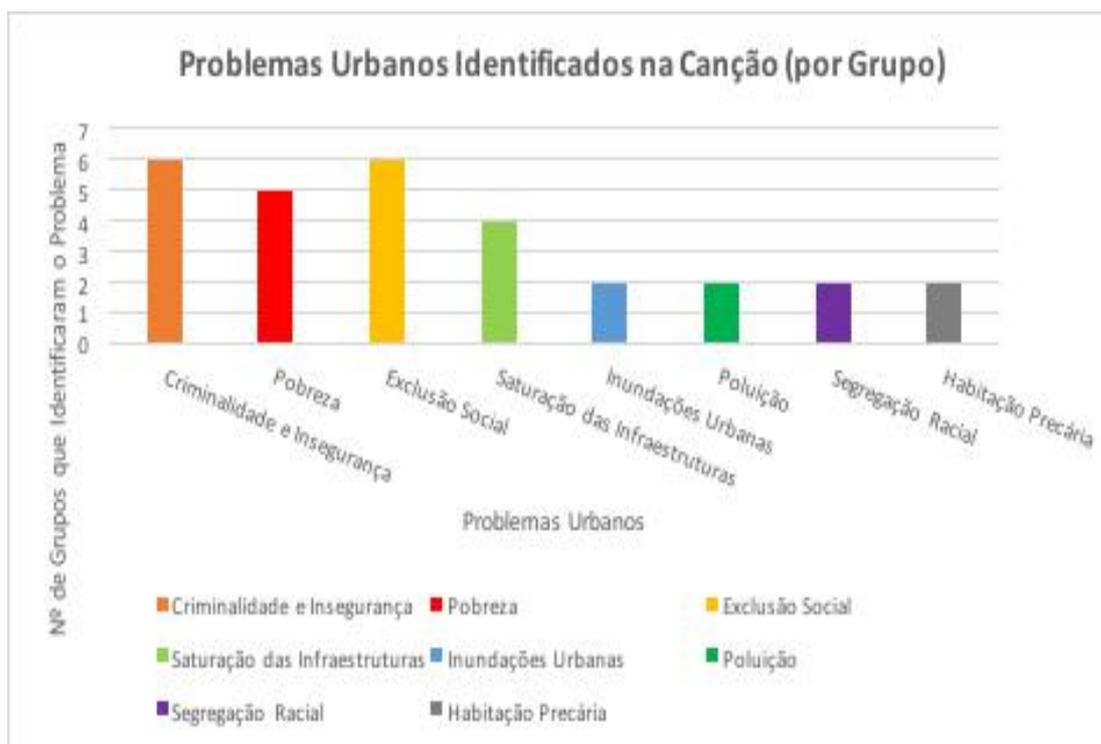
Figura 3: *Observação dos resultados para a turma X :*

Figura 5- Número de respostas por grupo à pergunta 2



Todos os grupos responderam à questão colocada, embora o número de problemas identificados apresenta resultados diferentes, com um grupo a apresentar 3 respostas, dois grupos a apresentarem 4, um outro com 5 respostas, outro grupo 6 respostas, e um último a apresentar 7, somando um total de 29 respostas e uma média de 4,8 respostas por grupo. Quanto aos problemas urbanos identificados na canção os resultados foram os seguintes:

Figura 6-Problemas Urbanos identificados na canção (por Grupo)



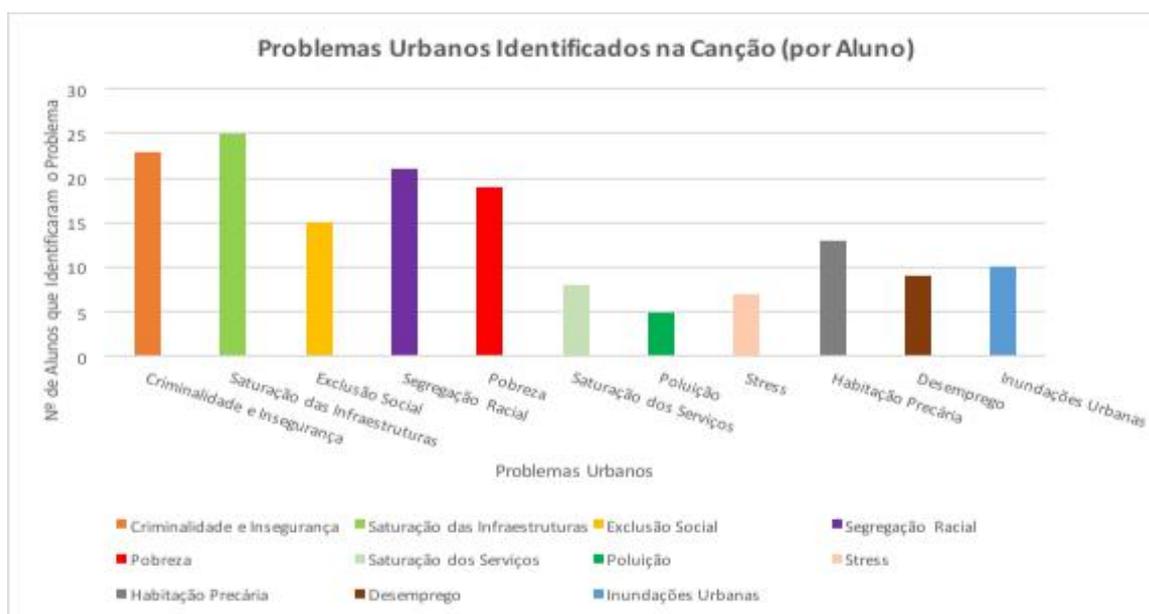
Os problemas urbanos mais identificados na canção foram a criminalidade e exclusão social, a somar 6 respostas, logo seguido da pobreza urbana, com 5 cinco respostas, terminando com a saturação das infraestruturas, com 4 respostas, e com as inundações urbanas, a poluição, a segregação racial e a habitação precárias, estas que obtiveram duas respostas. Na mesma questão, apresentada à turma Y, que respondeu de forma individual os resultados foram os seguintes:

Figura 7-Nº de Respostas por aluno à pergunta 2



Todos os alunos responderam, com exceção de um aluno, pelo que a média de respostas por aluno, de um total de 154, é de 5,7 respostas. Um aluno houve que identificou 10 problemas urbanos, sendo o que deu o maior número de respostas; oito alunos identificaram 5 problemas urbanos, valor que corresponde à mediana nesta turma, como se pode atestar gráfico infra:

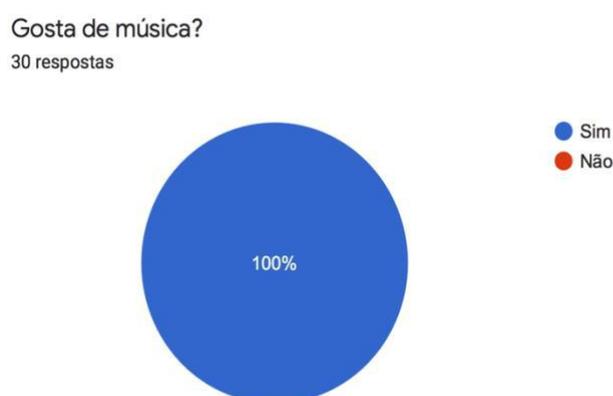
Figura 8-Problemas urbanos identificados na canção, por aluno.



Como se pode observar na figura 6, o problema mais identificado na canção é a saturação das infraestruturas, com 25 respostas; a criminalidade e insegurança, com 23; e a segregação racial com 21. Os problemas que obtiveram menor número de respostas foram a poluição, com 5 respostas, e o stress com 7.

Finalizadas as tarefas realizadas pelos alunos, foi elaborado um inquérito, que passamos a ilustrar e a comentar abaixo, tal que servisse de base de dados para a reflexão sobre a estratégia didática utilizada e sobre o desempenho do professor.

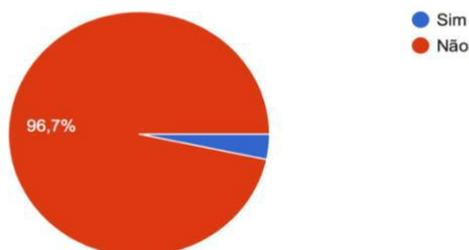
Figura 9- resultados da questão: Gostas de Música?



Quando questionados sobre gostavam de ouvir música, a totalidade dos alunos respondeu de forma afirmativa. Nas aulas, tornou-se manifesto que os alunos tinham noção prévia de que acediam ao espaço através da música, o que tornou patente que não apenas gostam de ouvir música, mas que a sentem também geograficamente. Estes dois fatores levaram à conclusão de que a música não apenas representa o espaço Geográfico, como que o uso da música nas aulas de Geografia tem um enorme potencial de sucesso para tornar as aulas de Geografia mais estimulantes.

Figura 10- Resultados da questão: Nos anos anteriores, algum professor utilizou a música em sala de aula?

Nos anos anteriores algum professor utilizou música nas aulas de geografia?
30 respostas



À questão sobre a anterior utilização de música para fins didáticos por parte de outros professores de Geografia, as respostas foram praticamente todas negativas. Apenas um aluno revela já ter sido utilizado este recurso didático em outro momento do seu percurso, o que nos leva a concluir que a música, como recurso didático, continua a não ser muito frequente nas aulas de Geografia.

Figura 11- resultados à questão: Com que frequência ouves música?

Com que frequência ouve música?
29 respostas

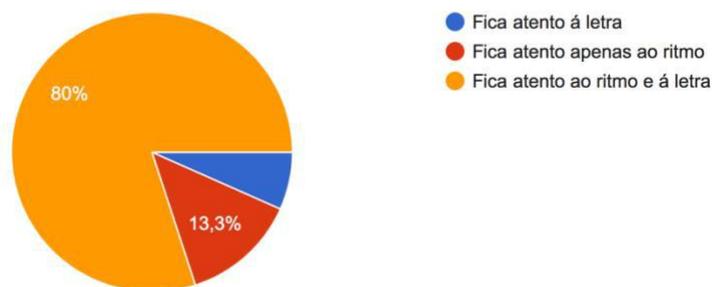


Quanto a frequência dos alunos com a audição de música, e percentagem de 100% torna evidente que os alunos mantêm uma relação diária com a música, algo que pode ser aproveitado pelos professores para retirarem benefícios para a motivação dos alunos para as aprendizagens.

Figura12-. Resultados da questão: Quando ouve música, você:

Quando ouve uma música, você:

30 respostas

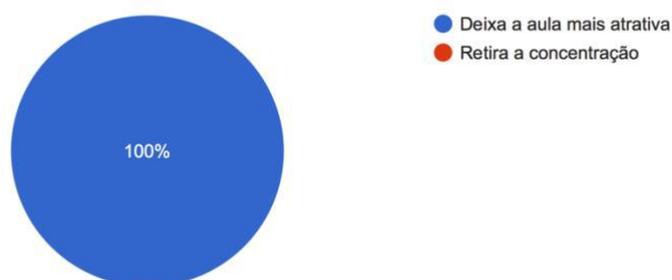


Sobre se os alunos prestam mais atenção ao ritmo ou às letras, 80% reponderam que se concentram tanto no ritmo como nas letras das músicas, 6,7% dos reponderam que ficam atentos somente à letra, enquanto que 13,3% responderam que prestam mais atenção ao ritmo.

Figura13-Resultados da questão: A Música em sala de aula?

A música na sala de aula:

30 respostas

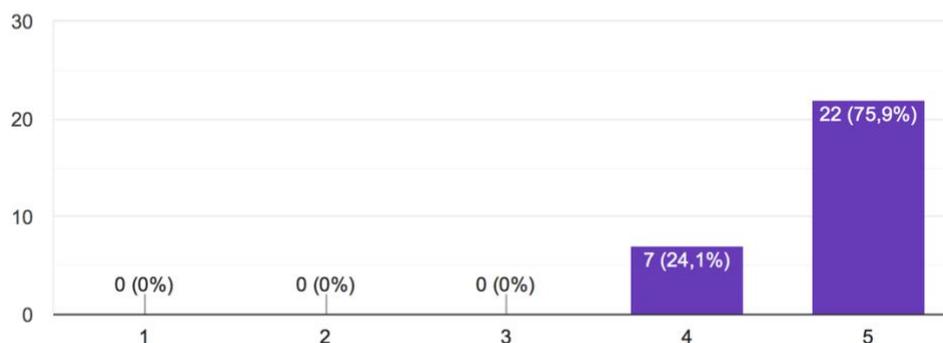


Quanto à música em sala de aula, 100% dos inquiridos respondeu que a aula fica mais atrativa, tal como que a música não prejudicava a concentração. Para a parte do questionário que está abaixo, foi utilizada a escala de Likert, composta por 5 níveis de resposta: Discordo totalmente (1); Discordo (2); Não concordo nem discordo (3); Concordo (4); Concordo totalmente (5). As 7 primeiras afirmações selecionadas direcionam-se sobre a estratégia didática utilizada, de forma a obter um entendimento mais conciso do seu impacto sobre os alunos.

Figura 14-Resultados da afirmação: Gostei de utilizar música em sala de aula.

Gostei de utilizar a música em sala de aula.

29 respostas

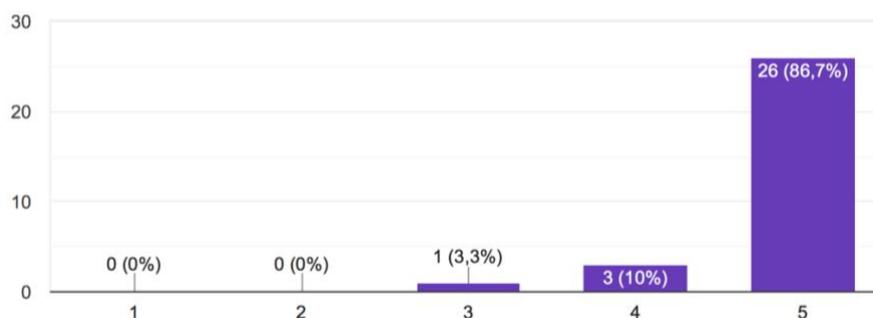


De acordo com os resultados apresentados, 75,9% dos alunos concordaram totalmente e os restantes 24,1% concordaram com a afirmação colocada. Isto significa que houve um agrado generalizado relativamente à estratégia adotada, isto é, pela utilização de música como ferramenta didática na sala de aulas de Geografia. Este resultado leva-nos a considerar que a utilização de músicas em sala de aula como estratégia didática pode ser um elemento de motivação para a aprendizagem por parte dos alunos.

Figura 15- Resultados da afirmação: Considero que utilização da música em do Gabriel o pensador foi adequado temática dos problemas urbanos.

Considero que a utilização da música do Gabriel o Pensador foi adequada à temática dos Problemas Urbanos

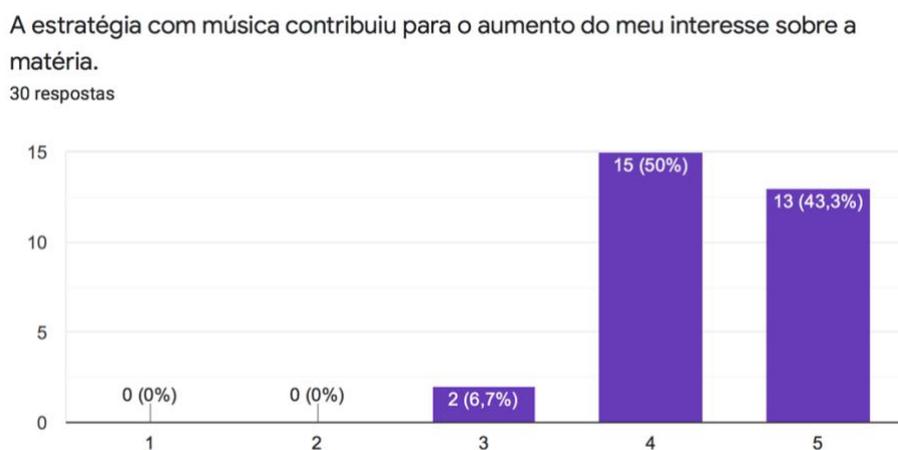
30 respostas



Perante a afirmação de que os alunos consideram que a música utilizada foi adequada à temática exposta, 3,3%, o que correspondente a um aluno, afirmaram que não concordam nem discordam, 10% concordaram, e 66,7% concordaram totalmente. Estes 68

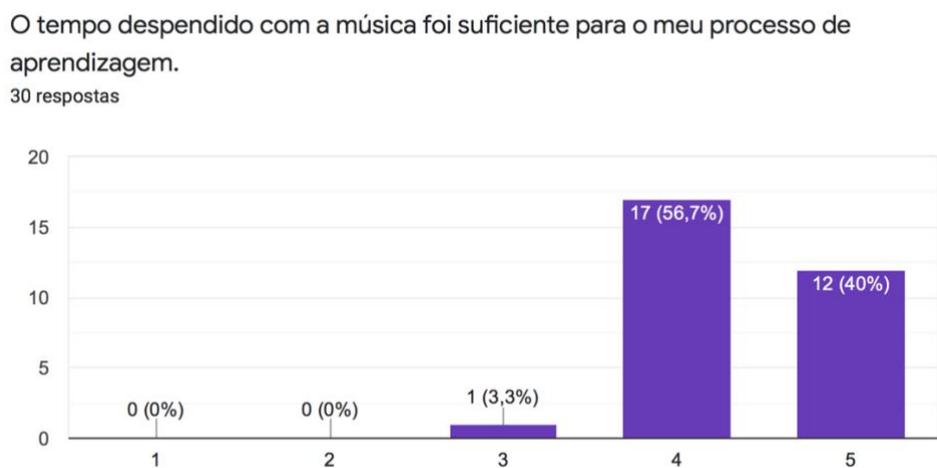
resultados evidenciam que a música selecionada para abordar a temática se revelou ajustada às expectativas dos alunos.

Figura 16-Resultados da afirmação: A estratégia com música contribuiu para o aumento do meu interesse sobre a matéria.



Sobre a música ter contribuído como elemento para o aumento do interesse da matéria por parte dos alunos, 50% concordaram, 43,3% concordaram totalmente e 6,7% não concordaram nem discordaram. Estes números revelam, que o uso da música como recurso criou um efeito positivo na maior parte dos alunos, aumentando o interesse sobre a matéria em praticamente todos eles.

Figura 17-: resultados obtidos da afirmação: O tempo despendido com música foi suficiente para o meu processo de aprendizagem



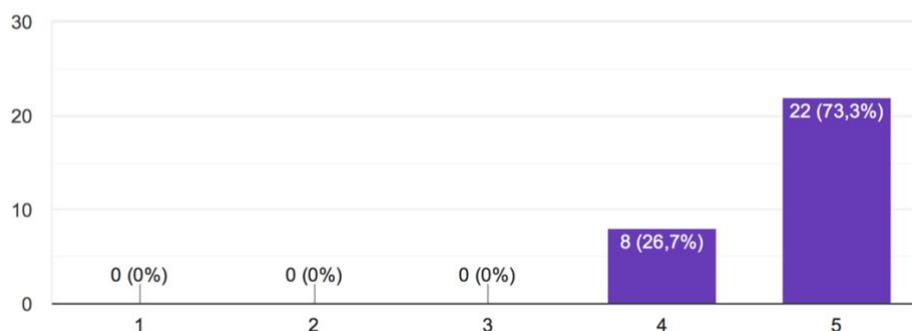
Perante a afirmação de que o tempo utilizado com a música durante o processo de aprendizagem foi suficiente. 56,7% dos alunos concordaram, 40% concordaram totalmente

e 3,3% não concordaram nem discordaram. Assim, apesar de escasso, o tempo disponível para implementar a tarefa terá sido o suficiente para que os alunos assimilassem conceitos e viessem a aprofundar a sua relação com a Geografia através da música.

Figura 18- Resultados da afirmação: Gostava de voltar a utilizar músicas em sala de aula.

Gostava de voltar a utilizar músicas novamente em sala de aula.

30 respostas

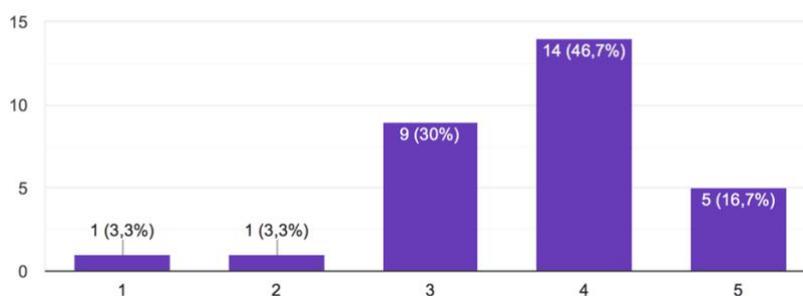


Em relação ao ter sido afirmado que seria do agrado dos alunos que se voltasse a usar a música nas aulas como ferramenta de aprendizagem, 26,7% concordaram e 73,3% concordaram totalmente. Estes números são reveladores de que a música pode ser uma ferramenta motivadora para os alunos permanecerem na sala de aula de bom grado.

Figura 19- resultados da afirmação: Tenciono utilizar música fora do contexto de aula para relacionar com as matérias.

Tenciono utilizar música fora do contexto de aula e relacionar com as matérias que lecionadas nas aulas.

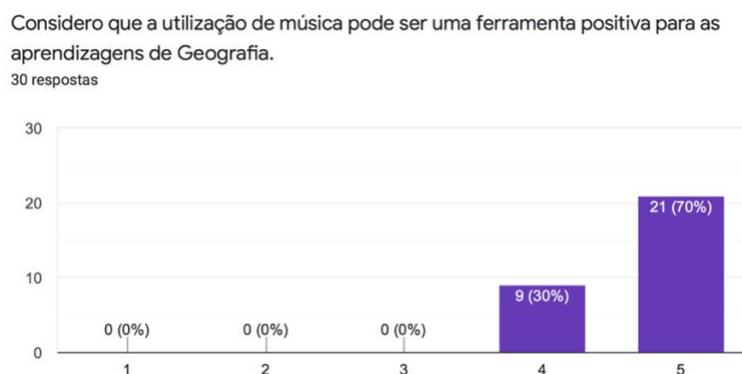
30 respostas



Face à afirmação de que tencionam utilizar a música como recurso para a aprendizagem de matérias fora do contexto de aulas, 3,3% dos alunos discordou totalmente, outros 3,3% discordou, 30% nem concordou nem discordou, 46,7% concordou, e 16,7% concordou totalmente. Os resultados podem ser considerados satisfatórios, já que não existiu da minha parte

uma exposição de um leque muito alargado de metodologias para a utilização de recursos musicais na aprendizagem das matérias lecionadas fora do contexto de sala de aula. É, também, importante salientar que mais de 60% dos alunos consideram que podem vir a utilizar a música no seu dia para relacionarem os conteúdos musicais com os conteúdos abordados nas aulas de Geografia.

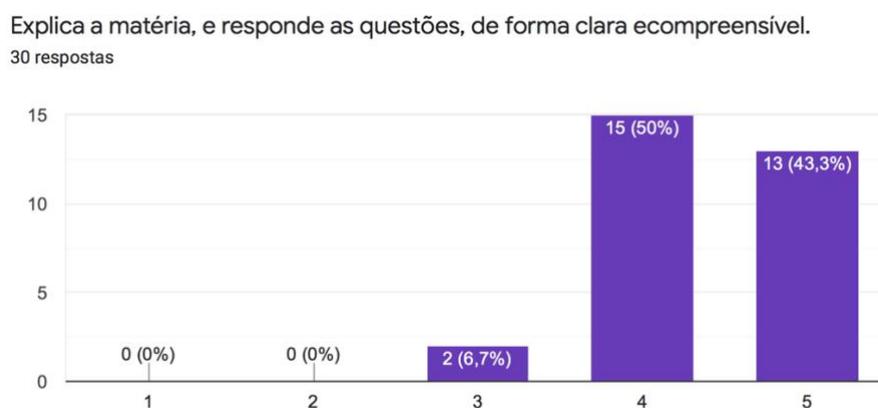
Figura20 - Resultado da afirmação: A música pode ser uma ferramenta positiva para as aprendizagens em geografia



Relativamente à música ser uma ferramenta útil para as aprendizagens em Geografia, 70% dos alunos expressaram concordar totalmente, e 30% dos inquiridos concordaram, não se verificando discordâncias com essa afirmação.

As restantes 7 afirmações seleccionadas direccionam-se sobre a relação com o professor e as aulas ministradas. Assim se fez, de forma a conseguir ter uma perceção mais concisa sobre como os alunos avaliaram as aulas e os métodos de ensino do professor. De seguida, com o mesmo método utilizado, foram feitas algumas afirmações sobre o professor.

Figura 21- Resultado da afirmação: O professor explica a matéria e responde às questões de forma clara e compreensível.

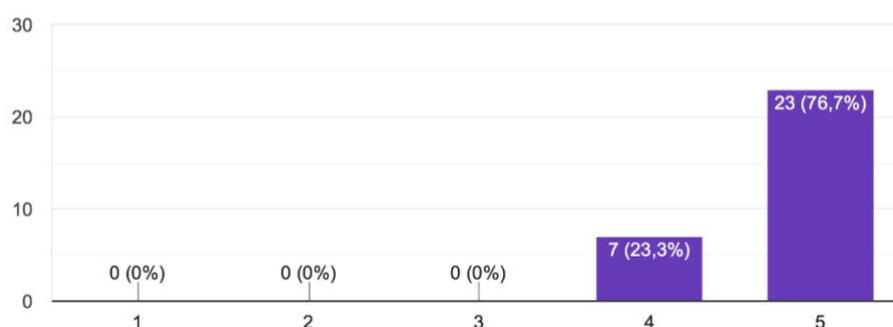


Sobre se as aulas ministradas por mim, 50% concordaram que a matéria era bem explicada e que as questões eram respondidas de uma forma clara e compreensível, enquanto 43,3% concordaram totalmente e 6,7% nem concordaram nem discordaram.

Figura 22- Resultado da afirmação: Os conteúdos das aulas ministradas pelo professor foram de acordo com o programa e objetivos s proposto

O conteúdo das aulas ministradas pelo professor foi de acordo como programa e objetivos inicialmente propostos.

30 respostas

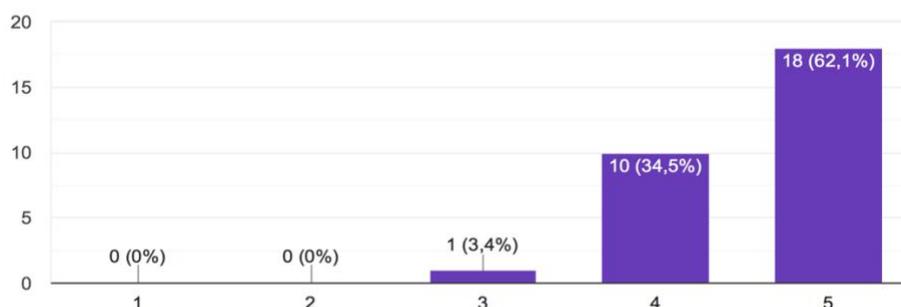


Perante a afirmação de que as aulas respeitaram o programa e objetivos, 76,7% concordaram totalmente e os restantes 23,3% concordaram.

Figura 23- Resultado da afirmação: A quantidade de informação apresentada nas aulas foi em geral adequada ao tempo disponível.

A quantidade de informação apresentada nas aulas foi, em geral,adequada ao tempo disponível.

29 respostas

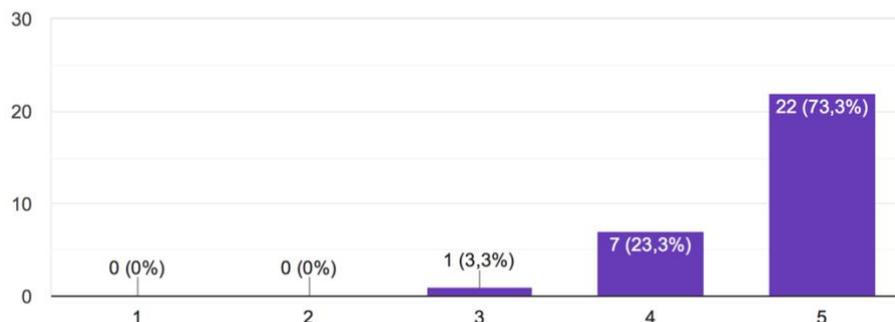


Relativamente á informação apresentada nas aulas ter sido adequada ao tempo disponível, 62,1% concordaram totalmente, 34,5% concordaram, e 3,4% não discordaram nem concordaram.

Figura 24- Resultados da afirmação: O professor fomentou o envolvimento ativo e crítico dos alunos

O professor fomentou o envolvimento ativo e crítico dos estudantes na aula.

30 respostas

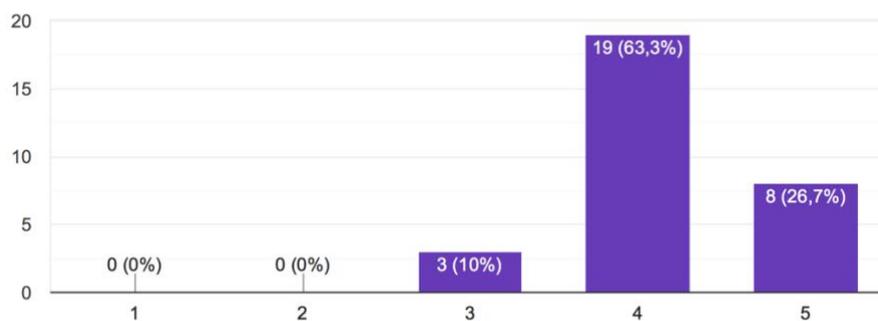


73,3% concordaram totalmente, 23,3% concordaram e 3,3% nem discordaram nem discordaram, face à afirmação de que o professor nas aulas fomentou o envolvimento ativo e crítico por parte dos alunos.

Figura 25-Resultado da afirmação: O professor fomentou, a autoaprendizagem dos estudantes fora da aula

O professor fomentou a autoaprendizagem dos estudantes fora da aula.

30 respostas

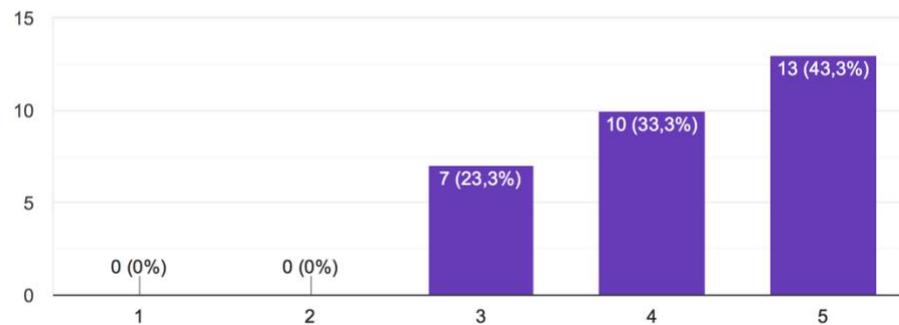


63,3% dos alunos concordaram com a afirmação sobre o professor ter fomentado a autoaprendizagens dos alunos para além dos momentos de aula, por sua vez 26,7% concordaram totalmente e 10% nem concordaram em discordaram.

Figura 26- resultados da afirmação: O professor mostrou disponibilidade para esclarecer dúvidas fora das aulas

O docente mostrou disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas fora das aulas.

30 respostas

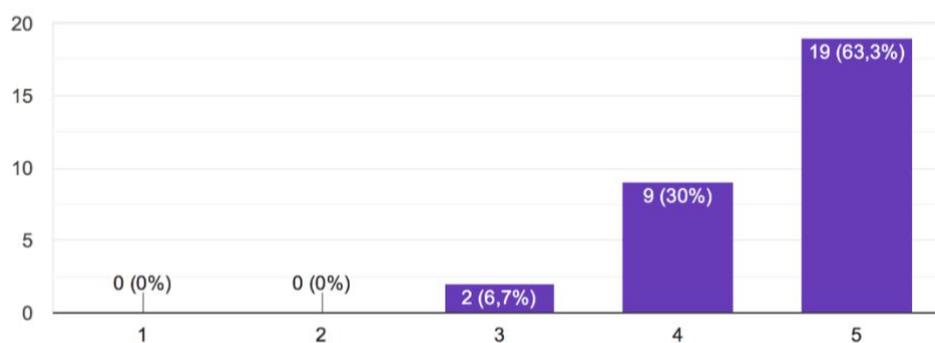


23,3% não discordaram nem concordaram com a afirmação de que o professor demonstrava disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas para alá do tempo letivo; por sua vez, 33,3% concordaram com esta afirmação e 43,3% concordaram totalmente.

Figura 27- Resultados da afirmação: A minha apreciação global sobre a qualidade pedagógica do docente é positiva. :

A minha apreciação global acerca da qualidade pedagógica do docente é positiva.

30 respostas



Sobre a qualidade pedagógica do docente ser positiva, 63,3% concordaram totalmente, 30% concordaram e 6,7% nem concordaram nem discordaram. Do modo como os alunos se manifestaram relativamente a esta afirmação depreende-se que a larga maioria dos alunos considerou que o trabalho do professor, de um ponto de vista global, foi francamente positivo.

Por último, foi pedido aos alunos que escrevessem o que mais gostaram das aulas lecionadas e o que menos gostaram. Sobre o que mais gostaram as respostas obtidas foram as seguintes:

- O empenho e simpatia do professor.
- A preocupação em ver se há vídeos para apoiar a compreensão da matéria.
- Os casos práticos que o professor tenta encontrar.
- O que mais me agradou foi o facto de o Professor Vítor tentar lecionar a matéria de forma mais didática (com música, vídeos, com a nossa participação) para que nós alunos ficássemos mais interessados na matéria.
- O empenho.
- Criatividade
- O professor Vítor estava sempre preocupado se estávamos a perceber a matéria, pondo-se disponível para voltar a repetir tudo outra vez para ter a certeza de que estávamos a perceber.
- Explicou bem a matéria.
- A forma como tentava inovar na leção das matérias era interessante.
- Forma de explicar e interação com alunos.
- O professor tentou sempre interagir com os alunos e também os alunos todos entre si. Notou-se um grande esforço da sua parte, sobretudo para nos ajudar a compreender os conteúdos.
- A forma clara com que ele explicava e da maneira que ele ajudava quando necessitávamos
- O que mais me agradou foi a preocupação que o professor teve pelos alunos para tentarem compreender melhor a matéria, e o uso de imagens e notícias para uma melhor compreensão.
- A forma como explicava a matéria.
- A interação que o professor tinha com os alunos.
- O Professor repetia a matéria várias vezes para ter a certeza que nós ficamos com a matéria bem aprendida e resultou.
- A preocupação em perceber se nós estávamos a entender a matéria
- Por ser direto
- A forma como empunha respeito na aula.

- A preocupação para a boa aprendizagem, participação, concentração e esclarecimento de dúvidas dos alunos.
- A explicação clara que simplificou a aprendizagem
- A forma como se esforçava para ver se entendíamos o que ele ensinava
- A forma como explicava e tentava inovar
- Da maneira como impunha respeito e como falava
- O uso de notícias, vídeos e músicas.
- A maneira como explicava.
- O empenho e maneira como falava
- Gostei de tudo

Sobre o que menos gostaram as respostas foram as seguintes:

- Nada.
- Não tenho nada a dizer.
- Nada a dizer
- Algumas vezes o professor Vítor falava muito rápido, e não o conseguia acompanhar para tirar apontamentos.
- Não tenho opinião neste parâmetro
- Monotonia, (gere a aula com poucas mudanças de tarefas e de «velocidade»)
- O professor Vítor, no início, falava um bocadinho rápido demais.
- Nada. Foi 5 *
- Nem sempre a turma conseguiu colaborar devidamente face às explicações do professor, talvez pelo facto das matérias não serem tão interessantes.
- Se calhar da maneira que ele prolongava e cento tipo de coisas/matérias.
- Apresentações com um design não muito apelativo.
- A timidez por vezes deixava-o muito nervoso e ele perdia a ideia.
- Gostei de tudo.
- Talvez o nervosismo, mas isso é algo normal.
- Às vezes ao tirar as dúvidas era um pouco vago.
- Nada a dizer.
- Nada a dizer gostei muito do professor
- Nada de negativo.
- Nada de negativo.
- Nada.

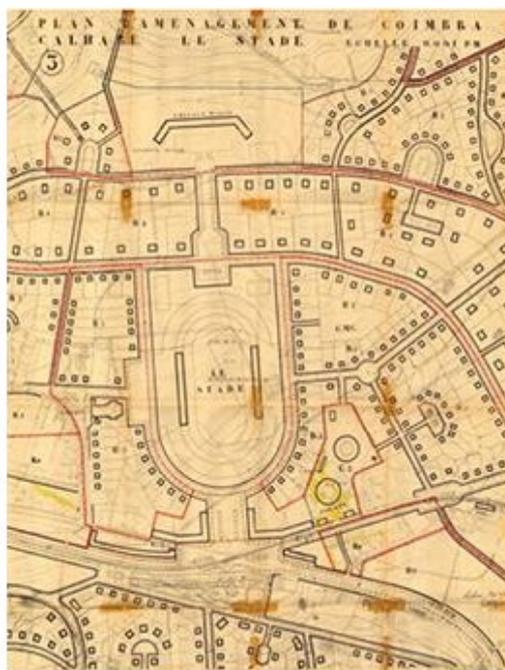
Deste modo, o professor estagiário ao lecionar deve sempre tentar recolher o máximo de informação possível da escola onde irá exercer, assim como, dos colegas, das turmas e também, do meio envolvente da escola, essas informações podem ser preciosas para a decisão das práticas pedagógicas a seguir. O domínio do contexto geográfico, social, assim como das infraestruturas que escola proporciona, podem ajudar a que a prática letiva tenha sucesso. Nesse sentido, o próximo capítulo tem como finalidade, a abordagens dessas questões.

13) O meio envolvente da escola. o “Calhabé”.

O “Calhabé” na década de 1940 caracterizava-se por ser uma área de periferia com uma acessibilidade composta apenas por vias de acesso à Alta e à Cumeada, onde o trajeto era feito pela Rua dos Combatentes. Ao nível rodoviário, o acesso era feito pela Estrada da Beira, que para mesmo para as necessidades da época era estreita, com um edificado denso. Esta fora a área escolhida para a expansão e extensão da cidade a sudeste, através de um plano:

Figura 28- Planta de urbanização do Calhabé (extensão sueste)

Fonte: Avenida de Sta. Cruz, Coimbra: entre a modernidade e a nostalgia



de requalificação e construção de vias com melhores condições de acessibilidade, de um plano Residencial de baixa densidade para as classes média, e de um conjunto de equipamentos e estruturas coletivas, como o estádio, escolas e uma praça.

Em 1958 Almeida Garret elaborou o “Plano Regulador de Coimbra”, onde planeia uma intensificação da densidade residencial. Em 1963 o foi aprovado o “Plano de Arranjo Urbanístico” para a área do Calhabé, de cuja concretização do projeto ficou encarregue a empresa Solum, em conjunto com a Câmara Municipal de Coimbra. Devido a esta intervenção, a área residencial acabou por adotar o nome da empresa. Este plano veio conferir verticalidade à habitação. Em 1974 a empresa Solum interrompe a sua atividade e, nos anos seguintes, o projeto sofre algumas alterações, pelo que as várias intervenções foram feitas por diversas empresas de construção civil, e a edificação passou a ser feita de uma forma mais autónoma, deixando de o plano de ser cumprido na íntegra.

Figura29-- Planta do Calhabé na da década de 60.



Fonte: Coimbra aos pedaços. Calhabé na década de 60.

“Esta crise conduziu à alienação dos lotes aí localizados que foram sendo adquiridos por diversos construtores civis. Dilui-se a “unidade” urbanizador/construtor-projetista aí registada... Projecta-se e constrói-se de acordo com hábitos e modas de cada empresa num enquadramento genérico de procura de vantagens construtivas concebidas através do licenciamento com desrespeito, por vezes, do estudo urbanístico aprovado (Santos & Ferreira 1995, p 77).”

Com o decorrer do tempo, a Solum vai sofrendo alterações: a construção é densificada ao nível da habitação; a praça é encurtada, para ser erguido um pavilhão desportivo. Com o Campeonato Europeu de futebol em 2004, foi desenvolvida uma intervenção bastante significativa: foi erguido um novo Estádio Municipal, tal como um polidesportivo formado por piscinas cobertas, um centro comercial e novas habitações.

Figura 30-Planta atual do Calhabé

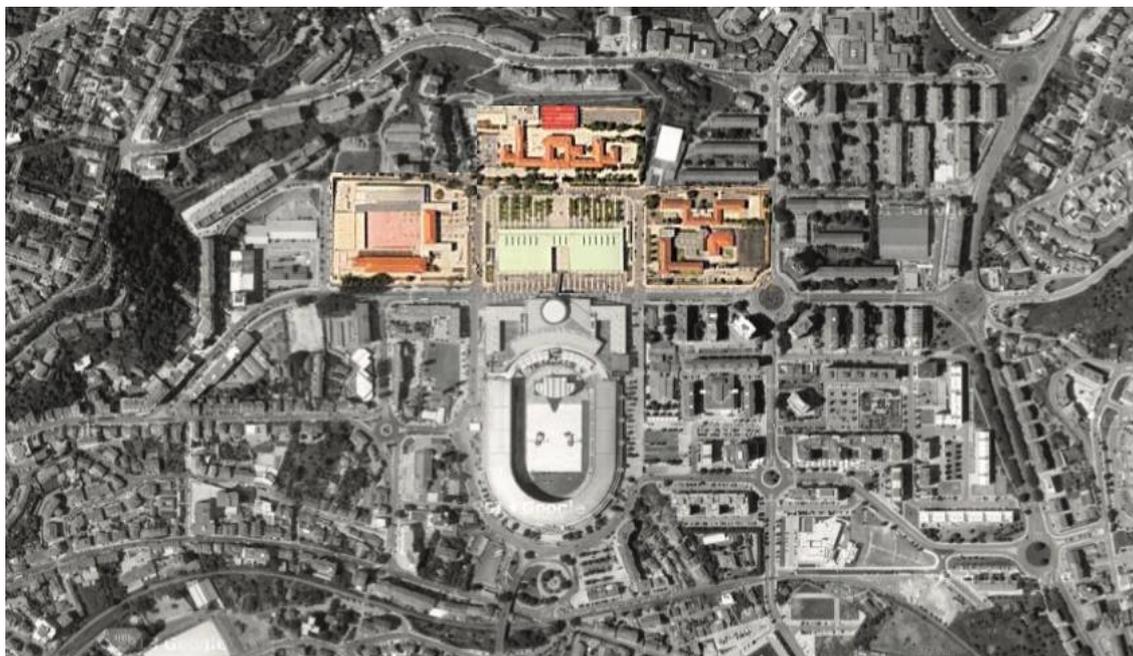


Fonte: Coimbra aos pedaços. Calhabé ou Solum actual

Assim toda a área circundante ao Calhabé, que até à década de 50 se caracterizava por ser predominantemente rural, com o decorrer dos anos foi vendo a sua paisagem ser alterada em resultado da implementação de intervenções resultantes de diferentes planos, o que fez com que aquela área urbana fosse continuamente densificada ao nível do edificado, assim como também ao nível da população, tornando-se uma área urbana e conferindo a esta área uma centralidade na malha urbana de Coimbra.

14) A envolvente escolar

Figura31-: Vista aérea da zona escolar do “calhabé”



Fonte: Escola e Cidade. Vista aérea da zona escolar do Calhabé

A escola secundária Avelar Brotero é um equipamento escolar que se localiza na zona escolar do Calhabé.

“Consideramos uma zona escolar, um núcleo onde se concentram equipamentos associados à dinâmica escolar, caracterizando-se como uma zona associada à actividade lectiva e frequentada por uma população maioritariamente jovem. (Moreira 2014, p. 104)”

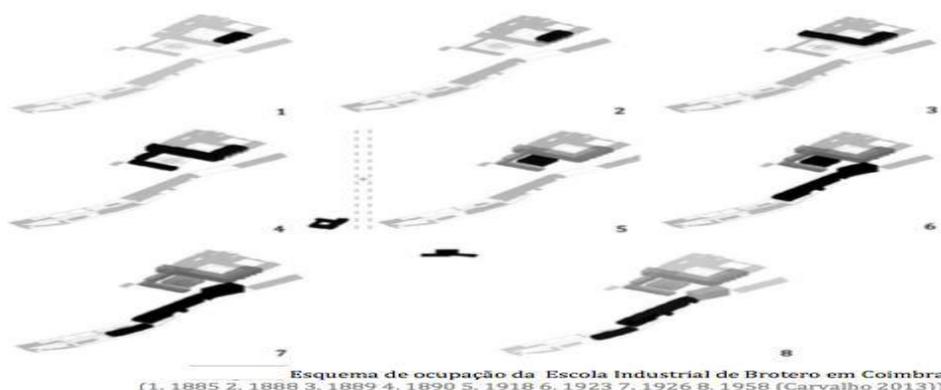
A Brotero não é resultado de um planeamento premeditado de uma zona escolar, mas sim de uma construção que foi ocorrendo ao longo do tempo e que de uma forma mais ao menos ocasional obteve este resultado. Esta área da cidade tem como primeiro edifício escolar o liceu feminino inaugurado na década de 40, onde é instalado no topo de um eixo com sentido Norte Sul. Na década de 50 e 60 são incorporadas à escola Avelar Brotero tanto a Escola Primária quanto o Magistério Primário. Em 2004 ocorrem grandes mudanças na área zona da Solum devido à edificação do novo estádio, mas no entanto é em 2005 que com a implantação dos complexos de piscinas, do pavilhão polidesportivo do centro

comercial, de novos lotes habitacionais, assim como parques de estacionamento, que o impacto na zona escolar se faz sentir de uma mais profunda e que fez que com a as áreas em redor das escolas tivessem uma paisagem mais integrada. No ano 2007, com a implementação do Parque Escolar, as escolas tiveram intervenções de modo a terem uma ligação com o espaço envolvente e no qual a ideia de zona escolar se fortalece. Assim a zona escolar passou a ser constituída pela Escola Secundária Avelar Brotero, a Infanta Dona Maria, a Escola Superior de Educação, e também a Escola Básica do Primeiro ciclo da Solum, reforçada pelos complexos desportivos, pelo centro comercial e também pela praça (Moreira 2014, pp. 104-130).

15) Caracterização da escola

A Escola Avelar Brotero, foi fundada em 1844, com o nome de Escola de Desenho Industrial de Brotero. A previsão era a de que a escola se viesse a instalar na antiga Igreja da Trindade, por cedência do edifício pela da Câmara Municipal, algo que não veio a acontecer, pois, devido ao projeto de adaptação do edifício para efeitos escolares, a sua obra tornava-se de longa demora, motivo pelo qual a escola acaba por se instalar numa sala da Associação dos Artistas de Coimbra até 1887. Um pouco depois, a escola instala-se no Mosteiro de Santa Cruz e passa a ser designada como Escola Industrial. Devido ao número cada vez maior de alunos, a escola foi-se instalando em outras áreas do mosteiro (Figura 32).

Figura 32-Esquema de ocupação da Escola Industrial Avelar Brotero



Devido à ocorrência de dois incêndios nesse local a escola começa a passar por um processo de fragmentação e passa a utilizar outros locais espalhados pela cidade, como por exemplo o Jardim da Manga. Por sua vez, a procura intensa por novos alunos fez com que a escola, em 1940, se instale na Rua da Boa Vista. No entanto a sua atividade continua a ser cada vez mais requisitada, o que faz com que, nos últimos anos da década de 50, a escola aumente o número de instalações ocupadas no Museu Universitário e na Escola Primária de Almedina. A Avelar Brotero dessa época caracterizava-se, por ser fragmentada (figura33), por ocupar um conjunto de equipamentos em mau estado de conservação e por ter um cada vez maior número de alunos. (Ibid.)

Figura 33- Espaços ocupado pela Escola Industrial de Brotero, planta 1874/75



Espaços ocupados pela Escola Industrial de Brotero em Coimbra, planta de 1874/75
[1. Colégio da Trindade 2. Casa da Quinta de Santa Cruz 3. Mosteiro de Santa Cruz 4. Casa na R. da Boavista]

Fonte: Escola e Cidade

Com o “Plano de Urbanização de Embelezamento e de Extensão da Cidade de Coimbra”, elaborado pelo arquiteto e urbanista Étienne De Gröer em 1940, estava planeada a construção de um edifício escolar a para a Brotero se instalar na área Noroeste da extensão da cidade de Coimbra, bastante perto da Zona Industrial, motivo pelo qual a localização da escola era considerada estratégica. Apesar da escola ter sido projetada, a construção do edifício acabou por não ocorrer. A implementação do edifício em 1858, acabou por ocorrer no “Subúrbio do Calhabé”, numa área periférica a sudeste do centro da cidade, área que no projeto de De Gröer já tinha sido planeada para ser uma área de extensão da cidade com um projeto para a “Unidade Residencial do Calhabé”.

Quando o edifício da Brotero se instala, o Calhabé já tinha sofrido uma considerável intervenção urbanística: o Bairro Marechal Carmona, que fora construído nessa zona com o objetivo de receber cidadãos da “Velha Alta”, que viram as suas habitações demolidas para que nesse local fosse construído a nova “Alta Universitária”, o Estádio Municipal e também o Liceu Feminino, entre outros edificadas, como uma igreja e uma escola primária. A construção da escola acontece num terreno de cuja grande parte a Câmara Municipal era proprietária, e foi já com o Plano de Almeida Garrett que a escola foi construída, e já planeada de raiz para se tornar uma Escola Industrial e Comercial. O primeiro projeto que tinha sido efetuado foi alterado devido á morfologia do terreno apresentar uma geometria diferente da do projeto, o que impossibilitou que o projeto inicial, que na sua génese previa uma arquitetura em “U”, que era a composição mais comum e pertinente para a observação comunicabilidade e vigia, passasse a ter uma composição em especto de um “H” irregular, e os limites da escola passassem a se balizados por grades que têm como objetivo impedir entradas e saídas que não fossem permitidas.

A escola, embora fosse estremada com a praça a Oeste, tinha como principal orientação a Rua Arantes e Oliveira, o que fazia com que a escola mantivesse um fraco contacto com o espaço público e “ficasse fechada em si”. A entrada principal era feita pela Rua Humberto Delgado (Figura 34), e composta por uma escadaria, o que acentuava o efeito barreira para com o espaço envolvente da escola. As instalações tinham capacidade para receber perto dos 1500 estudantes, o que num curto espaço de tempo fez com que a infraestrutura atingisse a sua saturação física, e que se procedesse à instalação de alguns pré-fabricados para serem utilizados como sala de aulas em 1974. Com o início de atividade enquanto instituição de ensino secundário, a escola passou a ter o nome de Escola Secundária de Avelar Brotero.

Figura 34-Entrada principal até 2008



Fonte: Escola e Cidade

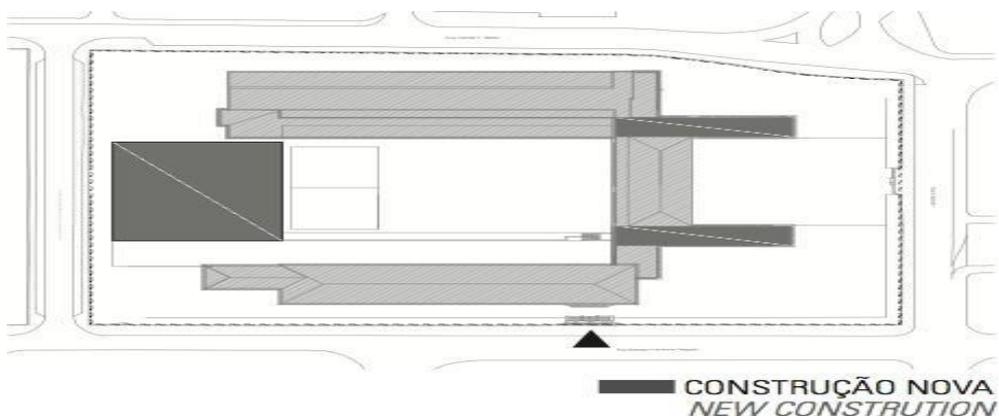
Em 2008 a escola sofre uma intervenção integrada no “Programa de Modernização das Escolas Destinadas ao Ensino Secundário” ou “Parque Escolar”. A arquitetura e a coordenação do projeto ficaram a cargo de Inês Lobo, a área do lote é de 24259 m², do qual foi remodelada uma área de 12622m² e uma área de nova construção de 3793m² e uma intervenção de arranjos exteriores correspondente 17014 m², esta intervenção reestruturou e ligou os edifícios com o levantamento de novos corpos unidos ao edifício nascente e com a construção de um equipamento desportivo coberto a poente, os novos edifícios foram onde se instalaram as funções de secretaria, da direção e os espaços orientados para serem frequentados pela comunidade exterior, bar e sala polivalente, com esta intervenção a escola passou a ter a capacidade de receber 60 turmas e 1395 alunos (Parque Escolar & Heitor 2011, pp. 103-104). Esta intervenção altera também a escola com os espaços envolventes, a entrada foi alterada para a Rua D. Manuel, ficando de frente para a Praça dos Heróis do Ultramar, a entrada ficou com um pátio destapado onde existem alguns zonas ajardinadas conferindo uma maior abertura e harmonia com os espaços exteriores à escola. (Figura 35)

Figura 35-Entrada Principal atual da Avelar Brotero



Com esta intervenção a escola passou a ser composta por 5 edifícios(figura36). O edifício. A: é composto, por Salas de aula, espaço memória e antiga biblioteca. O edifício B: é composto pelas oficinas, salas específicas e laboratórios. O edifício C: é composto pelo Hall d entrada, Biblioteca/ Mediateca, Auditório, Cantina, Bar e Sala de convívio também é onde se encontra a direção e serviços administrativos. O edifício D: Foi onde ficaram instalados a sala dos professores e gabinetes de trabalhos dos grupos disciplinares. No edifício E: ficaram o Ginásio, o Parque Desportivo Coberto, os Balneários e o Gabinete Médico.

Figura 36- Planta da requalificação da Avelar Brotero



Fonte: Parque Escolar 2007-2011

Figura37-Imagem 3D da Avelar Brotero



Fonte: Escola Avelar Brotero 3D. frame

16) A comunidade escolar

A escola tinha o total de 1649 alunos, 1369 alunos de ensino secundário, dos quais 537 frequentam cursos profissionais, 250 alunos inscritos no ensino recorrente não profissional 30 do curso de educação e formação de adultos. 5% dos estudantes são oriundos

de outros países, 9% dos alunos obtêm apoio por parte de Ação Social, e 91% dos alunos possuíam computador e acesso à Internet.

O corpo docente é composto por 145 pessoas, sendo que 9% não pertencem ao quadro. Ao nível de anos de atividade, é de notar que 13 professor tem menos de 10 anos de atividade, o que faz que com o corpo docente tenha uma experiência considerável de atividade. No corpo Auxiliar trabalham 28 assistentes operacionais, 11 trabalhadores na assistência técnica, um chefe administrativo e uma Psicóloga. Também neste quadro a experiência em anos de trabalho é relevante, pois 81% destes trabalhadores contabilizam mais de 10 anos de serviço.

17) A oferta formativa

A oferta formativa abrange Cursos Científico-Humanísticos, de Ciências Tecnologias, Ciências Económico-Sociais, e artes Visuais. Os Cursos profissionais são: Tecnologias, Ciências Económico-Sociais e Artes Visuais. Os cursos profissionais são: Técnico de Design de Moda, Técnico de Eletrónica, Técnico de Automação e Comando, Técnico de Eletrotecnia, Técnico de Frio e climatização, Técnico de Secretariado, Técnico de Informática e gestão, Técnico de Multimédia, Técnico de gestão e programação de sistemas informáticos, Técnico de manutenção industrial/Mecatrónica automóvel, e Técnico de manutenção industrial/eletromecânica. No regime noturno, a escola tem como oferta formativa o Ensino recorrente e a Educação e Formação de Adultos.

18) O grupo de estágio e a professora cooperante

O grupo de estágio foi composto por três elementos do género masculino. Embora já tivéssemos frequentado aulas nos anos anteriores, o meu conhecimento sobre eles era muito superficial e reduzido. O estágio proporcionou um conhecimento mais profundo sobre eles.

O relacionamento gerado foi bastante produtivo, o ambiente criado pelo grupo era de cooperação e não de competição, o que se revelou bastante benéfico para todos e para o ambiente de trabalho. Foi um grupo que funcionou bastante bem, onde a interajuda foi constante, as realizações de tarefas em conjunto nunca despoletaram qualquer tipo de problemas, as diferentes características de cada elemento resultaram num grupo com bastante enriquecedor, a partilha de ideias e opiniões foi constante ao longo do ano, o espírito crítico era construtivo e não destrutivo, a crítica positiva levou a reflexões em conjunto, a partilha de medos, ansiedades e de alegrias aproximou-nos, e a transmissão de segurança, assim como a motivação, contribuíram sobremaneira para o aperfeiçoamento pedagógico e humanizante.

A professora cooperante, foi sem dúvida alguma fundamental em todo o processo. Nos primeiros dias, teve a preocupação de nos apresentar as instalações, alguns elementos do corpo docente, o diretor, assim como os funcionários auxiliares. Também providenciou que nos fosse facultado um cartão de identificação, que nos permitia o acesso à escola assim como ao bar dos professores. Assegurou que os professores estagiários teriam um envolvimento profundo, tanto no meio escolar como na participação das atividades extralectivas que compõe a missão educativa de um professor, como a participação em reunião de professores e a organização de atividades extracurriculares, como seja a realização de um *geocaching*, que foi elaborado pelos professores estagiários de Educação Física, Português e Geografia. Para além destes momentos de brio, empenho, cuidado e abertura, a professora cooperante sempre se revelou ao nosso dispor para ajudar e orientar nas planificações e no decurso das aulas lecionadas pelos estagiários, mantendo sempre uma postura crítica, é verdade, mas positiva, no sentido em que se preocupou incessantemente com limar aspetos menos positivos.

Sendo uma professora cooperante alguém com uma carreira considerável e, portanto, com uma experiência profissional profunda, que nos foi transmitida ao longo do ano letivo, tal como por tudo o que foi dito acima, podemos afirmar ter tido o privilégio de contar com a luz da sua inestimável experiência acumulada. Por ser diretora de uma turma, a experiência com a professora cooperante permitiu-nos acompanhar mais profundamente a importância dessa função, e permitiu-nos a observação de Reuniões de Direção de Turma, assim como de Concelhos de Diretores de Turma. Para além disso, ao acompanharmos a professora cooperante no seu dia a dia profissional, percebemos que o exercício do cargo acarreta consigo uma carga suplementar considerável, que tem, pois, a haver com a administração de processos burocráticos, e a gestão de aspetos pedagógicos curriculares e relacionais. Pela

função exercida, percebemos que cabe ao diretor de turma agilizar os aspetos interpessoais entre alunos, encarregados de educação e docentes da turma.

19) O estágio curricular

O estágio curricular supervisionado é uma momento chave na formação de um futuro professor. A função do estágio é a aplicação e análise das aprendizagens feitas ao longo do mestrado e licenciatura. Foi através do estágio que me foi possível obter uma maior perícia no uso de ferramentas teóricas e práticas fundamentais ao exercício do ofício, e também obter uma maior bagagem e evoluir. O estágio fez que com que fosse criada uma ponte entre o ainda estudante da realidade profissional, pelo facto de ser acompanhado pela professora e pelos colegas, ajudou a suavizar os problemas inerentes a um início de uma atividade tão complexa como é a do ensino. Nesse sentido, não tenho a mínima dúvida de que me o estágio curricular supervisionado me ajudou a ter um conjunto de ferramentas para enfrentar as adversidades futuras onde já não terei a supervisão e o apoio da professora cooperante e dos colegas estagiários.

As diferentes etapas do estágio que a professora cooperante elegeu como ponto de partida metodológico foram, desde o meu ponto de vista, bastante benéficas para o meu desenvolvimento e ajudaram a que o choque que normalmente ocorre nestas novas etapas fosse reduzido. Assim, começamos com observações de aulas onde fazíamos reflexões conjuntas, depois seguiram-se atividades complementares e, por fim, avançamos com as práticas pedagógicas, o que se traduziu de uma forma bastante coerente e eficaz para o meu desenvolvimento como futuro professor, tendo-me também ajudado a gerir de uma melhor forma o confronto entre expectativas e realidade, conferindo uma maior consciência do que é a prática docente e minimizando os efeitos negativos que ocorrem dessa dicotomia. Neste sentido, o estágio proporcionou-me um terreno para a reflexão sobre as pedagogias, e ajudou-me a preparar uma identidade profissional, acabando por tornar-se também ele um campo de conhecimento e um elo fundamental para a passagem de aluno para professor.

No primeiro dia de estágio fomos recebidos pela professora cooperante, que apresentou o grupo de estágio à direção da escola e coordenação da escola, que nos deram as boas vindas e nos forneceram algumas informações sobre a instituição. De seguida,

fomos apresentados aos professores e aos funcionários da escola. Mais tarde, foi feita uma visita guiada pelo recinto escolar para se criar uma relação mais próxima com o estabelecimento de ensino. Durante esse percurso foi nos fornecido um cartão de identificação de docente, que nos permitia a entrada e permanência na escola assim como ter acesso aos locais reservados ao corpo docente.

O estágio curricular foi bastante intenso no que diz respeito à carga horária, o que permitiu conhecer o meio escolar de forma bastante profunda. Por norma, o estágio tinha o seu início semanal à segunda-feira, começando pelas 10h30 e terminando às 13h15, onde se realizava a observação de 3 tempos de aulas a duas turmas de 11º ano. Às terças-feiras, por norma, o período da manhã, que tinha início às 10h30, era aproveitado para a realização de reuniões entre o grupo estagiário e a professora cooperante, e para a realização de tarefas. As reuniões serviam para abordar vários pontos, incluindo o esforço para refletir de forma coletiva sobre as turmas e sobre os alunos, de modo a serem desenvolvidas estratégias pedagógicas para melhorar o desempenho escolar dos mesmos.

Assim, faziam-se reflexões sobre os conteúdos a lecionar e sobre quais as estratégias didáticas a serem implementadas nas aulas, de forma a torná-las mais atrativas; faziam-se reflexões conjuntas antes das aulas, para definir o planeamento, estratégias didáticas e pedagógicas, e abordagens dos conteúdos a serem lecionados pelos estagiários; reflexões coletivas e individuais sobre as aulas lecionadas pelos alunos estagiários. A realização de auto- e heteroavaliações e a realização de tarefas, como realização e correção de fichas e testes de avaliação, construção e desenvolvimento de atividades extra letivas, também faziam parte da ordem de trabalhos. O período da tarde era reservado para a observação de 3 tempos de aulas que tinham início às 13h35 e término às 16h20. Às quartas-feiras, das 10h30 até 13h15, eram feitas observações de aulas. Nas quintas-feiras o estágio tinha início às 13h35 e terminava às 17h20, período que servia para observação e acompanhamento de aulas das duas turmas.

A assistência de aulas permitiu um contacto profundo com as turmas e com a componente letiva, proporcionando um maior conhecimento sobre o que é a realidade letiva. Na observação das aulas, o aluno estagiário acompanhava os alunos na realização de tarefas. Intervinha com os alunos com vista ao esclarecimento de dúvidas que surgiam

da parte deles sobre os conteúdos abordados. Também intervinha com os alunos sempre que necessário para tentar proporcionar um melhor ambiente de aula, para além de elaborar tarefas como distribuição de fichas e testes, supervisionar momentos de avaliação escrita, e acompanhar a realização de trabalhos de grupo. Após a observação de um número considerável de aulas, foi convocada uma reunião para serem escolhidas as unidades didáticas a lecionar por cada estagiário. Estas reuniões serviam para termos uma compreensão sobre a importância em sedimentar o conhecimento dos programas de Geografia, pois esse domínio fornece uma informação prévia e útil sobre os domínios que vão ser lecionados.

Depois das unidades terem sido escolhidas, foram marcadas reuniões no sentido de acompanhar o rumo das planificações que iam sendo elaboradas e discutir estratégias sobre a suas implementações. O estágio também nos proporcionou colaborar numa série de atividades extracurriculares. Ao longo do primeiro período foi realizado um jornal de parede por parte dos alunos com sobre a temática dos problemas ambientais. Essa atividade consistiu na criação de vários grupos de alunos, onde cada grupo escolhia um tema ambiental. após a escolha do tema, cada grupo fora do horário letivo ficava encarregue de recolher informação sobre o tema e em conjunto produzir uma notícia de jornal que era impressa afixada no pavilhão da escola. Esta atividade tinha como propósito motivar os alunos para as aprendizagens, por via da pesquisa, e fomentar o espírito colaborativo de organização e de trabalho em grupo, integrar os alunos no meio escolar e sensibilizar os alunos e a comunidade escolar para as questões ambientais.

No dia de 19 de dezembro, participamos na conferência do ex-futebolista Lilian Thuram, intitulada “Educação contra o Racismo”. Esta palestra realizou-se no contexto da iniciativa “CES vai à escola”. A conferência de Thuram teve como abordagem central a sensibilização dos alunos para a questão do racismo.

Em conjunto com os professores estagiários de Educação Física e Língua Portuguesa, foi levado a cabo um *geocaching*, como atividade extracurricular. Esta atividade tinha como objetivo fomentar a interdisciplinaridade nos alunos, assim como consolidar conhecimentos abordados na sala de aula, e desenvolver nos alunos capacidades de

orientação e de observação. No dia 15 de janeiro, colaboramos com a organização das “Olimpíadas de Geografia”, no âmbito das quais nos foi atribuída a tarefa de observar e organizar os alunos participantes. Esta foi uma iniciativa realizada e organizada pela Associação dos professores de Geografia e pela Associação Portuguesa de Geógrafos, tendo sido patrocinado pelo Ministério da Educação. A organização das “Olimpíadas” teve, como principal fundamento, o reconhecimento da disciplina e o incentivo do seu estudo. A atividade tem como principais objetivos:

- 1) Aumentar o interesse dos alunos portugueses pelo estudo e pesquisa e Geografia;
- 2) Promover o reconhecimento social da Geografia em Portugal;
- 3) Promover o “trabalho de campo” no ensino da Geografia;
- 4) Desenvolver o espírito de rigor e excelência nos alunos.

No dia de 19 de fevereiro, colaboramos na saída de campo “Coimbra, um outro olhar”, no âmbito de um Domínio de Autonomia Curricular. A visita realizou-se, com um circuito entre a Alta e Baixa de Coimbra, com a visita aos pontos mais importantes da sociedade, cultura, arte, toponímia e etnografia de Coimbra. Os principais objetivos eram três:

1. Estimular o trabalho em grupo.
2. Integrar aprendizagens de várias disciplinas.
3. Desenvolver projetos que ajudem os alunos a explorar novas possibilidades e cenários, dando-lhes uma perspetiva mais prática e contextualizada dos conteúdos programáticos.

Para o dia 13 de março, foi desenvolvida e planeada uma visita de estudo ao Porto de Leixões e ao Museu Romântico, com objetivo de promover nos alunos uma noção da interdisciplinaridade, tal como a capacidade para reconhecerem aspetos do funcionamento

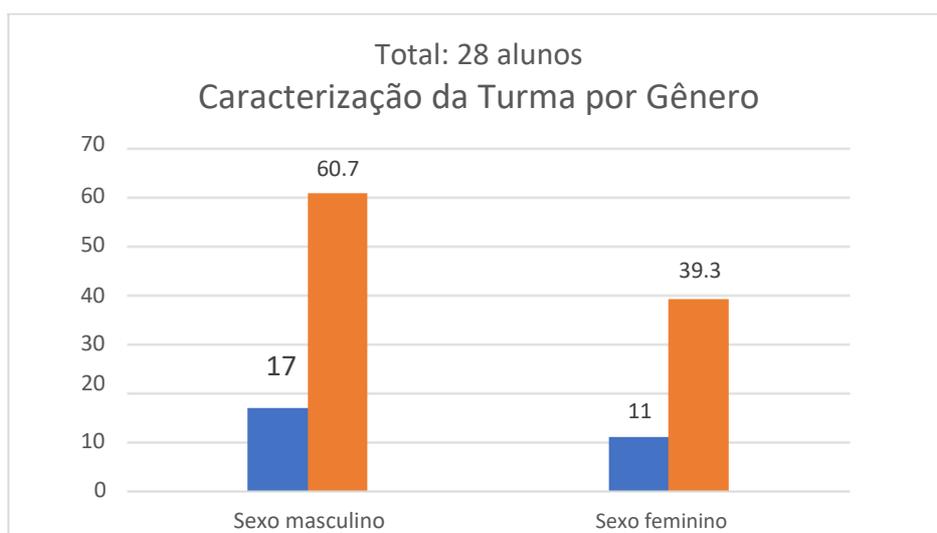
do Porto de Leixões ao nível da sua acessibilidade, e aprofundarem conhecimentos na área do Romantismo. Esta saída de campo acabou por ser cancelada por motivos pandémicos.

A partir deste momento, e por causa da pandemia que assola o mundo atualmente, as aulas deixaram de ser presenciais, tendo os professores e os alunos que se adaptarem a uma nova realidade bastante difícil de se adaptar, contudo, os professores responderam afirmativamente, com a adaptação a esta nova realidade criando novas estratégias, com o intuito de apesar das difíceis condições, continuarem a oferecer aos alunos um ensino de qualidade. .

20) Caracterização da turma Y

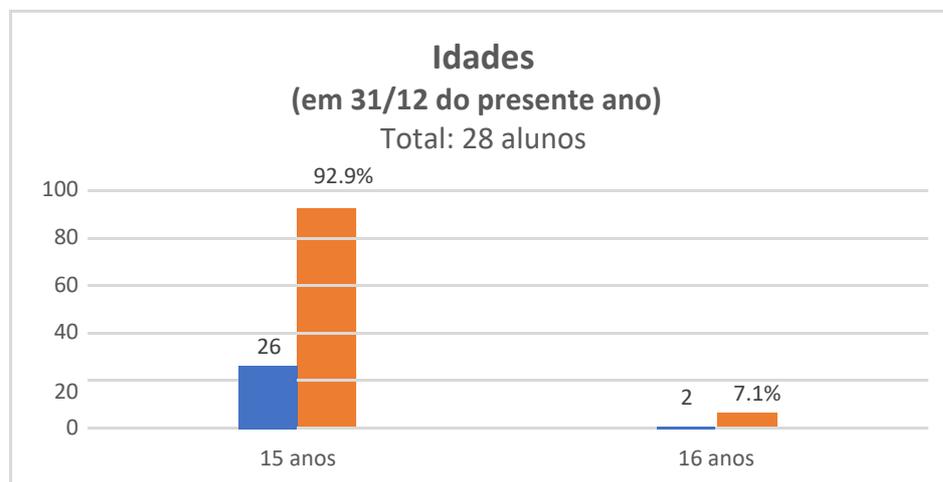
A turma observada frequenta o 11º Ano de Ciências Económico-sociais. Era composta, no início do ano letivo, por 28 alunos, dos quais 17 eram do sexo masculino, o que corresponde a 60,7% da turma, e 11 do sexo feminino, correspondendo a 39,3.

Figura 38- Caracterização da turma por gênero



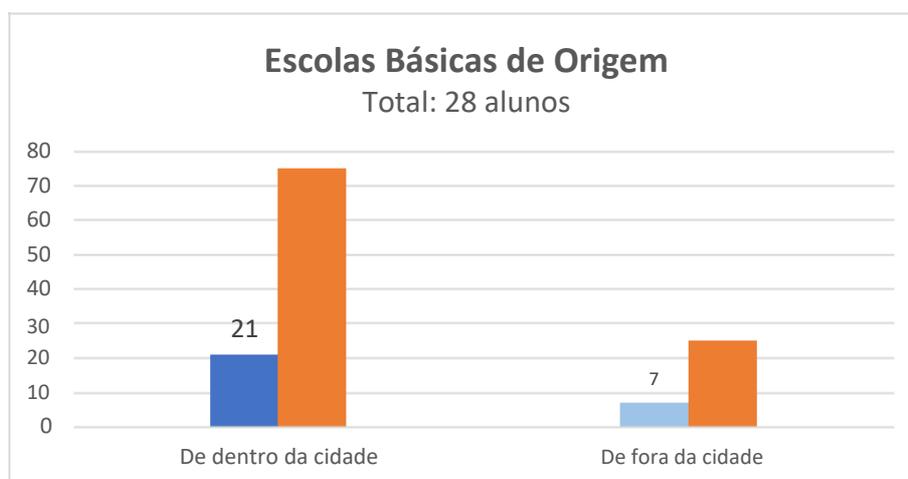
Relativamente às idades, aquando do início do ano letivo, 26 alunos tinham já completado 15 anos, e 2 alunos 16, o que revela uma média de idades homogénea e sem grandes discrepâncias ao nível das faixas etárias.

Figura 39- Idades na turma



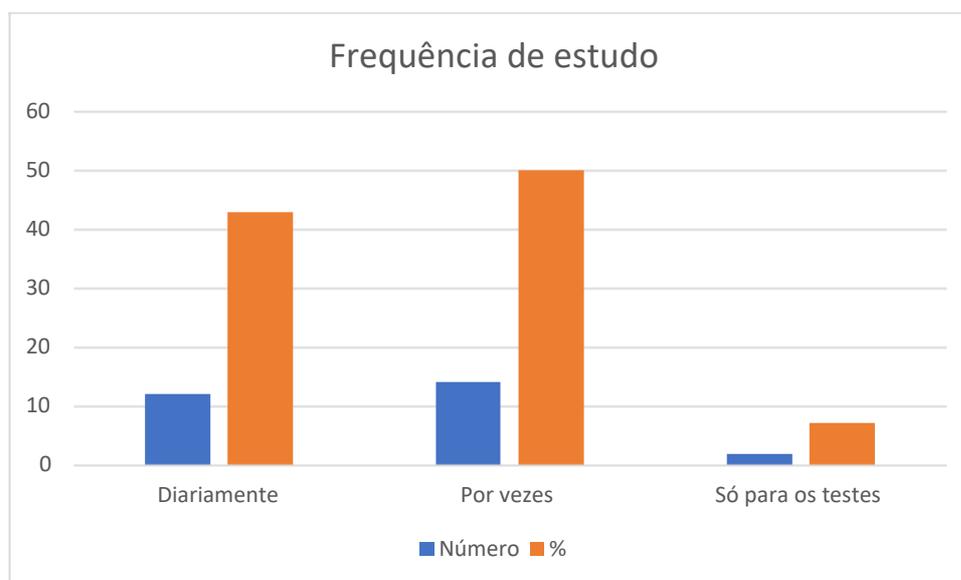
Sobre a proveniência: apenas 1 aluno não nasceu em Portugal e todos têm a Língua Portuguesa como materna. Sobre o passado escolar no nível Básico, 21 alunos frequentavam a escola na cidade, e os restantes 7 estudaram em escolas não instaladas na cidade.

Figura 40-Escolas básicas de origem



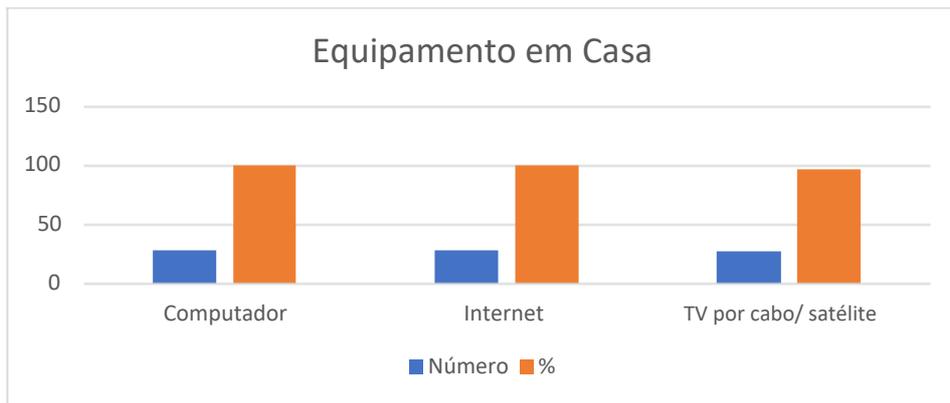
Ao nível do percurso escolar, 27 alunos nunca tiveram repetências, apenas 1 aluno foi repetente, por uma vez, no ensino secundário, devido a mudança de curso. Quanto a projetos futuros, 24 alunos afirmam que querem prosseguir estudos superiores, e 4 não sabem, sendo que 8 pretendem seguir Gestão, 7 pretendem frequentar o curso de Economia, e o restante tem objetivos diversos, tais como, Engenharia Informática, Desporto, Relações Internacionais, Gestão Hoteleira e Contabilidade. Relativamente à frequência de estudo, 12 alunos, correspondentes a 42,9% da turma, afirmaram que o fazem todos os dias; 50% dos alunos estudam às vezes, e 2 alunos, que correspondem 7,1%, apenas estudam para os testes.

Figura41- Frequência de estudo



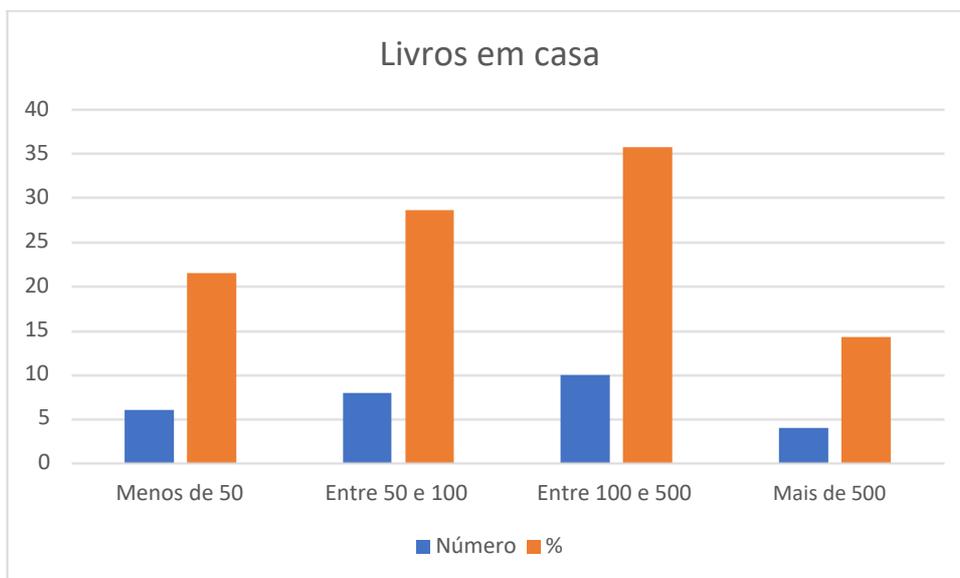
Sobre os equipamentos que possuem nas suas residências: a totalidade dos alunos tem acesso a computador e internet, e 27 alunos tem acesso a televisão por cabo.

Figura 42-Equipamentos em casa



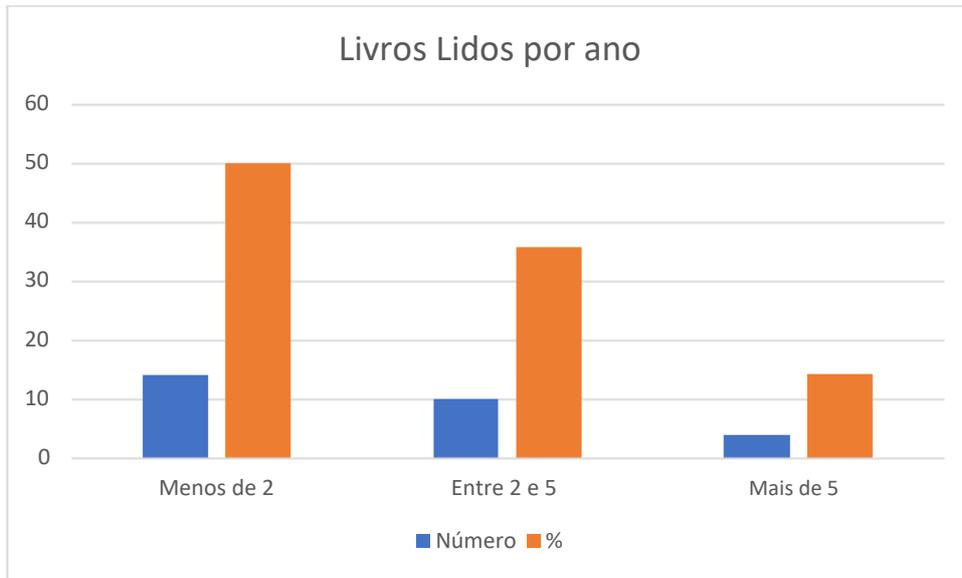
No que se refere à quantidade de livros possuem nas residências: 6 alunos tem menos de 50 de livros em casa, 8 alunos tem entre 50 e 100 livros, 10 tem em casa entre 100 e 500; já 4 alunos afirmam terem mais de 500.

Figura 43-Livros em casa



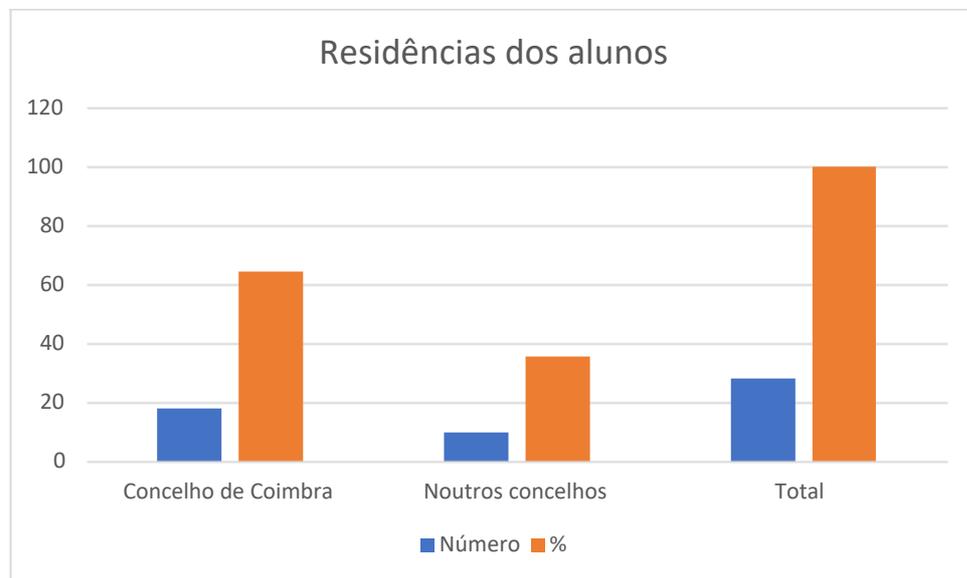
Sobre os hábitos de leitura: 14 alunos (50%) leram no último ano menos de 2 livros, 10 alunos (35,7%) afirmam terem lido entre 2 a 5 livros, e os restantes 4 alunos (14,3%) reponderam que leram, no último ano, mais de 5 livros. 6 dos alunos (21,45%) afirmaram usufruir de atividades de ensino extraescola.

Figura 44- Livros lidos por ano



Sobre as residências: 18 alunos residiam no concelho de Coimbra e 10 em outros concelhos.

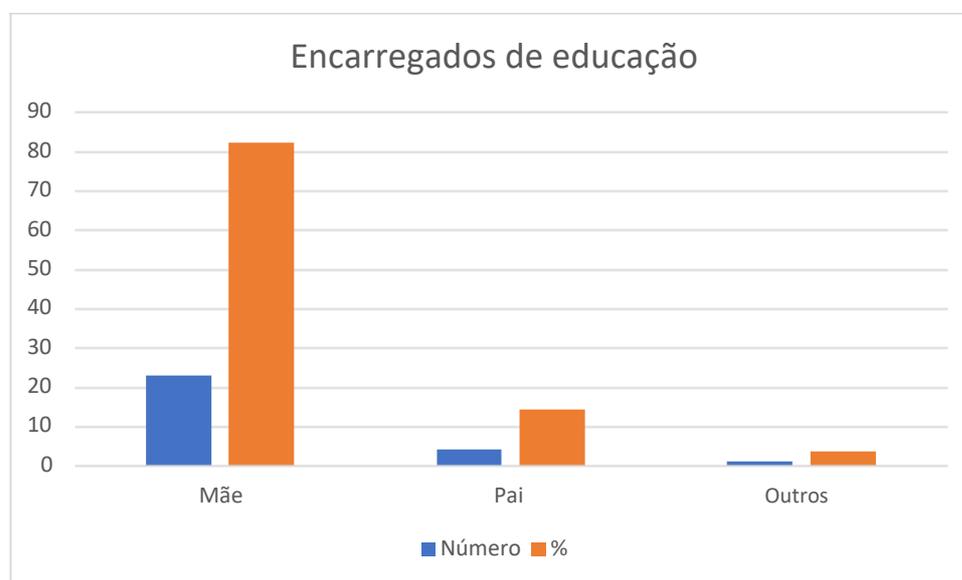
Figura 45- Residências dos alunos



Quanto à distância escola-casa: 3 alunos residem a mais 29km da escola, 5 entre 20 e 28km, 10 residem entre a 10 a 19km e 9 estudantes a menos de 10km. Sobre a residência, 4 tinham morada fixada em Condeixa-a-Nova, 1 em Tentúgal, e os restantes 3 residem em Montemor-o-Velho, Mealhada e Penela. Em relação ao tempo de viagem casa-escola: 14 dos alunos percorrem o percurso em menos de 30 minutos, 8 entre 30 minutos e 1 hora, e um aluno despende de mais que 1 hora a fazer o percurso. Relativamente aos apoios sociais: 1 dos alunos auferia apoio de escalão A, e 2 alunos tinham apoio de escalão B. Deve referir-se que, apesar de serem provenientes de classes sociais com menores recursos económicos, não apresentaram qualquer dificuldade de integração na turma ou escola.

Ao nível da saúde e características físicas: 20 dos alunos afirmaram não terem qualquer problema de saúde, 7 alunos têm problemas ou dificuldades visuais, 23 alunos afirmaram não sofrerem de qualquer doença, 2 sofriam de asma e 3 de alergias. Sobre os encarregados de educação: são na maioria mães que assumem o estatuto, com 23 mães (82,1%) e 4 pais (14,4%), sendo que num destes casos o aluno não era descendente direto do encarregado.

Figura 46-Encarregados de educação



Em relação às habilitações literárias dos pais, 17 (60,7%) tinham o Ensino Superior, 5 (17,9%) tinham habilitações correspondentes ao ensino secundário, e 6 (21,4%) tinham o grau equivalente ao 3º ciclo. No mesmo sentido, mas no que se refere às mães dos alunos, 16 (57,1%) tinham um grau de ensino superior, 6 mães tinham habilitações que lhes conferiam uma habilitação correspondente ao grau secundário, e 3 tinham o grau conferente do 3º ciclo.

Figura 47-Habilitações literárias do pai

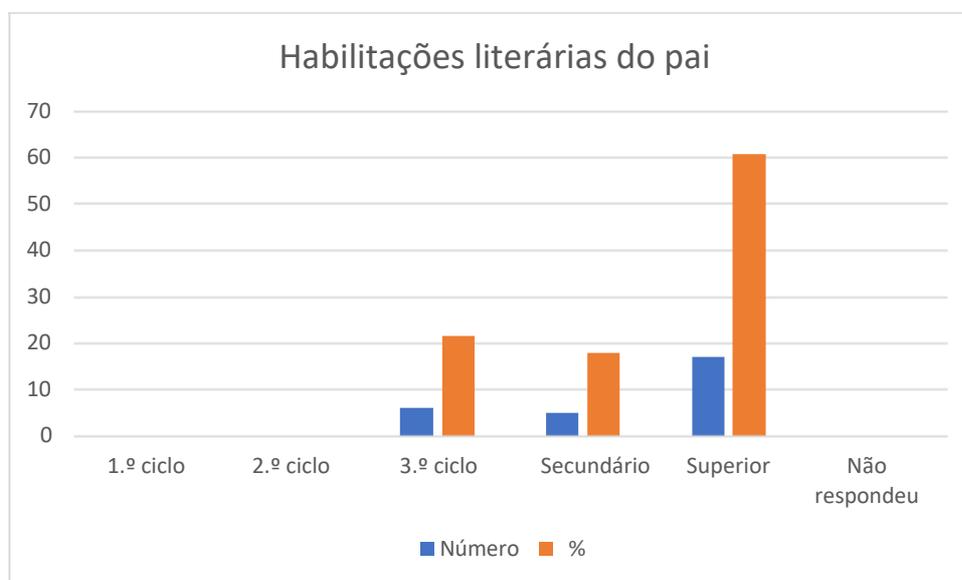
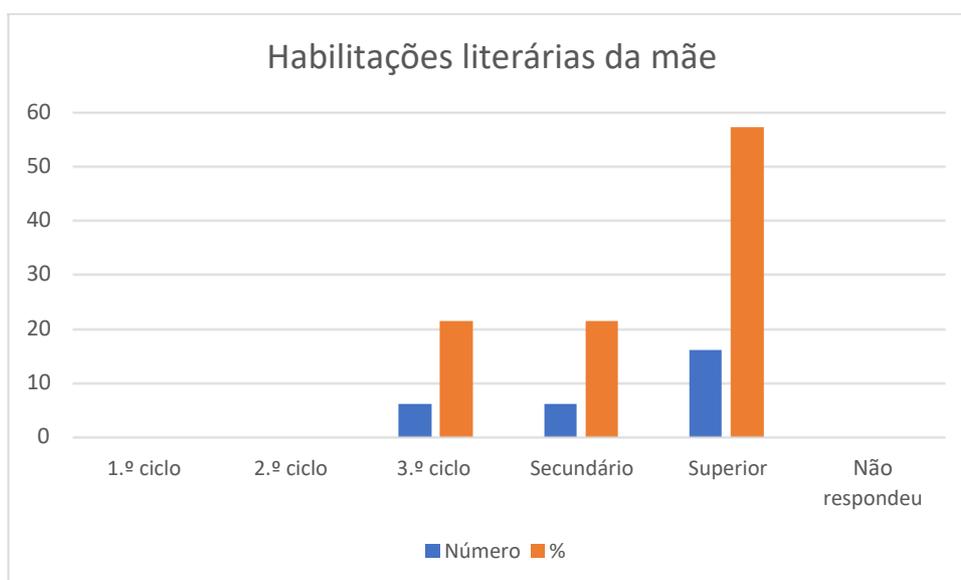


Figura 48-Habilitações literárias da mãe



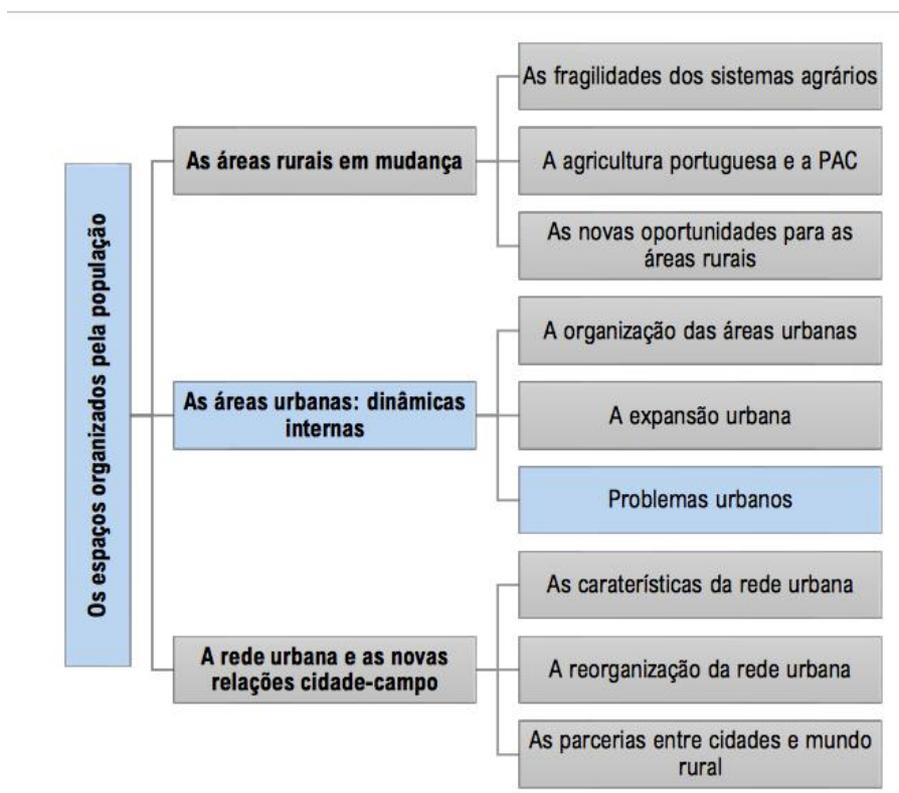
O comportamento da turma na generalidade tanto com os professores, como entre os elementos da turma era adequado em sala de aula, não se vislumbrando conflitos ou casos de indisciplina. As abordagens aos professores foram sempre feitas com linguagem correta. Com exceção de um aluno, que por vezes destoava do grupo, as intervenções eram quase sempre adequadas, as regras de funcionamento na sala de aula respeitadas, assim como o uso dos materiais pertencentes à escola era adequado. Ao nível do cumprimento os alunos eram bastante assíduos e quase todas as faltas foram justificadas, a pontualidade não foi cumprida sempre rigorosamente por todos os alunos, mas não constituiu um problema grave e facilmente resolvido com advertências aos alunos menos cumpridores, ao nível do material a grande parte da turma quase toda turma o levava para as aulas com exceção de 2 alunos. A turma na sua generalidade demonstrava-se atenta à aula lecionada. No que diz respeito à participação, deve dizer-se que era uma turma um pouco reservada, colocando poucas dúvidas e manifestando escassas opiniões. Em relação ao empenho: embora em diferentes graus, podemos considerar uma turma empenhada na sua generalidade. Nos trabalhos realizados e nas tarefas propostas era uma turma cooperante.

21) Os conteúdos programáticos em Geografia A E a planificação

Homologado em 2001, o programa de Geografia foi direcionado para o 10º e 11º ou 11º e 12º anos do Ensino Secundário, no caso dos Cursos Científico-Humanísticos, de Ciências Socioeconómicas e de Ciências Sociais e Humanas. O programa apresenta um conjunto de finalidades, objetivos, conteúdos e competências a desenvolver para cada ano. A prática letiva trabalhada por mim no estágio é referente ao 11º ano, e teve como tema “os organizados pela população”. Este tema está estruturado em unidades e 102

subunidades didáticas. A unidade referente teve como tema “As áreas urbanas: dinâmicas internas”, enquanto a subunidade por mim lecionada teve como tema “Problemas urbanos. As questões de vida urbana”, cujo principal objetivo era o de capacitar o aluno para equacionar os principais problemas urbanos e discutir medidas de recuperação da qualidade de vida urbana propostas e/ou adotadas pelos órgãos de decisão.

Figura 49-Enquadramento da subunidade didática Problemas urbanos

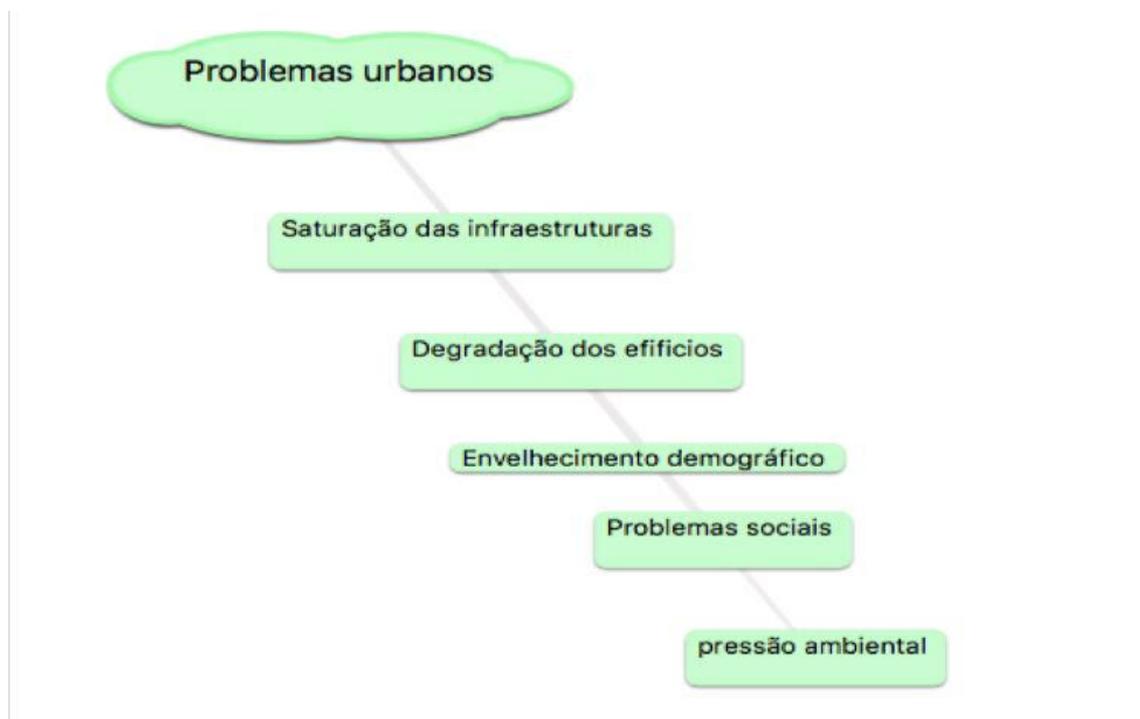


Fonte: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, 2001.

Ao nível do núcleo conceptual, o documento refere que os alunos devem adquirir conhecimentos sobre a diversidade territorial e as dinâmicas que se relacionam entre os diversos territórios, de modo a compreenderem fenómenos de ordenação, ocupação, utilização e organização das diversas formas de espaço realizado pelas populações e, como nas suas interações se produzem a criação de oportunidades e problemas que devem ser regulados com a finalidade de promover um desenvolvimento sustentado. Na subunidade didática, o documento remete para os problemas que a sociedade contemporânea enfrenta e, que neste contexto, os problemas urbanos têm assumido um destaque primordial, devido

a um crescente e desordenado número de aglomerações urbanas, onde se verificam em várias situações um desajuste entre a oferta das infraestruturas urbanas e a procura cada vez maior, por parte da população que se estabelece em espaços urbanos. O documento refere que se deve abordar os problemas urbanos com foco no sector da habitação, na saturação das infraestruturas físicas, e na dificuldade de acesso a infraestruturas sociais. Também adverte para a necessidade de reflexão sobre os efeitos ambientais nefastos das elevadas concentrações populacionais, do problema do desemprego e as suas consequências, entre outros assuntos, como sejam problemas de ordem mais propriamente relativa aos indivíduos.

Figura 50--Temáticas abordadas na subunidade didática



Planificar é uma tarefa primordial no processo de ensino. É por esse motivo que os docentes atribuem a esta tarefa uma maior ênfase no seu ofício, ao longo dos anos, é a planificação que permite ao professor imaginar, projetar, antecipar e organizar de forma racional o que pretende implementar na aula. A planificação funciona assim como um roteiro que auxilia o docente, para que aula tenha um fio condutor pré-estabelecido. Pode

ser considerada como a bússola ou o mapa que auxilia a que haja uma linha orientadora a seguir pelo docente, onde os objetivos, as atividades, os materiais de apoio, e os conteúdos são previamente preparados e organizados de forma a contribuir para garantir o sucesso na implementação das aulas no decorrer do ano letivo.

“A planificação é um importante auxiliar da prática pedagógica, contribuindo para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, uma vez que permite ao docente fazer uma previsão do que poderá ser a sua aula, definindo o conjunto de objetivos, conteúdos, experiências de aprendizagem, assim como a avaliação.” (Barroso 2013, p. 3)

Com o auxílio de uma planificação bem elaborada e ajustada à realidade da turma e da sala de aula, o docente pode garantir uma maior qualidade de ensino aos alunos, pois tanto o tempo como o espaço e os recursos a serem aplicados são mais organizados tornando-se mais proveitosos, conferindo uma maior qualidade e eficácia na execução da aula. A planificação é:

“... um processo através do qual os professores aplicam e põem em prática os programas escolares, cumprindo sempre a importante função de os desenvolver e adaptar às condições do cenário de ensino – características da população escolar e do meio envolvente, do estabelecimento de ensino, e dos alunos das diferentes turmas...” (Januário 1996).

A planificação é um importante instrumento para o ensino que tem como objetivo garantir um grande número de pressupostos que em muito beneficiam o professor e os alunos ajudando a conferir aulas bem estruturadas, ponderadas, com critérios e objetivos pré-definidos bem articulados e ajuda a conferir aulas aprazíveis com qualidade e harmonia. A planificação faz a união dos programas curriculares estabelecidos para as diferentes disciplinas com a sua concretização em sala de aula, é uma tarefa que tem como objetivo o executar na prática os conteúdos programáticos e que se opera através de uma forma continua, através da seguinte metodologia: “Elaboração do plano> realização do plano> controlo do plano> Confirmação ou alteração do plano, etc. ” (Bento, 1996, pp. 15-16).

Em conformidade, a planificação é composta por diferentes tempos ou fases. A primeira é a fase da conceção ou elaboração, onde se toma decisões pré-interativas, e consiste em estabelecer o que se pretende executar para de seguida se começar a elaborar

o planeamento. Nessa fase é quando são estipulados os objetivos para a aprendizagem, onde devem ser abalizados o nível de aprendizagem da turma e dos alunos, tal como quais as estratégias a pôr em prática para que os objetivos pré-determinados sejam alcançados no final do procedimento avaliativo, através da escolha de padrões e critérios. O segundo momento é denominado como fase interativa. É nesta fase que se efetua a planificação em sala de aula onde se tomam decisões no contato com os alunos ou turma. O terceiro momento é denominado como pós-interativo, e tem como finalidade refletir, analisar e avaliar os dois momentos anteriores com o objetivo de reestruturar a planificação.

A aplicação desta metodologia foi sem dúvida alguma bastante benéfica e mesmo fundamental para mim enquanto professor, pois serviu como apoio transversal ao longo de todo o processo e conferiu-me uma maior segurança e capacidade de orientação na aula, tendo-me também ajudado a interiorizar previamente os objetivos das aulas e o seu encadeamento, de forma a que as aulas tivessem um fio condutor lógico. Tal metodologia serviu, também, como auxiliar de memória, assim como para gerir o tempo. Para além disso, foi um instrumento, que me ajudou a ter uma avaliação mais clara e com uma maior profundidade crítica e objetiva sobre como correu a aula, isto é, se os objetivos foram alcançados com sucesso, se há aspetos a serem melhorados, exemplos e recursos educativos a serem retirados, substituídos ou reformulados. Nesse sentido a planificação foi um elemento muito útil, que me ajudou a conferir uma maior qualidade e eficácia ao árduo trabalho que é o do magistério.

22) Conclusão

Chegado a este momento do relatório, é o momento de reter algumas conclusões.

A primeira parte do trabalho, incidiu sobre a temática da cidade onde, onde se conclui que por via das suas diferentes facetas, a sua classificação é sempre imprecisa. Percebemos que o processo de urbanização acarretou consigo mudanças tanto na dimensão das cidades como, em lugares anteriormente definidos como rurais, criando lugares híbridos ou transgênicos. Abordamos que o processo de urbanização e do crescente número de população urbana, levanta um conjunto de problemas complexos, sociais e ambientais, que constituem entraves à prosperidade da população que nela se fixa.

Numa segunda fase abordamos a questão da música e como área de estudo na geografia. Onde concluímos que a música proporciona indicadores geográficos, que podem ser observados através da disseminação dos instrumentos, através dos diferentes tipos de distribuições territoriais às várias escalas, assim como na influência da construção identidades nacionais e através da criação de paisagens.

Deste modo, percebemos que os sons podem ser o elemento mais importante de um lugar, e que o estudo dos sons através de uma perspectiva geográfica, pode ser bastante relevante, para uma melhor compreensão dos lugares e das paisagens. As paisagens sonoras, refletem os lugares no espaço e no tempo, as suas composições indicam mudanças, vivências, modos de vida e culturas que ocorrem nos lugares. Entre outros aspetos, as paisagens sonoras, podem demarcar territórios, influenciar a qualidade de vida, criar barreiras, ser geradores de conflitos, ou serem utilizados como forma de poder.

Embora a música e o som sejam produtos culturais e geográficos passíveis de serem utilizados como estratégia pedagógica nas aulas, nomeadamente, para o ensino da geografia, os resultados indicam que o seu uso é muito pouco frequente no ensino. No entanto, os resultados obtidos neste caso de estudo indicam, que os alunos recebem um impute positivo quando á música é utilizada em sala de aula. Os resultados indicam também

que música quando escolhida e implementada com critério pode ser adequada para as aprendizagens dos problemas urbanos e pode ser contributo para o aumento do interesse dos conteúdos por parte dos alunos, que revelaram também, terem interesse em que se voltasse a utilizar a música como ferramenta didática para as aprendizagens em geografia no futuro. Em suma a utilização de recursos musicais em sala de aula podem ser importantes, tanto na perspectiva motivacional dos alunos, como no método de aprendizagem.

Chegando ao fim do percurso da formação inicial de professores, devo salientar que o estágio curricular constituiu um momento de grande importância, para um atendimento mais aprofundado sobre a atividade docente, sobre as adversidades da profissão e também sobre os mais variados âmbitos em que um professor realiza a sua função. No entanto, o prazer de dar aulas sabendo que estamos a formar cidadãos, é um fator que se sobrepõe e nos faz encarar as adversidades e aspetos menos positivos que decorrem da função.

Bibliografia

- Alarcão, D., Fafaiol, C., & Coelho, J. L. (2008). *Acústica de Salas de Aulas*. Acústica 2008. Coimbra.
- Amorim, M. C. (2011). Climatologia e Gestão do Espaço Urbano. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, 9 (1), 71-90.
- Antonio, J. N., & Gomes, M. (2008). A Produção do Espaço Urbano e a Questão dos Resíduos Sólidos. *Raega – O Espaço Geográfico em Análise*, 16, 111-118.
- APG. (s.d.). <http://www.apgeo.pt/olimpiadas-da-geografia-inscricoes-ate-ao-dia-30-de-novembro-de-2018>. Obtido de <http://www.apgeo.pt>.
- Augusto, C. A. (2014). *Sons e silêncios da paisagem sonora portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Azevedo, R. J. (2013). *A música ensina! Possibilidades metodológicas para o ensino fundamental nas aulas de geografia*. Monografia (Licenciatura em Geografia). UFCG/CFP.
- Azevedo, A. F., Furtanetto, B. H., & Duarte, M. B. (2018). *Geografias Culturais da Música*. Universidade do Minho.
- Barros, M. R. (2013). *A Música como mediadora no desenvolvimento cognitivo em crianças com perturbações Autísticas: Intervenção junto de uma aluna com perturbações Autísticas*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Escola Superior de Educação João de Deus.
- Barros, R. M., Marques, L. C., & Tavares, L. S. (2018). A importância da música para o ensino-aprendizagem na educação infantil: reflexões à luz da psicologia histórico-cultural. *IV COLBEDUCA e II CIEE*. Braga e Paredes de Coura, Portugal.
- Barroso, D. (2013). *A importância da planificação do processo ensino-aprendizagem nas aulas de História e Geografia*. Dissertação (Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Beaujeu-Garnier, J. (1983). *Geografia Urbana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bento, O. (1996). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Brescia, V. P. (2011). *Educação Musical. Bases Psicológicas e Ação Preventiva*. São Paulo: Alínea.
- Brito, T. A. (2002). *Música na educação infantil. Propostas para a formação Integral da criança* (Vol. II). São Paulo: Peirópolis.
- Cacciari, M. (2010). *A Cidade*. Editorial Gustavo Gili.

- Brito, T. A. (2003). *Música na educação infantil*. São Paulo: Peirópolis.
- Carvalho, G. B., Accorsi, A., & Isaia, T. P. (2016). Impare educação e a metodologia sensibile: a formação humanista por meio da educação musical. *Anais II Cong. Int. Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura*, 233-242.
- Castelo, L. (2013). A cidade dos centros excêntricos. *Ciudades*, 16, 27.
- Cavalcanti, L. (2005). *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos*. São Paulo: Papirus.
- Castro, R. M. (2016). Contributos para uma Análise da Paisagem Aonora: Som, Espaço e Identidade acústica. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Chiarelli, L. K., & Barreto, S. d. (2005). A Importância da Musicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. A Música como Meio de Desenvolver a Inteligência e a Integração do Ser. *Revista Recre@rte*, 3.
- Ciencia, I.-G. (2014). *Avaliação Externa das Escolas. Relatório de escola: Escola Secundária de Avelar Brotero. Coimbra*. Delegação Regional do Centro da Inspeção-Geral da Educação – Ministério da Educação.
- Correia, M. A. (2012). A Música nas Aulas de Geografia: Canções e Representações Geográficas. *Revista Geografar*, 7 (1), 138-160.
- Crespo, A. P. (2002). A Pobreza como um Fenômeno Multidimensional. *RAE-eletrônica*, 2, 1-11.
- Crozat, D. (2016). Jogos e Ambiguidades da Construção Musical das Identidades Espaciais. Em A. Dozena, *Geografia e Música: Diálogos*. Natal: EdUFRN.
- Dias, F. B. (1987). *Ali Está a Cidade. Para além das cordilheiras*. CBS.
- Domingues, A., & Fernandes, A. S. (2015). A Urbanização da Pobreza – Formação Académica e Consciência Social. *Estudo Prévio*, 9, 1-2
- Domingues, Á. (1994). (Sub)úrbios e (Sub)Urbanos- o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? *Revista da faculdade de Letras - Geografia*, X/XI, 5.
- Domingues, Á. (2010). A rua da estrada. *Cidades- comunidades e territórios*.
- Domingues, Á. (2015). Cidade esponja. XXI. Ter opinião.
- Domingues, Á. (2018). A cidade ainda existe? *Tedx Talks*. Matosinhos.
- Elis, A. (2010). Ilha de Calor ou Ilha de Energia Térmica: um Conceito Aberto à Discussão. *Revista Espaço Acadêmico*, 10 (110), 124-129.
- European Environment Agency, 2. (2020). *Environmental noise in Europe — 2020*. Luxemburgo: Publications Office of the European Union.
- Farias, H. S., Canêjo, V. P., & Santos, F. K. (2017). Caminhos da Música nas Aulas de Geografia. XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (p. 1). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais .
- Fernandes, J. L. (2013). Soundscapes and Territory: World Music in Territorial Marketing. *GeoJournal of Tourism and Geosites*, 11 (1), 34-41.
- Fernandes, J. L. (2015). Carlos Alberto Augusto. Sons e silêncios da paisagem sonora portuguesa. Em U. d. Coimbra, *Biblos o valor das humanidades* (p. 438). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Ferrão, J. (2003). Intervir na Cidade: Complexidade, Visão, Rumo. Em N. Portas, & A. e. Domingues, *Políticas Urbanas – tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, M. N. (2012). *A Música como Recurso Didático na Aula de Geografia*. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade de Brasília.
- Foladori, G. (2001). Los Problemas Ambientales Urbanos y sus Causas. *Revista Paranaense De Desenvolvimento*, 100, 69-78.
- Franca, M., & Cravidão, F. D. (2008). A Geografia urbana dos lugares e não lugares do século XXI. Coimbra uma cidade na encruzilhada. Em M. M. Valença, *Globalização e Marginalidade - transformações urbanas Brasil: UFRN*.
- Fuini, L. L., Santos, J. L., Damião, C. A., Oliveira, P., & Rios, G. (2012). A Música como Instrumento para o Ensino de Geografia e seus Conceitos Fundamentais: Pensando em Propostas para o Trabalho em Sala de Aula. *Para Onde!?*, 6 (2), 206-216.
- Galdino, V. T. (2015). A Música como Ferramenta Pedagógica no Processo de Aprendizagem. *Revista Eventos Pedagógicos*, 6 (2), 258-267.
- Gama, A. (1992). Urbanização Difusa e Territorialidade Local. *Revista Crítica de ciências Sociais*, 34, 161-171.
- Gaspar, J. (2005). Cidade e Urbanização no virar do milénio. Em *Homenaje a Joaquín Gonzalez Vecín*. León: Departamento de Geografía de la Universidad de León.
- Godoy, M. L. (2009). *A música, o ensino e a geografia*. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia.
- Gonçalves, J. P. (2013). Música e Geografia: Reflexão sobre a temática musical nos estudos geograficos. *Boletim Paulista de Geografia*, 93, 9-30.
- Guerra, P. (2014). Punk, ação e contradição em Portugal. Uma aproximação às culturas juvenis contemporâneas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 102, 111-134. Obtido de: <http://journals.openedition.org/rccs/5486>.
- Harvey, D. (1977). *Urbanismo y Desigualdad Social*. España: Siglo XXI Editores.
- Januário, C. (1996). *O currículo e a reforma do ensino*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Jeandot, N. (2005). *Explorando o universo da música*. São Paulo: Scipione.
- Kong, L. (1995). Popular music in Geographical analyses. *Progress in human geography*.
- Leal, M. (2019). Cheias e inundações urbanas: tipos, características e danos materiais. Em *Água e Território: um Tributo a Catarina Ramos*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, IGOT, Universidade de Lisboa.
- Lefebvre, H. (1991). *The Production of Space*. Oxford, UK: Blackwell Publishing.
- Lema, P. B. (1997). A Cidade Revisitada. Em *Cadernos de Geografia nº16* (pp. 91-100). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Leyshon, A., Matless, D., & Revill, G. (1995). The Place of Music: [Introduction]. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 423-433.
- Lima, I. P. (2012). Inundações Urbanas: Desafios ao Ordenamento do Território. O Caso da Cidade da Praia (Cabo Verde). Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de Lisboa.

- Lucia, S., & Travassos, L. (2008). Problemas Ambientais Urbanos: Desafios para a Elaboração de Políticas Públicas Integradas. *Cadernos Metrópole*, 19, 27-47.
- Marinheiro, D. E., & Pereira, A. L. (2019). Benefícios da Implantação da Música em Sala de Aula. Campina Grande: Editora Realize.
- Mendes, M. P., & Scabello, A. L. (2015). As Metodologias de Ensino de Geografia e os Problemas de Aprendizagem: a Questão da Apatia. *Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica*, 3 (2), 40-43.
- Moreira, A. C., Santos, H., & S Coelho, I. (2014). A Música na Sala de Aula – A Música como Recurso Didático. *UNISANTA – Humanitas*, 3 (1), 41-61.
- Moreira, M. (s.d.). *Escola e Cidade*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Moreira, M. S. (2014). *Escola E Cidade*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Mucelin, C. A., & Bellini, M. (2008). Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. *Sociedade & Natureza, Uberlândia*, 20 (1), 111-124.
- Muniz, A. A. (2012). A música nas aulas de Geografia. *Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia*, 3 (4), 80-94.
- Nations, U. (2018). Population Facts. 1-2. Obtido de: https://population.un.org/wup/Publications/Files/WUP2018-PopFacts_20181.pdf.
- Nations, U., & Oxford. (2019). *Global Multidimensional Poverty Index 2019: Illuminating Inequalities*. United Nations Development Programme and Oxford Poverty and Human Development Initiative.
- Panitz, L. M. (2012). Geografia e música: uma introdução ao tema. Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, XVII (978). Obtido de: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-978.htm>
- Panitz, L. M. (Dezembro de 2012). Por uma geografia da música: Um Panorama mundial e vinte anos de pesquisas no brasil. Para onde!?,
- Parque Escolar, E., & Heitor, T. (2011). *Parque Escolar 2007-2011 Intervenção em 106 Escolas/ Interventions in 106 Schools*. Lisboa: Parque Escolar, EPE.
- Pedrosa, A., & Pereira, A. (2013). Cidades e Dinâmicas Urbanas: a Gestão de Relações Complexas em Territórios de Risco. Em *Riscos Naturais, Antrópicos e Mistos. Homenagem ao Professor Doutor Fernando Rebelo*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Pedrosa, A., Abreu, C. F., & Danelon, J. R. (s.d.). Os Riscos de Inundação Urbana: uma Proposta de Gestão das Águas Pluviais nos Aglomerados Urbanos. Em L. Lourenço, *Geografia, Cultura e Riscos Livro de Homenagem ao Prof. Doutor António Pedrosa*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Pinheiro, E. A., & Mença, B. a. (2004). O Nordeste Brasileiro nas Músicas de Luiz Gonzaga. *Caderno de Geografia, Belo Horizonte*, 14 (23), 103-111.
- Ponso, C. C. (2008). *Música em Diálogo: Ações Interdisciplinares na Educação Infantil*. Porto Alegre: Editora Sulina.

- Pontuschka, N. N., Paganelli, T. I., & Cacete, N. H. (2007). *Para Ensinar e para Aprender Geografia*. São Paulo: Cortez.
- Ramin, C. S. de A., Cesarino, C. B., Ribeiro, R. de C. H. M., et al. (2019). Music as a Facilitating Element in Teacher-Student Interaction. Em *Proceedings of the 8. Brazilian Nursing Communication Symposium*. São Paulo: Escola de Enfermagem de Riberão Preto – USP.
- Ramos, L. da S. (2010). *“Sou tupã, Sou Potiguara”: as Músicas Indígenas como Metodologia do Ensino de Geografia*. Guarabira: Universidade Estadual da Paraíba.
- Ribeiro, L. J., & Chaves, M. R. (2011). Expansão Urbana e Segregação Sócioespacial. *Revista Geográfica de América Central*, 2, 1-12.
- Rodrigues, J. F. (1999). A Matemática e a Música. *Colóquio/Ciências*, 23, 17-32.
- Rossa, W. (2015). Urbanismo ou o Discurso da cidade. Em W. Rossa & M. C. Ribeiro, *Patrimónios de Influência Portuguesa: Modos de olhar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rubin, R., & Aquino Russell, C. (2011). Classroom soundscape. *Educational and Child Psychology*, 28, 89-95.
- Sáez, H. C. (2003). A modo de introducción. Los problemas de las ciudades: ubs, civitas y polis. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- Santos, L. & Ferreira, F. Z. (1995). A Unidade Residencial do Calhabé (Solum). Um Paradigma na História Recente do Urbanismo em Portugal. *Sociedade e Territórios*, 21.
- Santos, M. (1978). *Pobreza Urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (1988). *Metamorfoses do Espaço Habitado. Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, R. & Chiapetti, R. J. (2011). Uma Investigação sobre o Uso das Diversas Linguagens no Ensino de Geografia: uma Interface Teoria e Prática. *Revista Geografia Ensino & Pesquisa*, 15 (3), 167-183.
- Santos, R. J., Costa, C. L., & Kinn, M. G. (2010). *Ensino de Geografia e novas linguagens*. Brasília: MEC.
- Santos-Luizi, C., Mónico, L., Campelos, S., & Silva, C. F. (2015). Matemática e música: Sistematização de analogias entre conteúdos matemáticos e musicais. *Revista Portuguesa Educação*, 28 (2), 271-293.
- Schafer, R. M. (1997). *A Afinação do Mundo*. Fundação Editora Unesp.
- Sen, A. (2000). *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Seto, K., Sanchez-Rodriguez, R., & Fragkias, M. (2010). The New Geography of Contemporary Urbanization and the Environment. *Annual Review of Environment and Resources*, 35, 167-194.
- Silva, R. S. (2015). A importância da Música nas Aulas de Geografia: Práticas e Métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia. Cajazeiras: Universidade Federal de Campina Grande.
- Silva, F. N. (2018). O problema da habitação de Lisboa explicado por quem sabe. (F. A. Afonso Anjos, Entrevistador)

- Souza, J. A., & Santos, J. C. (2018). *A Música Como Auxílio Inovador em Sala de Aula*.
Obtido de: <https://silo.tips/download/a-musica-como-auxilio-inovador-em-sala-de-aula>
- Stipanov, M. (2005). *Práticas de planificação: um estudo comparativo entre as práticas dos estagiários da F.C.D.E.F. - U.C. de 2005-2006 e as práticas de planificação actuais dos professores do primeiro curso da F.C.D.E.F. - U.C.* Monografia (Licenciatura em Ciências do Desporto). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- Stanley, W. (2006). Geography and music: some introductory remarks. (Vol. 6). Springer Netherlands: GeoJournal.
- Tressino, C. I., & Malaquias, A. M. (2014). Música e Matemática no Ensino de Frações. Em *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE. Artigos* (Cadernos PDE, vol. I). Paraná: Secretaria da Educação do Governo do Estado do Paraná.
- United Nations (2019). The World's Cities in 2018. Data Booklet. *Economic and Social Affairs*. Obtido de:
https://www.un.org/en/events/citiesday/assets/pdf/the_worlds_cities_in_2018_data_booklet.pdf
- Vaz, A., M. J. Reis, Nunes, A., & Velez de Castro, F. (2019). A música como recurso no processo de ensino aprendizagem em Geografia: aplicação à temática "mobilidade da população". Em *Formação Inicial de Professores nas Humanidades*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Viera, E. A., & Berrios, M. B. (2003). Lixo: Fato Ambiental da Modernidade. Gerardi, L., *Ambientes: estudos de Geografia*. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP.
Ambientes: Estudos de Geografia.
- Werneck, D. R. (2018). *Estratégias de Mitigação das Ilhas de Calor Urbanas: Estudo de Caso em Áreas Comerciais em Brasília – DF*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.
- Xavier, E. (2010). O uso das fontes históricas como ferramentas na produção do conhecimento histórico. *Antíteses*, 3 (6), 1097-1112.

Anexos:

Anexo A Powerpoint das aulas de turismo rural	116
Anexo B Aulas sobre tranportes	127
Anexo C PowerPoint das aulas sobre os problemas urbanos	150
Anexo D Planificação das aulas sobre os problemas urbanos.....	171
Anexo E Planificação das aulas sobre os tranportes.....	176
Anexo F Planificação da visita de estudo ao Porto	182
Anexo G Planificação da visita de estudo "Coimbra, um outro olhar"	184
Anexo H Ficha de trabalho sobre os problemas urbanos	185



Turismo no Espaço Rural (TER)

"A história do homem está intimamente ligada às deslocações e às viagens, que desde sempre foram uma constante ao longo das várias épocas, motivadas pelas mais diversas razões. No princípio, antes da prática da agricultura e do sedentarismo, era a viagem realizada por razões de sobrevivência"

"Na Antiguidade Clássica a viagem para lazer, realizada pelas classes urbanas mais privilegiadas do Império Romano, que tinham uma residência na cidade e outra no campo"

"Com os Descobrimentos, a viagem por motivos comerciais e de expansão territorial"



"Durante as Cruzadas, a viagem por motivos religiosos"

Quais os motivos que nos fazem viajar actualmente?

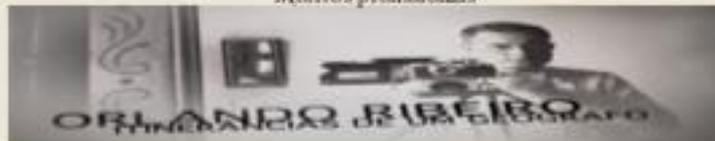
O stress do quotidiano



Enriquecimento cultural



Motivos profissionais



Como é encarado o turismo nos dias de hoje?

Actualmente, o turismo constitui um dos traços marcantes da civilização, sendo mesmo reconhecido pela Declaração Universal dos Direitos do Homem (artigo 24) como liberdade que assiste a todos os indivíduos.

As necessidades de lazer e turismo encontram-se tão enaltecidas que se fala no nascimento de um novo homem: o *Homo turisticus* ou *Homo viator*, produto da sociedade de consumo de massas

David Humpreys advoga mesmo a emergência de uma "*Idade da Viagem*", tal como se fala numa Idade da Agricultura, da Indústria ou da Electrónica (in Cunha, 1997:

61)

O turismo no presente e no futuro

Espera-se, no século XXI, que o Turismo seja um dos sectores estratégicos do mundo, um dos "Três Super Serviços" os outros serão as Telecomunicações e as Tecnologias de Informação.

- São responsáveis, directa e indirectamente, por 11,7% do Produto Interno Bruto Mundial, a que corresponde 3,5 triliões de dólares americanos;
- concentram 8% do emprego mundial (200 milhões de postos de trabalho), prevendo-se que, durante esta década, suponte a criação de 5,5 milhões/ano de novos postos de trabalho (1/3 do emprego é gerado na própria actividade, o restante resulta do seu efeito noutros sectores, nomeadamente no comércio e construção civil);
- até 2010 prevê-se que se jam responsáveis pela criação de 5,5 milhões de novos empregos ao nível mundial.

Em Portugal a actividade turística representa cerca de 8% do PIB e nela trabalham directa e indirectamente cerca de meio milhão de portugueses*

Conclusão

A actividade turística é relevante não só na geração de um valor acrescentado importante, como também na capacidade de motivar por arrastamento o desenvolvimento de outras actividades económicas, como por exemplo, a construção civil, os transportes, as indústrias de têxteis e de mobiliário, a agricultura, etc.³ (Silva e Silva, 1998: 47). Ou seja, o consumo turístico gera um efeito multiplicador, com repercussões económicas para além do momento em que se realiza e em sectores relacionados ou não com o turismo.

O turismo em espaço rural pode proporcionar uma oportunidade de valor acrescentado aos espaços rurais?

Porque algumas áreas rurais estão ricas de património natural e sócio-cultural, que exploradas de uma forma turística sustentável, podem contribuir positivamente para o desenvolvimento rural.

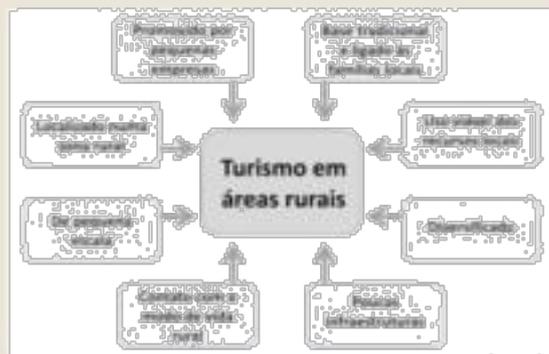
Sem ele, algumas áreas rurais, estariam condenadas ao abandono humano e empobrecimento; com ele, os valores existentes permitem a geração de riqueza, garantindo-lhes uma valência económica que, de outro modo, não existiria.

Em abstrato da verdade, o turismo rural parece ter um potencial apreciável no quadro actual em que emerge em novas preferências. Ele insere-se no designado turismo dos três "L" - Lóie (tradição), Landscape (paisagem) and Leisure (fazer), que tende a fazer frente ao massificado turismo dos três "S" - Sun (sol), Sea (Mar) and Sand (praia).



Qual o conceito e características do Turismo em Espaço Rural (TER)?

Conjunto de atividades e serviços de alojamento e animação em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados a turistas mediante remuneração, espaço rural.



Itan - Lud, 2001

Quais são as modalidades de TER?

"Casa de campo"

São casas de campo as imóveis situadas em aldeias e espaços rurais que prestam serviços de alojamento a turistas e se diferenciam, pela sua traça, materiais de construção e demais características, no conjunto da paisagem local.



"Turismo de aldeia"

Quando cêncio de várias casas de campo situadas no mesmo aldeia ou freguesia, em que aldeias ou freguesias antigas, sejam exploradas de uma forma integrada por uma única entidade, podem usar a designação de turismo de aldeia, sem prejuizo da possibilidade das mesmas pertencer a mais de uma pessoa.

"Casa de campo"

São casas de campo os imóveis situados em aldeias e espaços rurais que prestam serviços de alojamento a turistas e se diferenciam, pela sua traça, materiais de construção e demais características, no conjunto da paisagem local.



"Turismo de aldeia"

Quando cinco ou mais casas de campo situadas na mesma aldeia ou freguesia, ou em aldeias ou freguesias contíguas, sejam exploradas de uma forma integrada por uma única entidade, podem usar a designação de turismo de aldeia, sem prejuízo de a propriedade das mesmas pertencer a mais de uma pessoa.

"Agroturismo"

São empreendimentos de agroturismo os imóveis situados em explorações agrícolas que prestem serviços de alojamento a turistas e permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo seu responsável.

"Hotel rural"

São hotéis rurais os hotéis situados em espaços rurais que, pela sua traça arquitetónica e materiais de construção, respeitem as características dominantes da região onde estão implantados, podendo instalar-se em edifícios novos que ocupem a totalidade de um edifício ou integrem uma entidade arquitetónica única e respeitem as mesmas características.

Impactes negativos

Lixo no Parque Natural do Gerês.



Resumo do impacto no Parque Natural do Gerês (PNG) devido ao lixo acumulado em pontos de recolha inadequados, que deterioram o espaço e prejudicam a paisagem e o ambiente para a conservação do património natural e cultural. Este fenómeno tem vindo a agravar-se devido ao aumento da população residente no Parque Natural do Gerês e ao aumento do turismo, bem como ao aumento da produção de lixo doméstico.

- Degradação da flora e da fauna.
- Aumento da poluição.
- Construção massiva em espaços frágeis ao nível ambiental (demasiados turistas).
- Deslocamento e "marginalização" das populações locais.



Turismo Fluvial

O turismo fluvial integra um conjunto muito diversificado de atividades ligadas a planos de água interiores: rios, canais, lagos, lagoas e albufeiras.



Este tipo de turismo é muito comum em zonas rurais e periurbanas, sendo uma das principais atividades de lazer e recreação. Este tipo de turismo é muito comum em zonas rurais e periurbanas, sendo uma das principais atividades de lazer e recreação.

AZIBO ENTRE AS MARAVILHAS DE PORTUGAL



Este tipo de turismo é muito comum em zonas rurais e periurbanas, sendo uma das principais atividades de lazer e recreação. Este tipo de turismo é muito comum em zonas rurais e periurbanas, sendo uma das principais atividades de lazer e recreação.

Contempla a valorização dos meios de transporte fluviais, de embarcações mais ou menos tradicionais, para a realização de percursos de barco, e os duradouros vapores.

O **INTERNATIONAL TOURISM FILM AWARDS** e os **PRÉMIOS NACIONAIS DO FILME TURÍSTICO** atribuídos pelo **ART&TUR** ao filme "Um rio de histórias" em 2015.

Uma das características do turismo fluvial é a possibilidade de usufruir do ambiente aquático, embarcado ou não, com o ambiente terrestre, através de caminhadas, visitas a povoados, a monumentos, a artesanato, a participação em repastos gastronómicos que se encontram a salvo em muitos dos seus afluentes do interior rural com ligações à rede fluvial do país.

Official Selection 2015
Menção Honrosa
 na categoria de
Turismo Rural e de Natureza

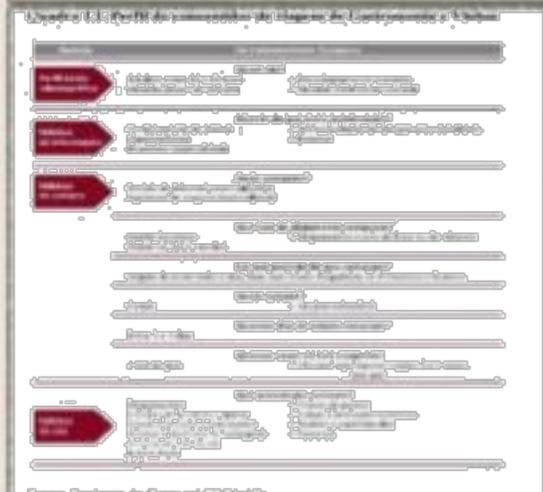
O que é o Turismo Gastronómico? Qual é o Perfil e as Motivações do Turista gastronómico?

Para Wolf (2006), Culinary Tourism é uma noção extensa e compreende eventos de comida e bebida, escolas de cozinha, mercados, tal como, restaurantes e adegas. Para este turista, a gastronomia e vários eventos si em si mesma uma atração para viajar.

Na realidade os turistas gastronómicos, segundo Wolf (2006) viajam para:

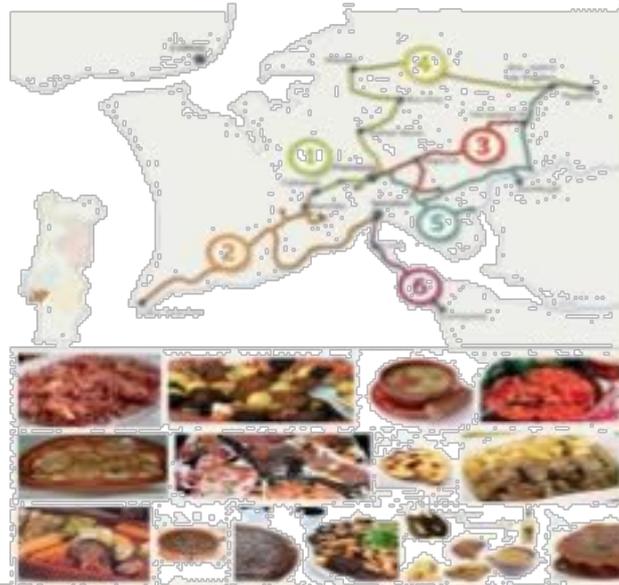
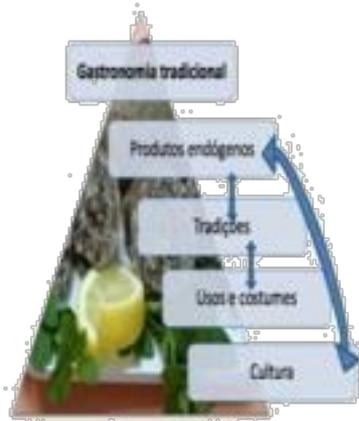
- Ver a performance de um chef de um restaurante (importante)
- Comer, beber, ir a inauguração ou evento em um restaurante ou bar famoso; - Comer ou beber em restaurantes e bares locais, difíceis de encontrar;
- Participar em eventos e festivais de comida e bebida.
 - Procurar ingredientes locais;
 - Fazer uma rota de visitas; (Itinerários);
 - Ir a aulas de cozinha.

Vários estudos conduzem que o turista gastronómico em regra faz um gasto diário elevado e por essa razão vários países como o Canadá e a África do Sul, de-de todo criaram estratégias para o turismo gastronómico (Wolf, 2006).



Um dos objetivos do Turismo é a salvaguarda e proteção das tradições através de ofertas genuínas e intangíveis, defendendo a sua autenticidade através da Gastronomia tradicional usando saberes ancestrais. A promoção de produtos endógenos através das tradições e da cultura de um povo transforma-se em experiências autênticas e fidelizadas.

(Elaborado por: www.turismo.gov.br)



Turismo cinegético e turismo termal

São as formas mais antigas de turismo em áreas rurais. Pag 61



Tomazosa, uma piscina de água termal a seu alentejo e gratuita



Turismo cultural

"Turismo cultural é toda intervenção de pessoas em nome de atrações culturais específicas, tais como sítios históricos e manifestações artísticas e culturais, fora de seu lugar próprio de existência"

BRUNO ZAVITTINI, 1997, p. 11

L Burro (L) Guiteiro traveling festival, Douris
When: 22-23 July
Highlight: The Dance dos Favelados on the Friday night, a frenetic folk dance in bagpipes.

The festival is not limited to the favelas of the Grande de Douris municipality in the north-eastern mountainous hills of Rio de Janeiro. The festival includes the bagpipers of the favelas, its traditional music, the dance of the favelas and the tradition of the wandering minstrel. The players of gaito de favela, or bagpipes, were inspired by looking for the bagpipers and instruments from the nearby village. Now, some of the 20-strong band of bagpipers are based in the favelas, while others are from the city. The festival is held in the favelas of the Grande de Douris, a small town in the mountains of Rio de Janeiro, and is held in the favelas of the Grande de Douris, a small town in the mountains of Rio de Janeiro.

For more information, visit the website of the festival: www.festivaldoburro.com.br



Benefícios socioeconômicos:



Benefícios socioeconômicos:



Objetivos



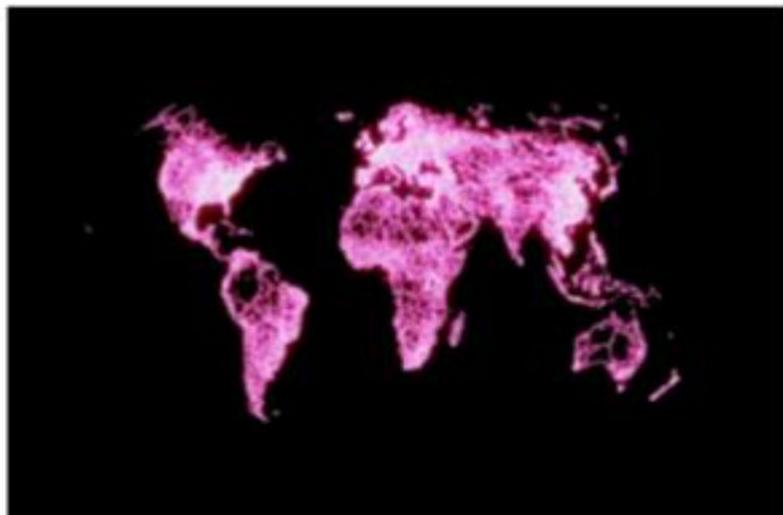
Benefícios socioeconômicos:



A diversidade dos modos de transporte e a desigualdade espacial das redes

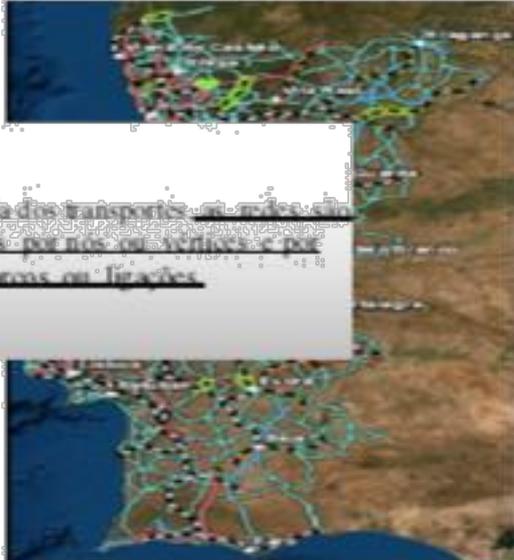
Redes de transporte, o que são?

Conjunto de vias de comunicação (estradas, canais, Linhas aéreas, caminhos de ferro, oleodutos, etc.) que se interligam, formando uma malha mais ao menos densa.



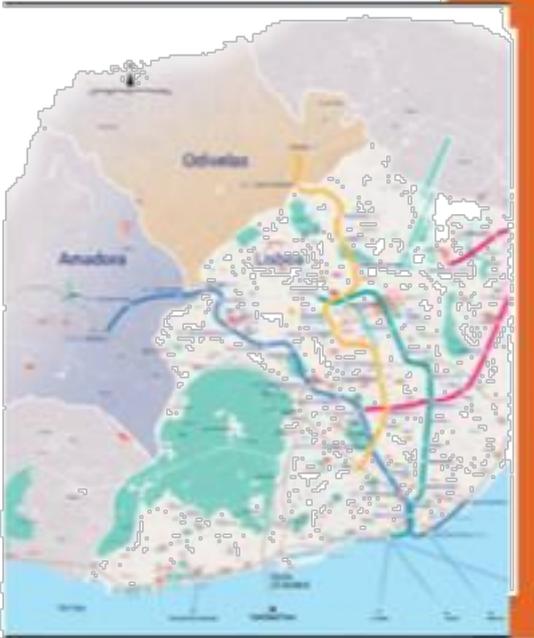
Os transportes, as comunicações e os territórios organizam-se em redes.

- Localidades**
Linha de pontos
- Rede Ferroviária**
Linha com traços
- Rede Rodoviária**
Linha com traços
- Rede Aérea**
Linha com traços
- Rede de Telecomunicações**
Linha com traços
- Rede de Energia**
Linha com traços
- Rede de Saneamento**
Linha com traços
- Rede de Água**
Linha com traços



Na perspectiva dos transportes, as redes são constituídas por nós, os verticais e por arestas, as ligações.

Um nó é um ponto na rede, podendo ser um indivíduo, um terminal ou uma interseção.



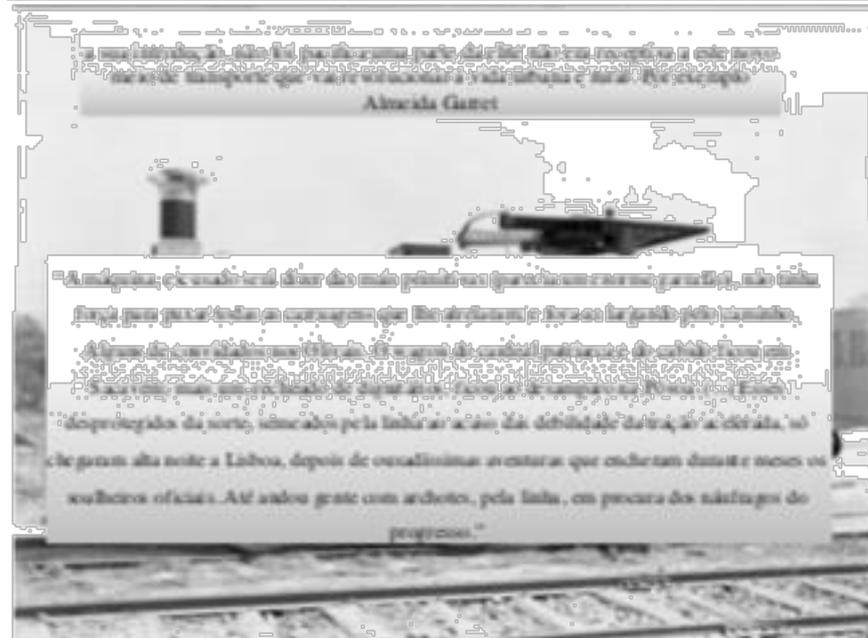
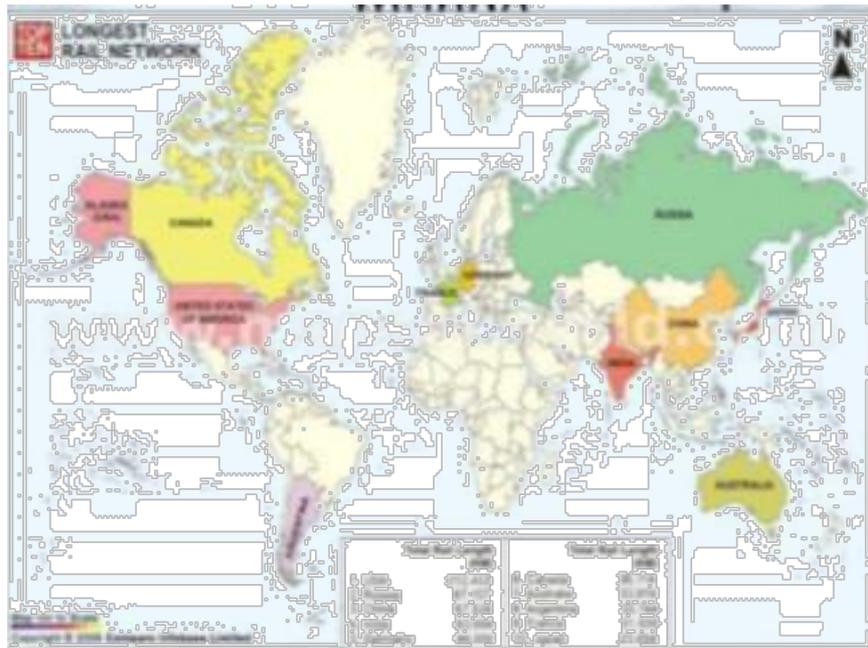
Quando a bordo, é o Sábio, Oropel e
Lobo, mas não é a arca perdida.

(Fernando Pessoa)

FERNANDO PESSOA
No caminho descendente
Vida é só, a garganta,
Que por instantes se solta
E os olhos não se parando
No caminho descendente
De Quiluz à Cruz Quebrada...

Portugal **Literatura** www.portugal-literatura.com







Grandes contributos para o desenvolvimento.

Qualificação de milhares de portugueses para trabalhar na área ligada aos transportes ferroviários.

Foram enviadas pessoas para o estrangeiro para se formarem em engenharia (escola de pontes e calçadas de país).

Criação de escolas dos técnicos ferroviários.

Formação de operários e técnicos ferroviários.

Organização do trabalho rigorosa.

Criação de creches e escolas para os filhos dos trabalhadores.

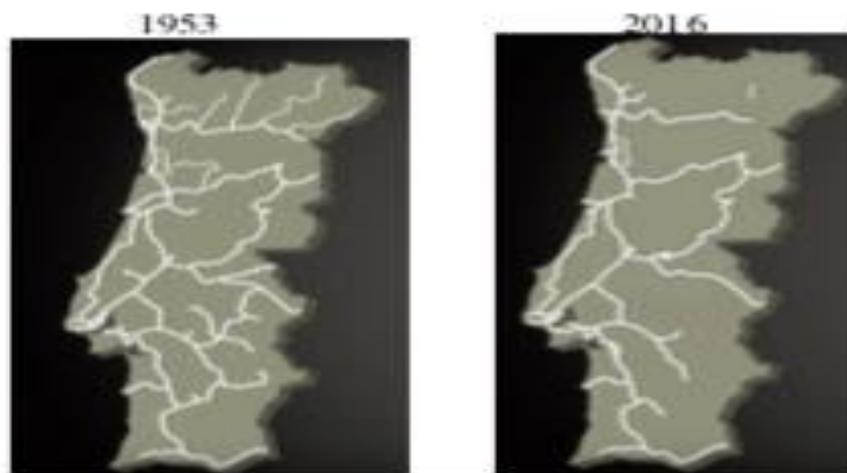
Criação da medicina do trabalho.

Criação de postos médicos e de ambulâncias médicas. (No qual trabalhou Egas Moniz).

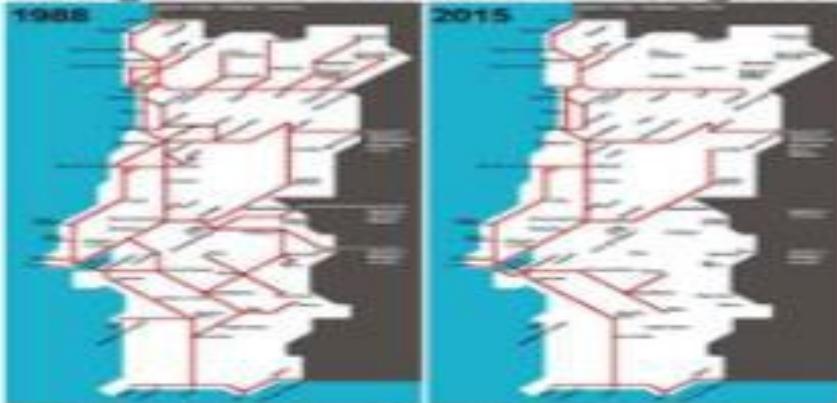
Criação de oficinas de reparação e de produção de ambulâncias.

Grandes contributos para o desenvolvimento

- Uma nova noção de velocidade (30km por hora)
- Uma noção completamente diferente da paisagem tanto em velocidade como em perspectiva . (pontes, vales e montanhas e túneis)
- Criação de pacotes de destinos turísticos.
- Alterações nas relações familiares.
- Facilita a ida à praia pelas famílias.
- Controlo dos maus hábitos que se faziam ao fim de semana - cujo destino em a praia onde estava a família -



Portugal - Rede Ferroviária de Passageiros



Quando o comboio a vapor em 1917 era mais rápido do que o autocarro de hoje

Em 1917, a rede ferroviária portuguesa era mais rápida do que a rede de autocarros de hoje. O comboio a vapor era mais rápido do que o autocarro de hoje, e isso era devido à qualidade da rede ferroviária portuguesa.

Em 1917, a rede ferroviária portuguesa era mais rápida do que a rede de autocarros de hoje. O comboio a vapor era mais rápido do que o autocarro de hoje, e isso era devido à qualidade da rede ferroviária portuguesa.

Serviço do Ramal da Lousã perdeu um terço dos passageiros em 10 anos

O serviço do Ramal da Lousã perdeu um terço dos passageiros em 10 anos. Isso foi devido à melhoria da rede de autocarros e à melhoria da rede ferroviária portuguesa.

Em 1917, a rede ferroviária portuguesa era mais rápida do que a rede de autocarros de hoje. O comboio a vapor era mais rápido do que o autocarro de hoje, e isso era devido à qualidade da rede ferroviária portuguesa.

Portugal era no século XIX com uma rede ferroviária, essencialmente planejada e construída no Estado XIX

Portugal era no século XIX com uma rede ferroviária, essencialmente planejada e construída no Estado XIX. Isso foi devido à melhoria da rede de autocarros e à melhoria da rede ferroviária portuguesa.

Portugal era no século XIX com uma rede ferroviária, essencialmente planejada e construída no Estado XIX. Isso foi devido à melhoria da rede de autocarros e à melhoria da rede ferroviária portuguesa.

Portugal era no século XIX com uma rede ferroviária, essencialmente planejada e construída no Estado XIX. Isso foi devido à melhoria da rede de autocarros e à melhoria da rede ferroviária portuguesa.

Portugal era no século XIX com uma rede ferroviária, essencialmente planejada e construída no Estado XIX. Isso foi devido à melhoria da rede de autocarros e à melhoria da rede ferroviária portuguesa.

Portugal era no século XIX com uma rede ferroviária, essencialmente planejada e construída no Estado XIX. Isso foi devido à melhoria da rede de autocarros e à melhoria da rede ferroviária portuguesa.

Portugal era no século XIX com uma rede ferroviária, essencialmente planejada e construída no Estado XIX. Isso foi devido à melhoria da rede de autocarros e à melhoria da rede ferroviária portuguesa.



ECOPISTAS

O Plano Nacional de Ecopistas foi criado em 2016, tendo-se criado a rede nacional de ecopistas para promover a mobilidade sustentável e a utilização das bicicletas, desde às rotas turísticas até às rotas locais de acesso a serviços essenciais.

Nome:
Minho

Localização:
Trajeto entre Valença e Monção

Extensão:
22 km

Área de implementação:
Comarca






Turismo ferroviário é aposta do Governo para 2020



Investimento de 200 milhões de euros para promover o turismo ferroviário em 2020, com o objetivo de criar um quadro favorável para o setor.

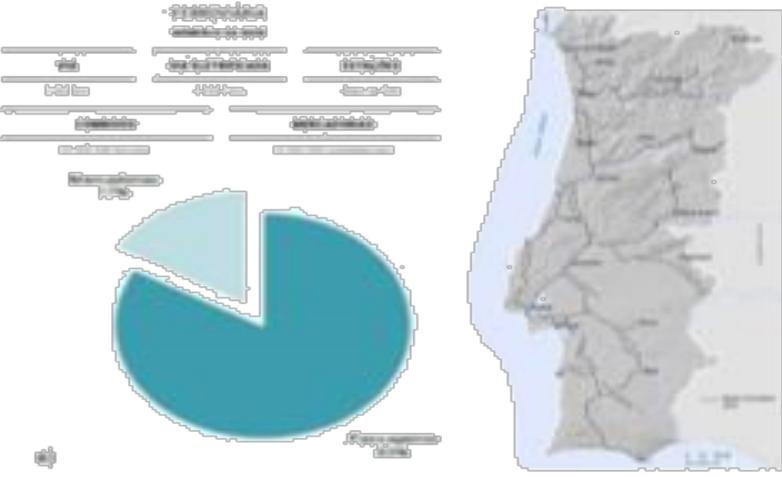
Investimento

Governo vai investir 2000 milhões de euros nos caminhos-de-ferro

O investimento total de 2000 milhões de euros, previsto para o período de 2020-2023, inclui a criação de rotas turísticas, a melhoria dos serviços para passageiros e a criação de novos serviços comerciais. O investimento será realizado até 31 de dezembro de 2023.

Ferrovia 2020? Só em 2023. Até agora, Governo apenas cumpriu uma das 20 obras prometidas

O governador Fernando Collor anunciou em 1990 a construção de uma ferrovia de 20 obras, prometendo que seria concluída em 2020. Até agora, apenas uma obra foi concluída, a Ferrovia de Integração Oeste-Atlântica (FIOA).



Benefícios da Rede por Construir para a Economia

- Aumento da produtividade e redução dos custos de transporte.
- Integração de regiões menos desenvolvidas.
- Estimulação do comércio exterior e desenvolvimento econômico regional.

Impactos da Rede por Construir para a Sociedade

- Geração de empregos e desenvolvimento econômico.
- Melhoria da infraestrutura e acesso a serviços básicos.
- Integração de regiões menos desenvolvidas.
- Estimulação do comércio exterior e desenvolvimento econômico regional.

- O transporte ferroviário regional e inter-regional permite ligar as regiões entre os eixos de principal circulação, facilitando a ligação entre estas e os eixos de circulação.
- O transporte de longo curso e tempo rápido, de curta e média distância, permite desenvolver paragens e estações em locais estratégicos.
- O serviço de alta velocidade é feito por comboios de alta velocidade com uma velocidade de 220 km/h. Os comboios de alta velocidade são feitos por comboios de alta velocidade.



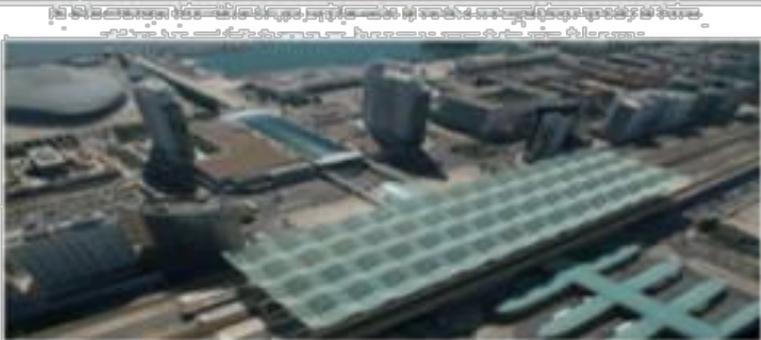
AS FRONTEIRAS

- As fronteiras, apesar do esforço de integração da União Europeia, continuam a ser barreiras à livre circulação ferroviária, pelo controle da entrada e pela sua crescente autonomia, a fronteira possui uma forte componente de comunicação e rotativa na sua operação.
- Processo de certificação de operações estrangeiras.
- As operações circulam em linhas eletrónicas, que muitas vezes se apresentam de forma características.
- Significação própria.
- Muitas das estações e linhas têm instruções próprias.

REDE FERROVIÁRIA DE BITOLA IBÉRICA

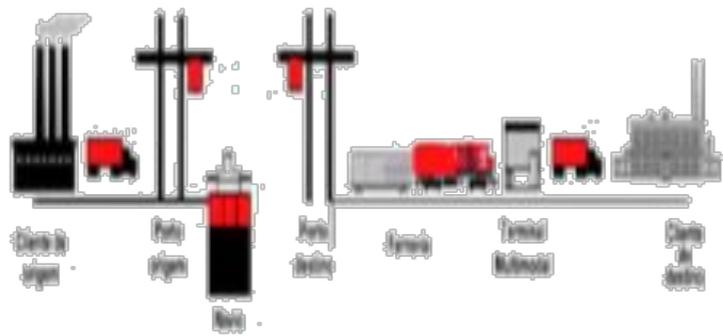
A rede ferroviária em bitola ibérica, não é compatível com a bitola europeia, por isso de 2010 em diante, o transporte de mercadorias no norte da Europa, em bitola europeia.

ANTES PENÍNSULA IBÉRICA INCLUSA		EM BREVE PORTUGAL INCLUSA NA EUROPA	
MINISTÉRIO DA ECONOMIA E FINANÇAS	PORTUGAL	MINISTÉRIO DA ECONOMIA E FINANÇAS	PORTUGAL
RENFE	RENFE	RENFE	RENFE
RENFE	RENFE	RENFE	RENFE



Estação do Oriente: Interface Multimodal Ferroviária e Rodoviária

Intermodalidade ferroviária em Portugal



Multimodalidade

A melhor forma de andar no Grande Porto!

O Andante é o título de transporte intermodal que lhe permite viajar nos transportes públicos da Área Metropolitana do Porto. Quer ande de autocarro, de metro ou de comboio, pode usar sempre o Andante.

O preço a pagar depende apenas do trajecto a efectuar e não do modo de transporte que utiliza ou do número de embarques que efectua.

É moderno, prático e económico - muitos transportes, um só título.

Transporte ferroviário - vantagens

- Menor custo de transporte para grandes distâncias.
- Rápido registo, sem congestionamento.
- Reduzida ocupação de espaço (comparativamente com os autocarros).
- Grande capacidade de carga (mercadorias e passageiros).
- Adequado para grandes volumes.
- Transporte de vários tipos de produtos.
- Menos dependente das condições atmosféricas.
- Menos poluente (tanto eléctrico).
- Baixo consumo energético (por unidade de energia).

Transporte ferroviário - desvantagens

- Falta de flexibilidade e rigidez de percursos.
- Necessidade de transbordo.
- Elevada dependência de outros transportes.
- Baixa competitividade para pequenas distâncias.
- Apenas poucos serviços.
- Enormes investimentos iniciais em infra-estrutura.
- Elevados custos de conservação e manutenção.



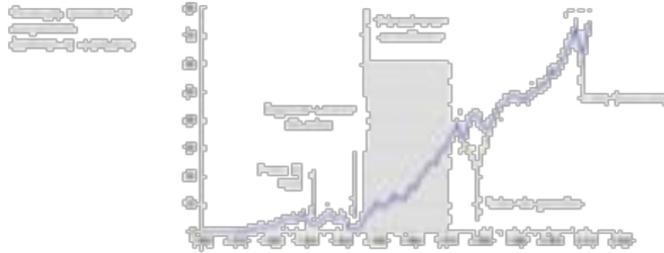
MODO RODOVIÁRIO

O transporte por modo rodoviário é o mais utilizado, seja para transportar passageiros ou mercadorias, e o mais flexível, sendo o único que assegura o porta-a-porta. O mesmo é inviável em distâncias curtas, considerando o custo máximo até 500 km (Dias, 2005).



- 110 milhões de investidor
- + 100 mil em gestão
- + 3 milhões em Portugal (para 400 mil em 2005)

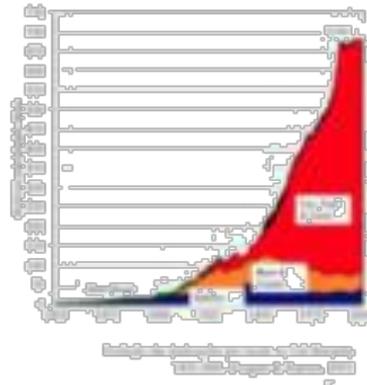
Uma procura em crescimento constante



Uma procura em crescimento constante

Assumptions regarding the market

- Demand is constant & grows at constant rate (10%, 20%, 30% or 40% of initial demand)
- 10000 investors & constant 10000 investors on each of the 10000 days
- Investors enter the market randomly and are equally likely to enter at any time
- Demand is constant & grows at constant rate (10%, 20%, 30% or 40% of initial demand)



Desde a adesão de Portugal à ex-CEE, foram criados dois Planos Rodoviários Nacionais, em 1985 e em 2000.

O **PRN de 1985** foi elaborado com o objetivo de criar ligações a Espanha e, consequentemente à Europa. Com a perda do império ultramarino e a viragem para o continente europeu, impunha-se ao país obter ganhos de acessibilidade ao território comunitário.

O **PRN de 2000** foi traçado com o objetivo de solucionar alguns estrangulamentos e deficiências identificadas no plano rodoviário nacional de 1985.

A rede rodoviária nacional é o principal meio de comunicação do país. Tem uma cobertura nacional embora seja reforçada no litoral e à volta das áreas metropolitanas.



A rede rodoviária nacional definida no Plano Rodoviário Nacional (PRN 2000) é constituída pela:

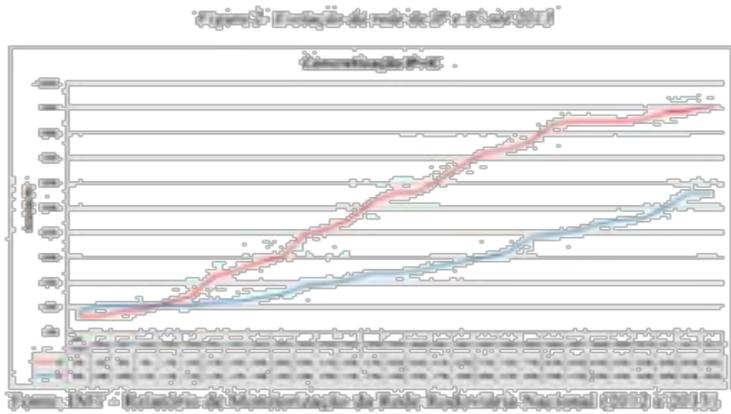
■ **Rede Nacional Fundamental** – integra os Itinerários Principais (IP)

■ **Rede Nacional Complementar** – formada pelos Itinerários Complementares (IC) e pelas Estradas Nacionais (EN)

• Itinerários Principais (IP) – vias de comunicação estruturantes que asseguram as ligações entre os centros urbanos com influência supradistrital e desde com as principais portos, aeroportos e fronteiras.

• Itinerários Complementares (IC) e Estradas Nacionais (EN) – vias que estabelecem as ligações de maior interesse regional e incluem as principais vias envolventes de acesso às Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto.





Rede de Auto-Estradas de Portugal

A organização das sociedades na Europa que impôs em grande parte a necessidade das capacidades e possibilidades dos sistemas de transporte de que dispõem e de modo como se situam... são por isso elementos fundamentais na estruturação da forma como se individualizam as sociedades no organismo urbano (Aguirre, 2001)

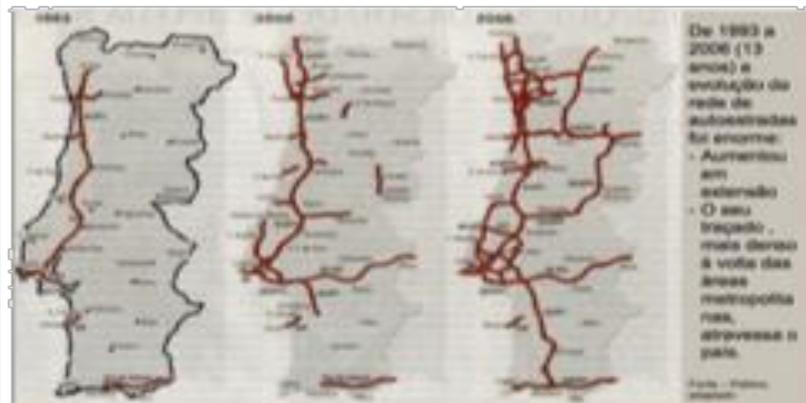
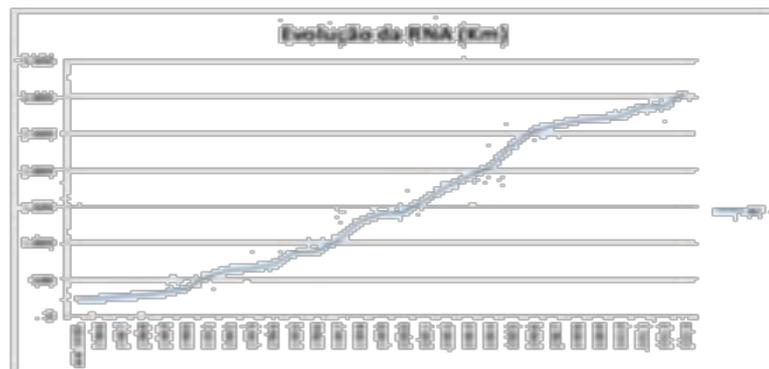
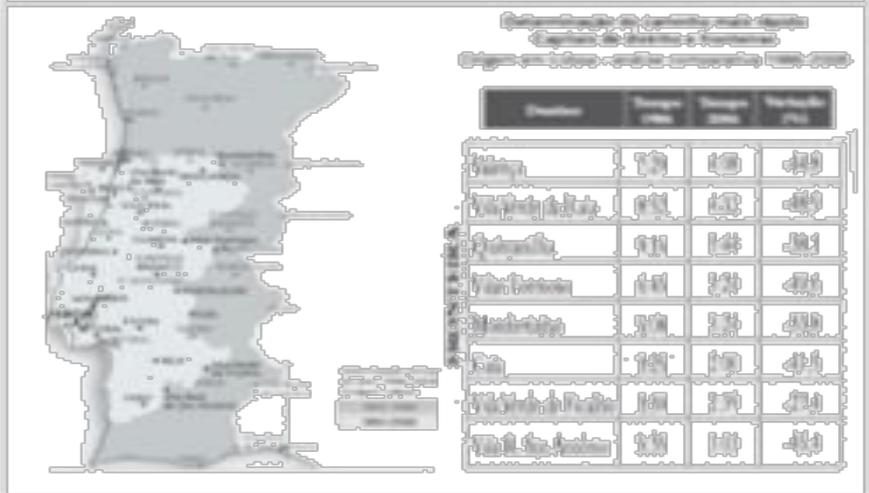


Figura 3. Evolução da Rede Nacional de Autoestradas em 2013



Fonte: MTR - Relatório de Administração da Rede Rodoviária Nacional (2012) e 2013



A evolução da RNA 1990 e RNA 2000 é refletida na percepção de construir um conjunto de vias que unissem as principais cidades do país, de ligar o litoral com o interior, de ligar a maior cidade e de assegurar ainda uma ligação às principais zonas, aeroportos e fronteiras.

O desenvolvimento de três nodos de um eixo entre um dos principais centros de estrutura de distribuição, é um desafio para uma estratégia sustentável e para a competitividade internacional, da economia e do território.

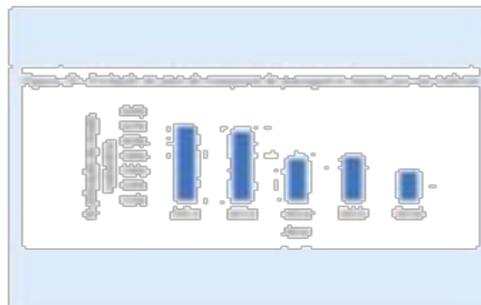
Entre os pontos que afetam os os sistemas de transporte é a integração global da rede nacional.

MODO RODOVIÁRIO

- O transporte por modo rodoviário é o mais utilizado, seja para transportar passageiros e mercadorias, e o mais rápido e barato, sendo o modo que assegura porta-a-porta. O índice é limitado em distâncias curtas, com limite máximo usual de 500 Km (Bianchi, 2005).

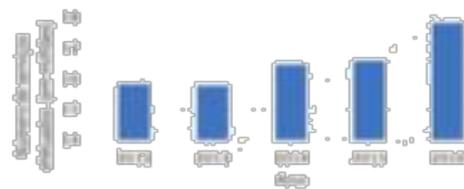


PESO DO MODO RODOVIÁRIO NO TRANSPORTE DE PASSAGEIROS



Os passageiros continuam a preferir o modo rodoviário, porém, em forma preferencial de se deslocarem em território nacional.

Figura 11 - Evolução do volume de transporte em toneladas

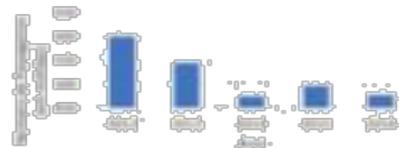


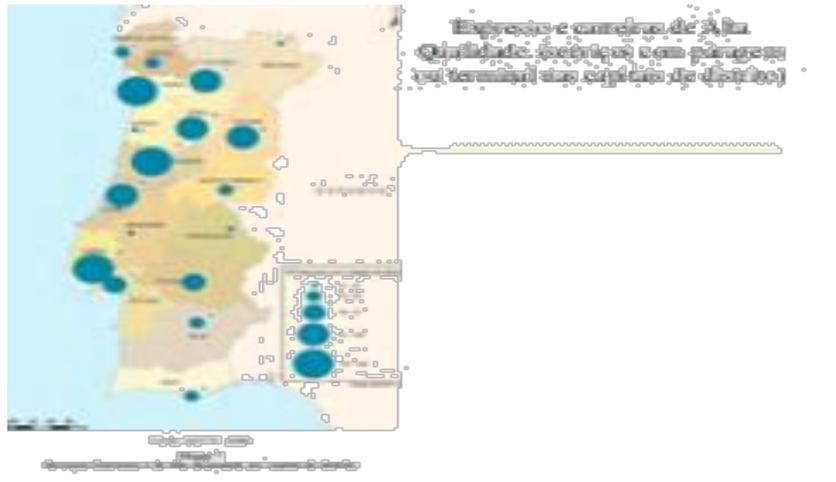
verificou-se um aumento de quase 1 milhão de toneladas de transporte rodoviário de passageiros.

Fonte: IBGE (2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006)

Figura 12 - Evolução do volume de transporte rodoviário de passageiros

Métricas com tendência de aumento no número de passageiros transportados





Transporte interno

- 2006) el nivel de producción era 52,9% el nivel de la producción de la industria del transporte
- 251,8 mil toneladas de ferrocarril en operación
- 53,2% fueron con capacidad de 50 toneladas

Figura 11. Evolución de la producción de transporte y nivel de operación por estado

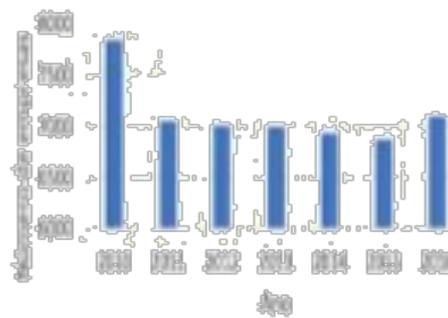
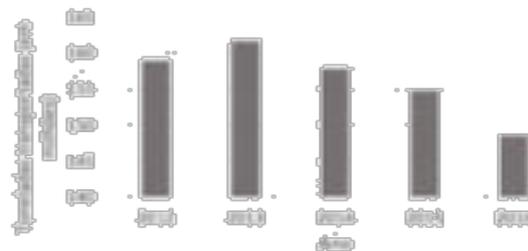
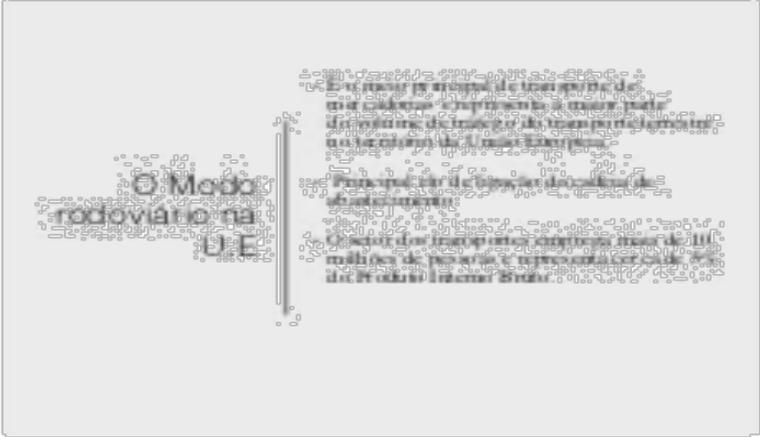


Figura 12. Evolución de la producción de transporte, por el volumen en toneladas de operación



Este índice de producción de transporte y nivel de operación por estado de transporte, pueden estar directamente relacionados a una eventual caída de algunas de las matrices utilizadas, como:



A redução do tempo de viagem é o objetivo principal.

• A alta frequência de serviços internacionais de transporte rodoviário de mercadorias.

• Os transportadores são obrigados a transportar as mercadorias para poder ter acesso ao mercado de países para, em função da limitação de capacidade do tráfego.

- ▶ Grande flexibilidade de horários e itinerários.
- ▶ Circulação de mercadorias e pessoas
- ▶ Entrega porta a porta.
- ▶ Atendimento de embarques urgentes
- ▶ Menores custos de embalagem.
- ▶ Manuseamento de pequenos lotes.
- ▶ Elevada cobertura geográfica.
- ▶ Competitivo sobretudo para curtas e médias distâncias;
- ▶ Beneficiando cada vez mais:
 - ▶ do aumento da velocidade e do conforto
 - ▶ da capacidade de carga (veículos longos - TIR).
 - ▶ de maior especialização

RODVIÁRIO - VANTAGENS

Transporte rodoviário: desvantagens

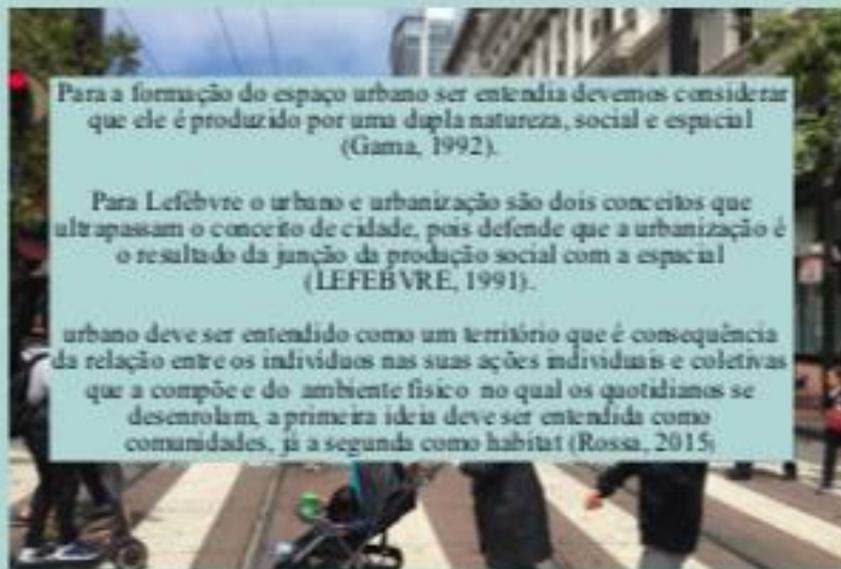
- ❑ Elevada sinistralidade;
- ❑ Dependência de infraestruturas ➡ grande ocupação de espaço pelas estradas e seus acessos;
- ❑ Congestionamento frequente nas horas de ponta.
- ❑ Mais caro em grandes distâncias.
- ❑ Gastos elevados de fontes energéticas fósseis.
- ❑ Fortemente poluente (poluição sonora e atmosférica);
- ❑ Forte contributo para o aumento da concentração de monóxido de carbono ➡ agravamento do "efeito de estufa"

9





O que é o espaço urbano:



“O processo de urbanização percorre diferentes geografias”

Diversas realidades, económicas, sociais, políticas e culturais (Gaspar, 2005).

Aderir ao urbano acarreta consigo, a modificação da forma de vida, de maneira profunda e complexa nas mudanças de comportamentos:
Novas formas de produção e de consumo.
Diferentes formas de residir e viver.
Alterações dos modelos do uso do tempo e do espaço.

Atualmente é de elevado grau de dificuldade a definir o que é o fenómeno urbano quer no âmbito morfológico, como na sua conceptualização (Beaujeu-Garnier, 1983).

“O fenómeno da urbanização é, hoje, avassalador” (Santos M., 1988)

No início do século XIX a população urbana era de apenas 1,7%.

2018 o número estimado é de 55,3% sendo que as projeções para 2030 sejam de 60% (United Nations, 2019).

“o que constituirá o confirmar da condenação definitiva da humanidade à situação urbana”

2000 existiam 371 cidades com um milhão de habitantes ou mais.

Em 2018 o número de cidades com pelo menos 1 milhão de habitantes aumentou para 548 (United Nations, 2019)

2008 mais 50% da população mundial se tornou urbanizada, mesmo embora quase 14 resida em favelas.

Irá ser mais 2,5 bilhões de pessoas a viver nas mesmas áreas urbanas que já existem hoje.

A QUALIDADE DE VIDA URBANA DEPENDE DE CONDIÇÕES...

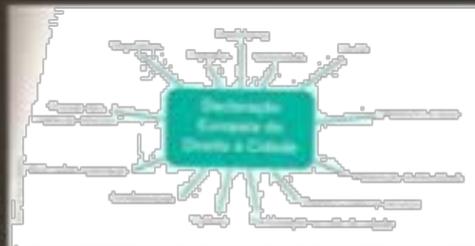
AMBIENTAIS	MATERIAIS COLETIVAS	ECONÓMICAS	SOCIAIS
Indicadores Espaços verdes Ruído Clima Qualidade do ar Resíduos	Indicadores Equipamentos culturais, desportivos, educativos, sociais e de saúde Mobilidade Comércio e serviços	Indicadores Rendimento e consumo Mercado de trabalho Mercado de habitação Dinamismo económico	Indicadores População Educação Dinâmica cultural Saúde Segurança Problemas sociais



PROBLEMAS URBANOS

Questões urbanísticas e ambientais

Declaração Europeia de
Direitos à Cidade
(Comitê
Europeu 1988) - Cidades
justas, democráticas,
sustentáveis e humanas



Alguns direitos proclamados na Declaração Europeia de
Direitos à Cidade

Nota:

Times é a melhor cidade para viver (TAP) - <http://www.times.com/uk/2016/02/20/>



Os problemas urbanos

O crescimento urbano nem sempre se faz acompanhar pelo igual aumento dos respetivos serviços e infraestruturas.

Desajuste entre as necessidades dos cidadãos e o conjunto de instalações e equipamentos.

Quando uma cidade é desigual, alguns cidadãos têm, em detrimento de outros, mais ou melhor acesso a determinados bens essenciais que se afiguram básicos para o bem-estar individual e coletivo.

O que resulta num conjunto de problemas, sócio-espaciais, urbanísticos e ambientais.

Saturação das infraestruturas



O crescimento contínuo da população conduz, a uma saturação de espaço e à incapacidade de resposta das infraestruturas e serviços:

As redes de transportes, saneamento água e energia;

Tribunais, finanças, escolas, hospitais, centros de apoio à infância e idosos, entre outros



Congestionamento de Trânsito

"Os lisboetas têm duas alternativas: ou pagam 1.500€ de multa por um TI ou passam a montar fora da cidade. E qual é o problema de fazer vários quilómetros diariamente? O trânsito, pois claro. A Câmara Municipal de Lisboa pôs mãos à obra e criou uma ferramenta que quer a ajudar os lisboetas – e todos os outros – a fazer o seu caminho pelas ruas da cidade no menor tempo possível."



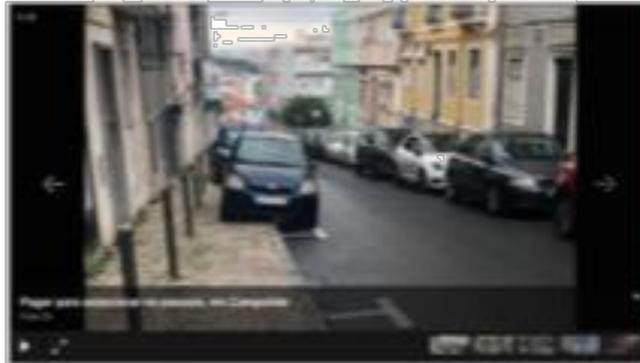
TomTom Traffic Index - a tool for real-time traffic information. It provides a clear and concise overview of traffic conditions in your area. The app is available for free on the App Store and Google Play.



TomTom Traffic Index - a tool for real-time traffic information. It provides a clear and concise overview of traffic conditions in your area. The app is available for free on the App Store and Google Play.

Dificuldades de estacionamento

Em Lisboa, condutores pagam para estacionar em cima do passeio



Três meses de campanha em Lisboa para fazer com que os condutores paguem para estacionar em cima do passeio. O objetivo é melhorar a circulação de veículos e a segurança dos pedestres.

2019 no Metro de Lisboa: 365 dias, 356 perturbações

por António Sérgio



O Metro de Lisboa passou 2019 com 365 dias e 356 perturbações em 2019, o que representa um aumento de 10% em relação ao ano anterior. O aumento de perturbações deve-se sobretudo à alteração da rede de linhas e à implementação de novos serviços, bem como à manutenção das linhas e à melhoria da segurança.

PORTUGAL

Bem vindo à Loja do Cidadão: 22 horas de espera

Problemas urbanísticos: O problema da habitação, degradação dos edifícios e o défice Habitacional

Portugal, até meados do século XX, era essencialmente um país rural. Em 1950, 64,5% da população vivia fora de centros urbanos com mais de 10 mil habitantes.

EM 1960, Portugal, juntamente com o Reino Unido e os Países Nórdicos, funda a **EFTA – European Free Trade Association**.

1963, a produção industrial tinha ultrapassado, pela primeira vez na história, a produção agrícola.

A área metropolitana de Lisboa cresce semivelmente 2% ao ano (...) no século XX não há conhecimento de países europeus em que as áreas metropolitanas tenham crescido tão rapidamente em 20 anos". *O que originou um défice habitacional e a sobrelotação dos edifícios (visível pelo seu crescimento vertical)*

a solução que a população encontrou foi: barracas para um lado, para aqueles que eram muito pobres, e para quem ainda tinha alguma coisa, o clandestino"

O clandestino, que "é uma construção em terreno não urbanizado e de uma forma ilegal"

Área Metropolitana de Lisboa ainda tem 1713 áreas urbanas ilegais



Consequências:

Condições de vida afectadas pela:

Ausência de planeamento.

Falta de espaços verdes

Falta de áreas apropriadas para o comércio e serviços, locais de estacionamento, equipamentos colectivos etc.

Nos bairros de lata, são formados bolsas de habitação precária onde associam a pobreza e a marginalidade.

Ausência de infra-estruturas básicas e a falta de arruamentos pavimentados.

Nas áreas mais antigas das cidades existe o problema de muitos edifícios estarem degradados

Ausencia de espaços verdes

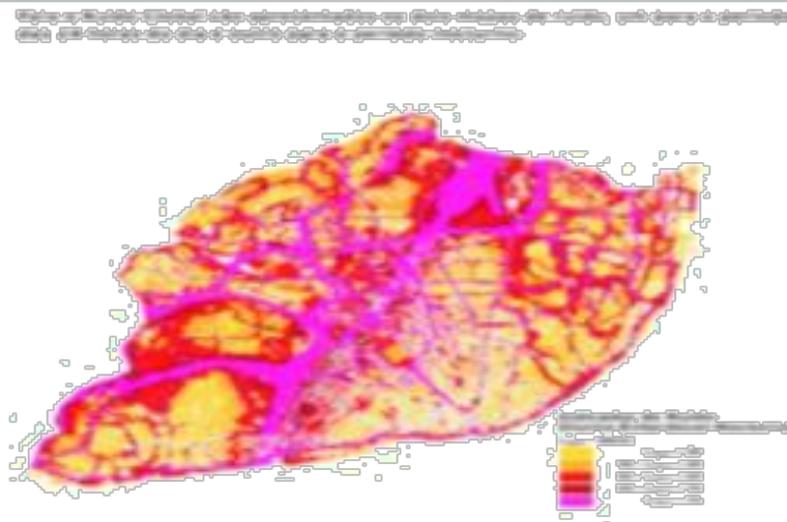
Função Ambiental:
promoção da biodiversidade
regularização climática, purificação atmosférica e diminuição dos gastos energético

Função Social:
Áreas de lazer e socialização, contribuir para a valorização estética e cultura

Função Económica:
paisagens atrativas, que aumentem a afluência a estes locais, contribuindo para a sua promoção enquanto destinos turísticos, gerando receitas e postos de emprego

Promove o equilíbrio urbano

Poluição sonora



PLANO DE AÇÃO DO RUÍDO POR APROVAR, MAIS DE 57 MIL LISBOETAS AFETADOS

ENTRESSO

A Agência Portuguesa do Ambiente afirma que “uma de cada dez da população residente em Portugal continental está exposta a níveis sonoros que induzem perturbações no sono” e “17% está exposta a níveis superiores a incómodidade moderada”. De acordo, foram com base nos mapas estratégicos de ruído de sete das mais populosas municípios portuguesas — Lisboa, Porto, Braga, Oliveira, Aveiro e Matosinhos — indicados que parte de dois milhões de pessoas são potencialmente vítimas de poluição sonora acima de 55 decibéis, o limite estabelecido pela Organização Mundial de Saúde durante o período de descanso noturno. O barulho tem origem sobretudo nos principais eixos de tráfego rodoviário, ferroviário, de descolagem e aterragem de aviões.

Nível de ruído dos aviões sobre Lisboa “é quase quatro vezes mais do que o previsto na lei”

Metro de Lisboa tem níveis de ruído que podem afetar saúde dos passageiros

De acordo com o Plano de Ação do Ruído, os níveis de ruído gerados pelo Metro de Lisboa são superiores aos previstos na legislação nacional.

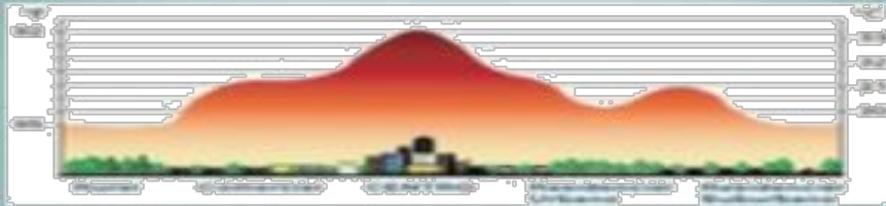
Poluição atmosférica

A poluição atmosférica refere-se a mudanças na atmosfera susceptíveis de causar impacto a nível ambiental ou de saúde humana, através da contaminação por gases, partículas sólidas, líquidas em suspensão, material biológico ou energia.

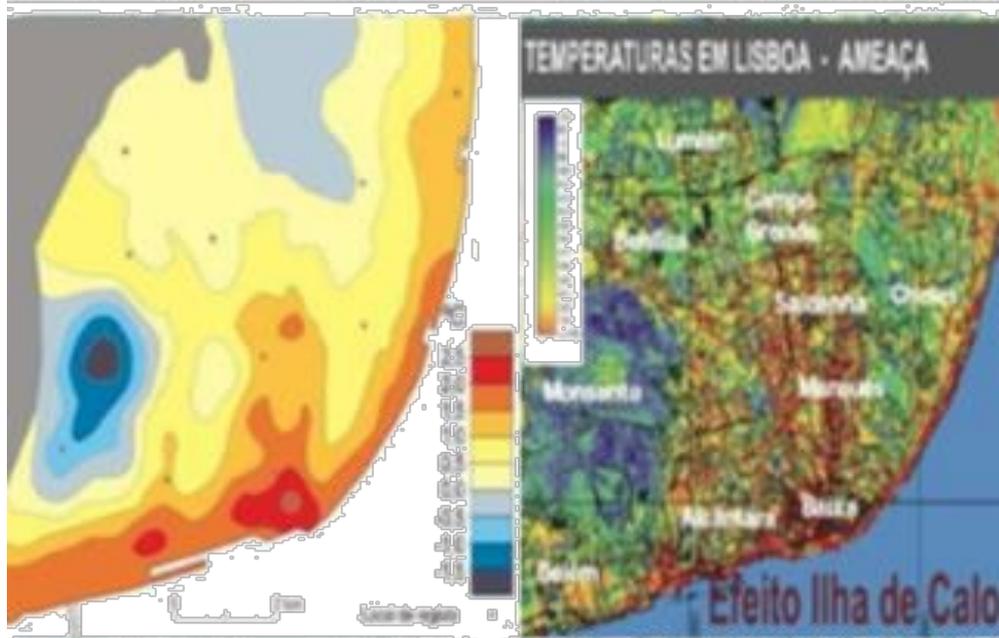
Questão de saúde pública:

- . Aumento dos casos de asma, rinites, cancro, ...
- . Perda de produtividade

ILHA DE CALOR
É o nome que se dá para o aquecimento climático maior das áreas urbanas em relação às áreas rurais vizinhas.



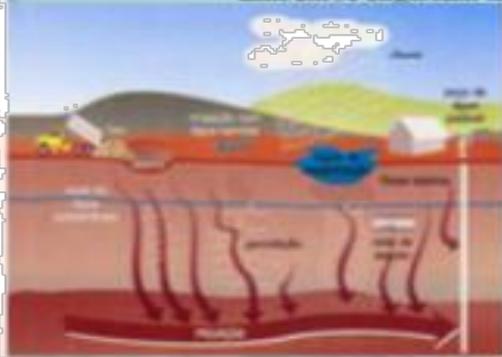
A diminuição da velocidade do vento regional (provocado pela rugosidade), a poluição, a libertação de calor antrópico, a impermeabilização dos solos urbanos e a escassez de vegetação,



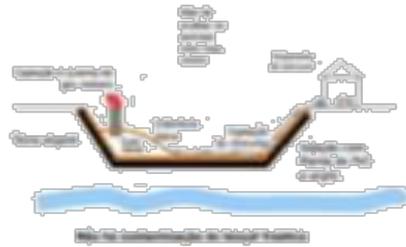
Produção de resíduos

Resíduos Sólidos Urbanos

Os resíduos sólidos urbanos (RSU) são aqueles que se geram na nossa actividade de cidadãos, nas nossas habitações, zonas de lazer ou outras, motivo pelo qual também são conhecidos por resíduos domésticos ou equiparados. Os resíduos provenientes de pequenos comércio e indústrias, desde que tenham a mesma natureza dos resíduos urbanos e uma produção inferior a 1.100 litros por dia, também se enquadram nesta classe de resíduos.



Aterro Sanitário



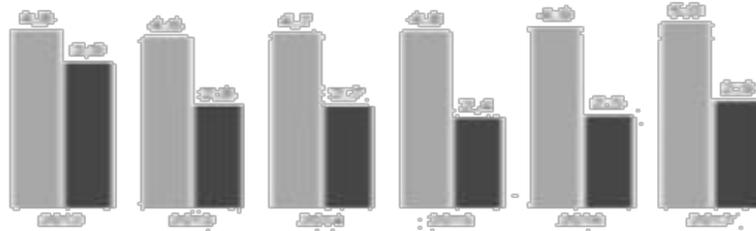
Estatísticas abstratas do recurso a aterro

Os dados apresentados aqui referem-se ao recurso a aterro sanitário para resíduos sólidos urbanos (RSU) em Portugal, em comparação com a União Europeia (UE). Os dados são apresentados em termos de toneladas por habitante e ano (t/hab/ano).

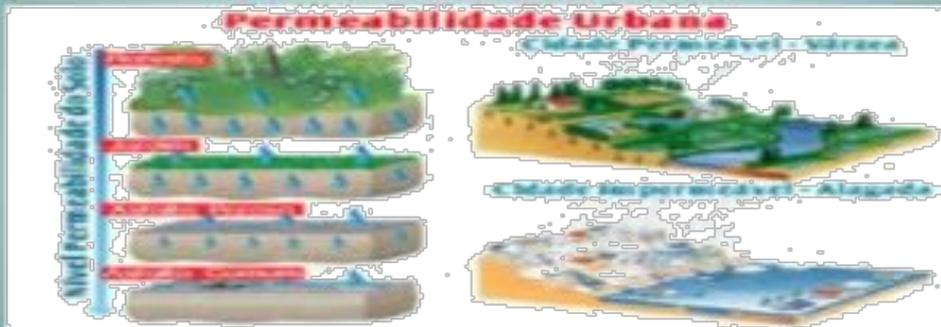
(Fontes: Agência Portuguesa do Ambiente, Agência Europeia de Ambiente)

Comparação de Portugal

● Portugal (média) ● União Europeia (média)



A impermeabilização dos solos é a perda ou retirada da capacidade do solo de absorver água.



Processos de asfaltamento, calçamento de ruas e calçadas são exemplos de ações que impermeabilizam o solo.



Pobreza e exclusão social

"o termo 'pobreza' não só implica um estado de como também um modo de vida"

A questão da pobreza constitui historicamente parte da trajetória social das cidades



Fonte: História das Cidades do Brasil

13 - População pobre em Londres - Inglaterra no século XIX

"A urbanização galopante é acompanhada pela expansão, a um ritmo igual da expansão da pobreza..."

Principais afetados da pobreza urbana

Idosos com baixas pensões de reforma.
Trabalhadores de empregos mal remunerados
Desempregados de longa duração
Grupos étnicos e culturais minoritários
Famílias monoparentais, na sua maioria femininas
Sem-abrigo
Grupos de risco

A segregação socio espacial

"Na dimensão territorial, a pobreza urbana expressa-se na **segregação espacial dos mais pobres nas periferias**, que são caracterizadas pela baixa oferta de serviços públicos e ausência de infra-estrutura básicas."

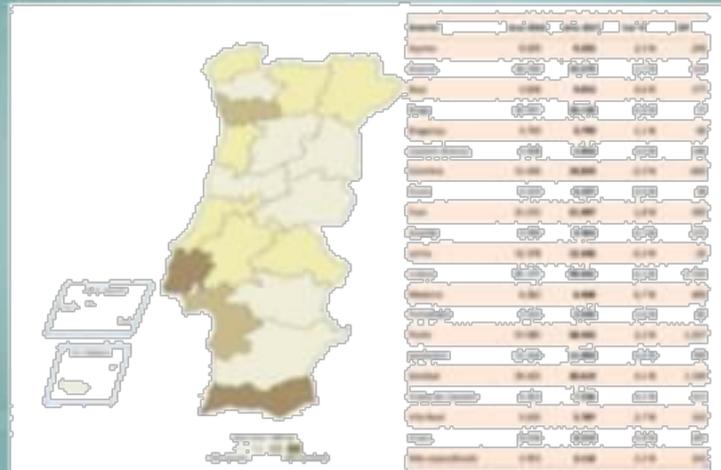


SEGREGAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO ESPACIAL

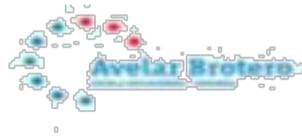
A segregação - tanto social quanto espacial - é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam culturalmente e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade.

CASTELLS, 1994, p. 277.

Insegurança e criminalidade



Fonte: Estatísticas gerais de Brasil, 2010-2012



Professor Englebert; Vitor Vilas Boas
Programa Nacional de Geografia A
Janeiro de 2020

Planificação a Médio e Curto Prazo.

Tema: Os espaços organizados pela população.
Unidade didática: As áreas urbanas dinâmicas internas.
Subunidade didática: Problemas urbanos. As questões urbanísticas e ambientais. As condições de vida urbana.





Finalidade educativa:
Sadentar que o excessivo crescimento das aglomerações urbanas não permite ajustar as infra-estruturas urbanas às necessidades da população.
No setor da habitação.
Na construção das infra-estruturas físicas.
Na dificuldade de acesso a infra-estruturas sociais.
Refletir sobre os efeitos ambientais negativos das elevadas concentrações populacionais.
Refletir sobre o problema do desemprego e as suas consequências.
Outros problemas, de origem mais individual.

Exemplos:

Migração pendular; Área metropolitana; Área periurbana; Área suburbana CBD/ Baixa, Centro urbano/cidade; Concentração urbana; Descentralização; Desconcentração; Diferenciação funcional; Diferenciação social; Espaço urbano; Especulação imobiliária; Expansão urbana; Fator de localização; Função urbana; Migração pendular; Ordenamento territorial; Planeamento territorial; Gentrificação; Periferia. Léo urbano

Termos/conceitos novos:

Segregação funcional; Segregação social; fragmentação do espaço urbano; ecologia urbana; ilha de calor urbano; micro-clima habitacional; bolhas de habitação precária; impermeabilização do solo; política urbana; Síndrome das Esfinges Deontol; saturação das infraestruturas, infra-estrutura verde; conflitos urbanos; valorização do espaço usado; especulação imobiliária; sustentabilidade; lixo urbano; ausência de espaços públicos; vulnerabilidade; segregação geográfica; desemprego; envelhecimento urbano.

Nível de abordagem

salientar que o excessivo crescimento das aglomerações urbanas não permite ajustar as infra-estruturas urbanas às necessidades da população.
No sector da habitação.
Na saturação das infra-estruturas físicas.
Na dificuldade de acesso a infra-estruturas sociais.
Refletir sobre os efeitos ambientais nefastos das elevadas concentrações populacionais.
Refletir sobre o problema do desemprego e as suas consequências.
Outros problemas, de ordem mais individual.

Objetivos

Definir modo de vida urbano.
Compreender o significado do conceito de praço ambiental.
Conhecer as principais características dos problemas ambientais que afetam o espaço urbano: Poluição atmosférica; Ilhas de calor; poluição sonora; poluição de resíduos sólidos; redução de espaços verdes, rios e de cheias.
Compreender os motivos e as consequências da situação das infra-estruturas físicas e sociais.
Identificar os diferentes tipos de problemas no que diz respeito à habitação urbana.
Relacionar os problemas da habitação e da habitabilidade com as desigualdades socio-económicas.
Explicar que a expansão urbana, fomenta diferentes problemas sociais relacionados com a solidão, abandono e anonimato.
Deduzir como o desemprego pode contribuir para o acentuar dos problemas urbanos, nomeadamente no que diz respeito ao aumento da pobreza, da criminalidade, na exclusão territorial e social.
Estabelece a relação de como o modo de vida urbano com (intensificação nos indivíduos que habitam territórios suburbanos) a ocorrência de problemas emocionais e psicológicos e do sistema nervoso; resultado do stress provocado pelas distorções

<p>parques cada vez mais distantes e da preocupação relacionada com o cumprimento dos horários.</p>
<p>Reconhecer que a falta de espaços verdes contribui para o aumento de problemas de bem-estar visual, ambiental, de lazer e convivência entre população e do direito a beneficiar do espaço público.</p>
<p>Regular situações onde a paisagem urbana é desvirtuada na sua qualidade estética através de pequenos ajustes.</p>
<p>Descodificar problemas urbanos, através da interpretação de letras das câmaras que abordam diretamente e indiretamente o tema.</p>

Bibliografia:

(s.d.).

Ana Grátia Fernandes, M. D. (2018). *Relatório do Estado do Ambiente 2018*. Lisboa: Agência Portuguesa do Ambiente.

Béaujeu-Garrit, I. (1983). *Geografia Urbana*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Brito, D. G. (2018). TRABALHANDO A PROBLEMATICA AMBIENTAL URBANA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: experiência com vídeos e maquetes em escola pública de Campinas Grande/PB. *Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas*, v. 8, n. 15, 279-299.

Carreira, M. (2017). INTEGRAÇÃO SOCIOESPACIAL DOS BAIRROS DE HABITAÇÃO SOCIAL NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA: EVIDÊNCIAS DE MICRO SÉGREGAÇÃO. *Finisterra, LIII*, 107, 67-85.

Costa, A. A. (2003). CRESCIMENTO URBANO E PROBLEMAS SOCIOESPACIAIS: UM ESTUDO DA PERIFERIA DE NATAL. *Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 02, número 01*.

Domingues, A. (1994/5). {Subúrbios e {suburbanos - o mal-estar da periferia ou a mitificação dos conceitos?*. *Revista da Faculdade de Letras — Geografia I Série, Vol. XX*, 5-18.

Anexo D Planificação das aulas sobre os problemas urbanos



Professor Estagiário: Vítor Vilas Boas
Programa Nacional de Geografia A
Janeiro de 2020

Planificação a Médio e Curto Prazo.

Tema: Os espaços organizados pela população.
Unidade didática: As áreas urbanas dinâmicas Internas.
Subunidade didática: Problemas urbanos. As questões urbanísticas e ambientais. As condições de vida urbana.





Finalidade educativa:
Sensibilizar que o excessivo crescimento das aglomerações urbanas não permite ajustar as infra-estruturas urbanas às necessidades da população.
No sector da habitação.
Na construção das infra-estruturas físicas.
Na dificuldade de acesso a infra-estruturas sociais.
Refletir sobre os efeitos ambientais negativos das elevadas concentrações populacionais.
Refletir sobre o problema do desemprego e as suas consequências.
Outros problemas, de ordem mais individual.

Exemplos:

Migração pendular; Área metropolitana; Área periurbana; Área suburbana CHD/ Baixa; Centro urbano/cidade; Concentração urbana; Desconcentração; Desconcentração; Diferenciação funcional; Diferenciação social; Espaço urbano; Especulação imobiliária; Expansão urbana; Fator de localização; Pingo urbano; Migração pendular; Ordenamento territorial; Planeamento territorial; Gentrificação; Periferia; Lixo urbano
--

Termos/conceitos novos:

Segregação funcional; Segregação social; fragmentação do espaço urbano; ecologia urbana; ilha de calor urbano; micro-clima habitacional; bolhas de habitação precária; impermeabilização do solo; pobreza urbana; Síndrome dos Edifícios Doentes; saturação das infraestruturas, infra-estrutura verde; conflitos urbanos; valorização do espaço usado; especulação imobiliária; sustentabilidade; lixo urbano; ausência de espaços públicos; vulnerabilidade; segregação geográfica; desemprego; envelhecimento urbano.
--

Nível de abordagem

salientar que o excessivo crescimento das aglomerações urbanas não permite ajustar as infra-estruturas urbanas às necessidades da população.
No sector da habitação.
Na saturação das infra-estruturas físicas.
Na dificuldade de acesso a infra-estruturas sociais.
Refletir sobre os efeitos ambientais nefastos das elevadas concentrações populacionais.
Refletir sobre o problema do desemprego e as suas consequências.
Outros problemas, de ordem mais individual.

Objetivos

Definir modo de vida urbano.
Compreender o significado do conceito de pressão ambiental.
Conhecer as principais características dos problemas ambientais que afetam o espaço urbano: poluição atmosférica; ilhas de calor; poluição sonora; poluição de resíduos sólidos; redução de espaços verdes, rios e de cheias.
Compreender os motivos e as consequências da saturação das infra-estruturas físicas e sociais.
Identificar os diferentes tipos de problemas no que diz respeito à habitação urbana.
Relacionar os problemas da habitação e da habitabilidade com as desigualdades socio-económicas.
Explicar que a expansão urbana, fomenta diferentes problemas sociais relacionados com a solidão, abandono e anonimato.
Deixar claro como o desemprego pode contribuir para o acentuar dos problemas urbanos, nomeadamente no que diz respeito ao aumento da pobreza, da criminalidade, na exclusão territorial e social.
Estabelece a relação de como o modo de vida urbano com (intensificação nos indivíduos que habitam territórios suburbanos) a ocorrência de problemas emocionais e psicológicos e do sistema nervoso, resultado do stress provocado pelas deslocações

<p>parques cada vez mais distantes e da preocupação relacionada com o cumprimento dos horários.</p>
<p>Reconhecer que a falta de espaços verdes contribui para o aumento de problemas de bem-estar visual, ambiental, de lazer e convivência entre população e do direito a beneficiar do espaço público.</p>
<p>Regular situações onde a paisagem urbana é desvirtuada na sua qualidade estética através de ruínas agressivas.</p>
<p>Descodificar problemas urbanos, através da interpretação de letras das câmaras que abordam diretamente e indiretamente o tema.</p>

Bibliografia:

{s.d.}

Ana Grátia Fernandes, M. D. (2018). *Relatório do Estado do Ambiente 2018*. Lisboa: Agência Portuguesa do Ambiente .

Bedejey-Garrit, I. (1983). *Geografia Urbana*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Brito, D. G. (2018). TRABALHANDO A PROBLEMATICA AMBIENTAL URBANA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: experiência com vídeos e maquetes em escola pública de Campina Grande/PB. *Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas*, v. 8, n. 15, 279-299.

Carreira, M. (2017). INTEGRAÇÃO SOCIOESPACIAL DOS BAIRROS DE HABITAÇÃO SOCIAL NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA: EVIDÊNCIAS DE MICRO SÉGREGAÇÃO. *Finisterra, LIII*, 107, 67-85.

Costa, A. A. (2003). CRESCIMENTO URBANO E PROBLEMAS SOCIOESPACIAIS: UM ESTUDO DA PERIFERIA DE NATAL. *Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 02, número 01*.

Domingues, A. (1994/5). {Subúrbios e {suburbanos - o mal-estar da periferia ou a mitificação dos conceitos?*. *Revista da Faculdade de Letras — Geografia I Série, Vol. XX*, 5-18.

- Esteves, A. (1997). *A criminalidade em Lisboa. Uma geografia da insegurança*. Lisboa: FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE LISBOA.
- Europa, C. (2012). *Orientações sobre as melhores práticas para limitar, atenuar ou compensar a impermeabilização dos solos*. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- FONSECA, P. R.; & FRÂNÇA, S. L. (2001). O CRESCIMENTO URBANO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA RECONFIGURAÇÃO DO BAIRRO DE CAMPO GRANDE, RIO DE JANEIRO. *RDE - REVISTA DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO*, n.º 24.
- Gama, A. (1992). Urbanização difusa e Territorialidade Local. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº34, 161-171.
- Gaspar, J. (2005). *Cidade e Urbanização no virar do milénio. Em Homenaje a Joaquín González Melín*. León: Departamento de Geografía, Universidad de León.
- GODOY, M. L. (2009). *A música, o ensino e a geografia*.
- Harvey, D. (1977). *URBANISMO Y DESIGUALDAD SOCIAL*. España: Siglo XXI Editorés, S. A.
- LEFEBVRE, H. (1991). *The Production of Space*. Blackwell Oxford UK & Cambridge USA.
- União, E. (1999). *Reflexões sobre o Espaço, o Urbano e a Urbanizaç*. Universidade Federal Fluminense.
- Lopes, A. (2006). *O SOBREAQUECIMENTO DAS CIDADES CAUSAS E MEDIDAS PARA A MITIGAÇÃO DA ILHA DE CALOR DE LISBOA*. *RISQDS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança*.
- Marinheiro, D. E., & Pereira, A. L. (2019). *Benefícios da implantação da música em sala de aula*. Editora *realize*.
- Pinheiro, E. A., & Mença, B. a. (2004). O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. *Caderno de Geografia, Belo Horizonte*, v.14, n. 23, 2o sem, 103-111.
- Rossa, W. (2015). Urbanismo ou o discurso da cidade. Em W. Rossa, & M. C. Ribeiro, *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar* (pp. 477-513). Imprensa da Universidade de Coimbra; Fundação Calouste Gulbenkian; Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Santos, M. (1988). *METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. (1988). *Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia*. São Paulo : Hucitec.
- SANTOS, M. (2009). *Pobreza urbana I*. São Paulo: EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.
- Silva, J. F. (2014). *CONTRIBUTO DOS ESPAÇOS VERDES PARA O BEM-ESTAR DAS POPULAÇÕES ESTUDO DE CASO EM VILA REAL*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- United Nations, D. a. (13 de Novembro de 2019). *The World's Cities in 2018. Data Booklet*.
- Vaz, A. M., Barros, C. F., & Fernandes, J. L. (2011/2012). A percepção da insegurança na cidade de Coimbra. *Cadernos de Geografia* n.º 30/31, 181-192.



Professor Estagiário: Vítor Vilas Boas
Geografia A 11º Ano
Janeiro de 2020



PLANIFICAÇÃO A MÉDIO E CURTO PRAZO

Tema: A população, como se movimenta e comunica
Unidade Didática: A distribuição espacial das redes de transporte A inserção nas redes transeuropeias

Tempos letivos: 4 x 50 min.

Finalidade educativa: Pretende-se que se estudem os diferentes modos de transporte – rodoviário ferroviário , evidenciando as vantagens e as desvantagens de cada um deles. Estas devem ser devidamente equacionadas no sentido da escolha mais eficaz, em cada caso, do modo de transporte ou da integração de modos de transporte diferentes numa mesma viagem, salientando que a aposta no transporte multimodal, suportado por uma eficiente logística, se traduz num aumento de competitividade.
--



Termos/conceitos novos: Barreira; ~~Distância-custo~~ Distância relativa Distância-tempo, multimodal, Logística, Modo de transporte, atrito, multimodal, intermodalidade, Acessibilidades, Transbordo, logística, Rede transeuropeia de Transporte, Rede ferroviária; Rede ferroviária; Modo ferroviário, Modo rodoviário, Bitola, Desigualdade de redes, Compressão do espaço tempo, Via Eletrificada, Serviços de mercadorias, Serviços de passageiros, Corredores ferroviários, Corredores rodoviários, Rede principal, Rede complementar, Rede secundária, linha ferroviária, Plano Rodoviário nacional, Rede nacional complementar, Rede nacional fundamental, Itinerário principal, Itinerário complementar, Estradas nacionais, Rede de auto-estradas, Rede rodoviária, Rede ferroviária, Diversidade modal, Transporte, Nó, ~~Vértice~~ Terminal, Ecopista.

Objetivos Específicos:

Relacionar o encurtamento das distâncias com o desenvolvimento dos transportes.

Relacionar a dinamização das atividades económicas com o desenvolvimento dos transportes.

Comparar as vantagens e as desvantagens dos diferentes modos de transporte em Portugal;

Conhecer a distribuição espacial das redes de transporte no território português;

Discutir a inserção das redes de transporte nacionais nas redes europeias;

Equacionar as questões da segurança, do ambiente e da saúde resultantes do uso dos diferentes modos de transporte.

Referir as vantagens do uso do transporte multimodal;

Conhecer a distribuição espacial das redes de comunicação no território português.

Relacionar o aumento de relações espaciais e pessoais com a modernização dos transportes e das comunicações.

Compreender a importância das redes de transporte portuguesas.



Nível de abordagem:

Analisar a distribuição espacial das redes de transporte no território nacional salientando os contrastes territoriais da sua implantação.

Reflexão sobre as decisões políticas tomadas nos últimos anos no sector dos transportes e da energia e inseridas nomeadamente na PGT, no PRN, no PFN, quer no que respeita aos modos de transporte privilegiados em termos de investimento, quer à localização geográfica preferencial desses investimentos, da localização geográfica das áreas de origem e ao traçado das redes:

Enfatizar a necessidade de conexão das redes de transporte nacionais e a sua inserção nas redes europeias, nomeadamente a Ibérica.

PLANIFICAÇÃO A CURTO PRAZO

Lição nº

Sumário: A rede de transporte ferroviário (passado presente e futuro).

O impacto territorial, económico e social do Modo Ferroviário.

Introdução ao modo rodoviário.

Experiências Educativas:

- Projeção do sumário no quadro.
- Definição de transporte.
- Análise das diferentes redes de transporte à escala mundial.
- A constituição de redes de transportes, linhas ou vértices pontos e nós.
- Demonstrar que os transportes, da comunicação de dos territórios são organizados por redes.
- Explicar as funções das redes ao nível político, económico e social.
- Introdução do modo ferroviário em Portugal.
- Análise da evolução da rede ferroviária ao nível do tempo e do espaço.
- Elucidar sobre o contributo que modo ferroviário provocou ao nível do desenvolvimento social.
- Comparar densidade da rede ferroviária em 1953 com aos dias de hoje.
- Explicar alguns impactos sobre os territórios e as populações onde o modo ferroviário deixou de operar. (vídeo: para escute e olhe).
- O caso do ramal de Coimbra Lousã.

- A rede ferroviária portuguesa no século XXI, os resultados da falta de investimento.



- Visualização de imagens de património ferroviário abandonado.
- Ecopistas uma solução para requalificar algum do património ferroviário.
- O turismo como solução de revitalização de algumas vias.
- Ferrovia 2020, um novo folego para a ferrovia? (vídeo).
- Os números da rede Ferroviária, em via, em via eletrificada e estações (comparação com a média europeia). Os números de transportes de passageiros e mercadorias.
- Os diferentes corredores das redes.
- Os diferentes tipos de serviços de passageiros.
- As fronteiras como barreira à ferrovia.
- A bitola ibérica, Portugal como ilha ferroviária.
- A velocidade na europa e o eurotúnel como exemplo de infraestrutura ferroviária e superação de barreira física.
- A multimodalidade o caso do cartão "Andante".
- A intermodalidade em Portugal principais entraves no caso dos passageiros e das mercadorias. A estação do oriente, como infraestrutura intermodal.
- As vantagens e desvantagens do transporte ferroviário.



- Visualização de imagens de património ferroviário abandonado.
- Ecopistas uma solução para requalificar algum do património ferroviário.
- O turismo como solução de revitalização de algumas vias.
- Ferrovia 2020, um novo folego para a ferrovia? (vídeo).
- Os números da rede Ferroviária, em via, em via eletrificada e estações (comparação com a média europeia). Os números de transportes de passageiros e mercadorias.
- Os diferentes corredores das redes.
- Os diferentes tipos de serviços de passageiros.
- As fronteiras como barreira à ferrovia.
- A bitola ibérica, Portugal como ilha ferroviária.
- A velocidade na europa e o eurotúnel como exemplo de infraestrutura ferroviária e superação de barreira física.
- A multimodalidade o caso do cartão "Andante".
- A intermodalidade em Portugal principais entraves no caso dos passageiros e das mercadorias. A estação do oriente, como infraestrutura intermodal.
- As vantagens e desvantagens do transporte ferroviário.

Anexo F Planificação da visita de estudo ao Porto

	<p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ESCOLA SECUNDÁRIA DE AVELAR BROTERO ANO LETIVO 2019/2020</p>	
---	--	---



Atividade: Visita de Estudo ao Porto – Porto de Leixões e [Museu 222222](#)

Dia 2 de março de 2020

APRENDIZAGENS ESSENCIAIS

Geografia A

Analisar questões geograficamente relevantes do espaço português

- Avaliar a competitividade dos diferentes modos de transporte, de acordo com a finalidade, e o papel das redes de transporte e telecomunicações no desenvolvimento, a diferentes escalas de análise;
- Relacionar a organização espacial das principais redes de transporte com a distribuição da população e do tecido empresarial;
- Aplicar as TIG, para analisar as redes de transportes e telecomunicações.

Problematizar e debater as inter-relações no território português e com outros espaços

- Evidenciar a importância da inserção das redes de transporte nacionais nas redes europeias e transcontinentais, refletindo sobre a posição de Portugal no espaço europeu e Atlântico

Comunicar e participar

- Emitir opiniões sobre casos concretos da importância dos transportes e telecomunicações para a sustentabilidade da qualidade de vida das populações.

Economia A

Os agentes económicos e o circuito económico

- Identificar os diferentes agentes económicos.

As relações económicas com o Resto do Mundo

- Justificar a existência de uma diversidade de relações internacionais;
- Caracterizar as componentes da Balança corrente: bens, serviços, rendimento primário e rendimento secundário;
- Calcular e interpretar o saldo da Balança corrente e das respetivas componentes;
- Referir as componentes da Balança financeira;
- Caracterizar as políticas comerciais de livre-cambismo e de protecionismo.

Inglês

- Ética da produção e comercialização de bens.

Português

Filosofia

Anexo G Planificação da visita de estudo "Coimbra, um outro olhar"



Ministério da Educação e Ciência
Escola Secundária de Avelar Brotero
Ano letivo 2019/2020

Turmas do 11º 3ª e 3B

Visita de Estudo "Coimbra, um outro olhar"



Trabalho a desenvolver: Reportagem fotográfica

1. Recolha de fotografias

- 1.1 Identificação do local da fotografia
- 1.2 Legenda da fotografia
- 1.3 Texto sucinto de enquadramento na temática do Projeto
- 1.4 Leitura geográfica/cultural/económica/estética/atividade física

Programa:

Hora	Saída de Campo
09:20	Saída da Escola
10:00	Encontro no Largo D. Dinis
Duração 01:30	Itinerário: visita a pé desde a Alta até à Baixa de Coimbra (visita apenas aos exteriores dos edifícios), passando pelos pontos mais significativos da sociedade, cultura, arte, toponímia e etnografia coimbrã (Polo I da Universidade de Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro, Sé Nova, Repúblicas, Sé Velha, Quebra Costas e Arco de Almedina).
11:30	Cada Grupo, de acordo com o tema que se encontra a desenvolver, deslocar-se-á, com o professor/ps orientadores, aos locais em estudo para recolha de informação para realização de uma Reportagem Fotográfica.
13:00	Fim da visita de estudo.



FICHA DE TRABALHO "OS PROBLEMAS URBANOS"



1. Audição e leitura da canção.

Mais um dia mais um ônibus que eu peguei no Rio
Um ônibus tranquilo
Estava vazio
A cidade engarrafada como não podia deixar de ser
Viagem demorada
O que fazer?
Sem nenhuma mulher por perto pra bater um papo esperto
Resolvi escrever um rap a mais
Mas não estou bem certo sobre o que vou rimar
- Diz aí trocador.
(Ah sei lá)
Então eu vou no instinto pego um papel e lápis,
vê o que que dá
Foi nesse instante em que eu olhei pra janela
E que susto eu levei
Era ela
A inflação estampada na vitrine
Atingiu meu coração
E deu vontade de partir pro crime
Porque o que eu quero comprar já não dá mais
A não ser que eu faça como fez o Ferrabrás
(Quem?)
Então eu tento esquecer
Continuar a rimar
Mas o que eu vejo do outro lado é duro de acreditar
Mas é real
E a realidade dói demais
São dois mendigos se matando pelos restos mortais
De um cachorro qualquer que foi atropelado
E vai virar rango e se der
Talvez seja assado (Uma esses nojentos gostam disso?!)
- Não arrombado
Aquilo é um ser humano que chamaram de descamisado
Um desesperado
Um brasileiro como eu
Que deve sempre perguntar
(Será que existe mesmo Deus?)
Não é o Pensador que vai tentar responder
Eu continuo rimando tentando esquecer
Porque... Esse rap não é sobre nada especial
É o rap do 175 que eu peguei na central

(Quê que é isso? Quê que tá pegando? Quê que tá havendo?)
(É um assalto malandro! Será que você ainda não tá percebendo?)
O desespero do trabalhador começou
E eu também tentava esconder meu dinheiro
quando alguém falou
(Libera esse aí que é o Pensador mané!)
Mas eles eram meus fãs
Então levaram meu boné
(Autografado o Pensador se liga!)
Alguns acharam que eu era cúmplice
Quase deu briga
Mas a viagem prosseguiu
E os ladrões desceram
E aí a raiva é que subiu na cabeça dos passageiros
E o mais injuriado era um bigodado
Que tinha ganhado o salário e (Eles levaram tudo)
Entraram dois PMs pela porta da frente estufando o peito e olhando pra gente
Impondo respeito
Mas os ladrões já trouxam longe
Num tinha mais jeito
Pra priorar levaram o bigodado como suspeito -
Ele era preto
Coisas desse tipo é difícil esquecer
Mas eu vou continuar porque eu já disse a você que...
E eu percebi que o trocador ficou fazendo careta
Prum coroa que passou por debaixo da roleta
Era um senhor de óculos, barba branca...
Ei Peru! (Ei professor
O que que o senhor tá fazendo aqui?!
Quê que houve? Foi assaltado? Perdeu o dinheiro?)
- (Não... é sobrevivência... Eu já gastei o salário inteiro!) (sobrevivência totalmente dependente do trabalho)
Hum Mudei de assunto
Ele já tava encabulado
No meio do mês o salário dele já tinha acabado
Era o meu ex-professor da escola (Coitado)
Tá f... e mal pago
Daqui a pouco tá pedindo esmola
Ele é um mestre
Um baú de sabedoria
E num é o valor que um professor merecia
Profissional de primeira importância pro nosso

Chego em casa e ainda corrijo prova)
 Tchau professor - (Ficou Pensador).
 Destruí mais um trabalhador que tá fuma da
 hora: ~~mas~~
 E nós aqui estamos passando pelo bairro de São
 Conrado E como o tempo tá fechando eu tô
 ficando preocupado
 Ih! Cheveu! Pronto tudo alagado
 Uns vão nadando
 Outros morrendo afogados
 E enquanto na favela tem barateio ainda

 Não é que passa o Prefeito num láze sorrindo
 E se o nosso ex-presidente estivesse aqui
 Ele estaria certamente num bellissimo jet-ski
 Mas como nós não temos embarcação pra todo
 mundo
 Essa triste situação tá parecendo o fim do mundo
 Pra quem tá de carro
 Pra quem tá de ônibus
 Nessa Rio-Habilônis (espaço urbano)
 No Brasil de abandono

E enquanto os governantes vão bolando
 sorridentes
 Não temando
 Bola pra frente porque...
 E o pior de tudo é que nessa grande viagem
 Não disse do que aconteceu foi novidade
 E as autoridades estão desfeitando
 Pra que acontece no cidadão brasileiro no seu
 cotidiano
 Porque pra eles isso não é nada especial
 No dos outros é refresco
 Ninguém faz nada
 E fecham os olhos pro que tá cego já viu
 O revoltante retrato da vida urbana no Brasil
 E eu não me refiro ao 175 ou qualquer tipo de
 central
 Eu tô falando de dia a dia e qualquer hora em
 qualquer local
 Porque esse rap não é sobre nada especial...

 Autor e Interpretador: Gabriel o Pensador
 Música: Rap do 175

2. Identifique e registre, com base na letra da canção, problemas urbanos;

3. Justifique dois problemas identificados.

Bom Trabalho! 🎓